UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

THIAQUELLINY TEIXEIRA PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SANTIDADE:
Santos populares no interior da Bahia**

Versão corrigida

São Paulo

2017

THIAQUELLINY TEIXEIRA PEREIRA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SANTIDADE:

Santos populares no interior da Bahia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Reginaldo Prandi

Versão corrigida

De acordo

Orientador

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P436c   Pereira, Thiaquelliny Teixeira
              A construção social da santidade: santos
populares no interior da Bahia / Thiaquelliny
Teixeira Pereira ; orientador José Reginaldo Prandi.
- São Paulo, 2017.
              204 f.

              Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Sociologia. Área de concentração:
Sociologia.

              1. Sociologia. 2. Religiosidade Popular. 3.
Santos. 4. Catolicismo. I. Prandi, José Reginaldo,
orient. II. Título.

PEREIRA, T.T. **A construção social da santidade:** santos populares no interior da Bahia.
Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Aprovado em: 19/09/2017

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, por confiar a mim uma bolsa de estudos (processo nº 201311180-0) que foi fundamental para a condução da presente tese de doutorado.

Ao parecerista *ad hoc* da FAPESP, por ter acompanhado todas as fases de realização do trabalho e pelos preciosos comentários e orientações, sempre com muito fundamento e que nortearam a conclusões mais concretas.

Ao meu orientador Reginaldo Prandi, pelo caloroso acolhimento e por me oferecer uma valiosa oportunidade de alçar voos mais altos na área da sociologia da religião. Contigo, aprimorei meu potencial investigativo, tanto para responder como para trazer à luz diversas questões sociológicas. Sinto-me muito honrada por ser sua orientanda. Muito obrigada por toda a sua generosidade intelectual. Sou eternamente grata a tudo que você fez por mim.

Ao professor Antônio Flávio Pierucci (*in memoriam*), muito obrigada por ter compartilhado comigo um pouco de seu imenso conhecimento. Sem dúvidas, foi um dos melhores professores que já tive.

À Mônica Schettini, pela participação da banca de qualificação do meu trabalho de doutorado e suas considerações, sempre muito bem fundamentadas.

Ao professor Ricardo Mariano, pela participação da banca de qualificação de doutorado, cuja preciosa leitura do meu trabalho gerou importantes mudanças à confecção da tese final. Obrigada também por ter aceitado participar da banca de defesa de tese.

Aos professores doutores André Ricardo de Souza, Brenda Maribel Carranza Dávila, Eliane Hojaij Gouveia, exímios estudiosos da sociologia da religião. Sinto-me honrada em tê-los como membros da banca de defesa desta tese. Outrossim, agradeço com grande estima aos professores doutores Célia da Graça Arribas, João Luiz de Almeida Carneiro, Marcos César Alvarez e Massimo Bonato, por participarem como membros suplentes.

A todas as pessoas do Departamento de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em especial ao secretário Gustavo.

A todos os companheiros desta indescritível jornada e colegas do grupo de pesquisas “Diversidade religiosa e secularizada” sob coordenação de Reginaldo Prando: Guilherme Borges, João Luiz de Almeida Carneiro, Luiz Jácomo, Massimo Bonato, Monica Schettini e Renan William. Nossas discussões sempre foram muito produtivas e também muito úteis na produção deste trabalho. Um agradecimento também à Lena, cozinheira de mão cheia, que sempre nos preparava deliciosas refeições durante as reuniões.

Aos meus amados, Adenita (mãe), Geraldo (pai), Geraldo (irmão), e aos meus familiares mais distantes, por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e me ajudando, cada um à sua maneira, em todos os momentos da minha vida.

Ao meu companheiro Yuri, por estar sempre comigo nesta árdua caminhada pelo doutorado. Juntos somos mais fortes, sempre.

*"Todas as religiões são fundadas no
temor de muitos e na inteligência de
poucos."* Stendhal (Henri-Marie Beyle,
1783 - 1842†)

RESUMO

PEREIRA, T. T. **A construção social da santidade:** santos populares no interior da Bahia. 2017. 204 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho se propõe a analisar a construção social da santidade. Desde o início da era cristã, o povo é o grande responsável por fazer santos. Os primeiros santificados foram os mártires e os confessores, que declararam publicamente a sua fé em Cristo com o risco iminente de morte. Com o fim da perseguição romana aos cristãos, início do século IV, os olhos do povo se voltaram para os ascetas. Apesar de eles terem um estilo de vida de restrições autoimpostas, que simbolizava um martírio diário, foi a taumaturgia, a capacidade de operar milagres, que fez com que os ascetas fossem devotados e proclamados santos pelo povo. Após a reforma gregoriana, a Igreja reservou para si o direito de proceder com a canonização; contudo, ela ainda hoje não conseguiu controlar a santificação popular. Novos santos continuam surgindo alheios ao seu controle, como os santos do interior do estado da Bahia, Brasil, santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro. Os dados foram coletados durante as pesquisas de campo, realizadas nas cidades de Guanambi, Cândido Sales e Ribeirão do Largo, onde estão localizados os túmulos dos respectivos santos. As análises mostram que além do já conhecido martírio, a fama de milagreiro se firma como a principal razão da construção social da santidade. Digo fama de milagreiro e não o milagre em si, já que para os devotos dos santos populares, o milagre é visto, de forma simplificada, como quaisquer tipos de ajuda.

Palavras-chave: Canonização. Igreja Católica. Religiosidade Popular. Santidade. Santos Populares. Sociologia da Religião.

ABSTRACT

PEREIRA, T. T. **The social construction of the sanctity:** popular saints in the interior of Bahia. 2017. 204 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This work proposes to analyze the social construction of the sanctity. Since the beginning of the Christian era, the people are the greatest responsible of creating saints. The first two groups to be sanctified were the martyrs and confessors, that publicly declared their faith in Christ even with the imminent risk of death because it. With the end of the Christian persecution from the romans, in the beginning of IV century, the interest of people came to the ascetics. Despite their lifestyle of self-imposed restrictions, the thaumaturgy, that is, the capacity of operating miracles, that made ascetics proclaimed and devoted by the population. After the Gregorian Reform, the Church reserved to itself the right to proceed with the canonization; however, the popular sanctification is a topic that could not be fully controlled by the Catholic Institution yet. New saints are still being emerging, such as those of the interior of Bahia state, Brazil, Saint Leocádia, Saint Antônio and Saint Pedro. The data were collected through field researches conducted in the cities of Guanambi, Cândido Sales and Ribeirão do Largo, where the tombs of these saints just mentioned are located, respectively. The analyses demonstrate that beyond the well-known fame of martyr, the fame of miracle worker is the principal reason for the social construction of sanctity. I mean, the fame of miracle worker and not the miracle itself, because to the popular saints devouts, the meaning of miracle is considered to be any kind of a simple help.

Keywords: Canonization. Catholic Church. Popular Religiosity. Sanctity. Popular Saints. Sociology of Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 –	Basílica de São Pedro, na Praça São Pedro, cidade do Vaticano.....	34
Figura 02 –	Praça São Pedro, cidade do Vaticano.....	35
Figura 03 –	Faixas populares em prol da santificação imediata do papa João Paulo II.....	41
Figura 04 –	Faixas populares em prol da santificação imediata do papa João Paulo II.....	42
Figura 05 –	Vista do lajedo do túmulo de santa Leocádia.....	54
Figura 06 –	Placa na rodovia BR 116 sinalizando a direção a ser tomada para o túmulo de santo Antônio. Estrada de terra que dá acesso ao referido túmulo.....	56
Figura 07 –	Vista da feira popular com suas barracas improvisadas de forquilhas e lonas plásticas.....	57
Figura 08 –	Foto panorâmica do entorno da romaria a santo Antônio.....	57
Figura 09 –	Imagens de santo Antônio de Pádua.....	60
Figura 10 –	Imagens de santo Antônio de Pádua.....	60
Figura 11 –	Membros da paróquia no ano de 2014; 2015 e 2016.....	61
Figura 12 –	Padre explicando a construção do palanque. Detalhe da construção.....	64
Figura 13 –	Palanque na romaria de 2014. Palanque após melhorias na romaria de 2015.....	64

Figura 14 –	Foto de cima do palanque antes de começar a missa. Foto da feira de comércio.....	65
Figura 15 –	Espaço de devoção a são Pedro antes e depois da romaria.....	66
Figura 16 –	Mapa atual da localização de Guanambi.....	76
Figura 17 –	Caldeirão onde foi atirado o corpo de Leocádia.....	79
Figura 18 –	Túmulo de Leocádia, foto tirada em 2015 e 2016.....	80
Figura 19 –	Toca dos índios.....	81
Figura 20 –	Mapa de reconstrução cartográfica do termo de Rio de Contas do século XVIII.....	83
Figura 21 –	Mapa atual da localização de Cândido Sales.....	85
Figura 22 –	Foto do Túmulo de Antônio em 2014 e 2016.....	86
Figura 23 –	Missa de santo Antônio.....	87
Figura 24 –	Mapa atual da localização de Ribeirão do Largo.....	88
Figura 25 –	Foto de Pedro Afonso do Nascimento.....	90
Figura 26 –	Túmulo de Pedro Afonso do Nascimento.....	92
Figura 27 –	Busto de Pedro Afonso do Nascimento.....	93
Figura 28 –	Construções na cova de Pedro.....	94
Figura 29 –	Foto panorâmica do município de Ribeirão do Largo, em 2015.....	94

Figura 30 –	Romaria à cova de Pedro, 2015.....	95
Figura 31 –	Caldeirão onde foi encontrado o corpo de Leocádia.....	104
Figura 32 –	Devotas lavando seus cabelos com a água do caldeirão.....	105
Figura 33 –	Devota lavando seus pés com a água do caldeirão.....	106
Figura 34 –	Devota recolhendo a água do caldeirão.....	107
Figura 35 –	Cruzeiro de aroeira.....	112
Figura 36 –	Última barraca vista na romaria à Leocádia, 2014.....	116
Figura 37 –	Devotos no lajedo.....	118
Figura 38 –	Devotos ao redor do túmulo de Leocádia.....	118
Figura 39 –	Devotos em circulando o túmulo de Leocádia.....	119
Figura 40 –	Mapa do arraial Beija-flor da época em que Leocádia habitava o lugar... 121	
Figura 41 –	Ex-votos de gado feitos com cera de abelha.....	128
Figura 42 –	Ex-votos de animais de estimação.....	129
Figura 43 –	Família em devoção.....	130
Figura 44 –	Devotos assistindo à missa em homenagem a santo Antônio.....	131
Figura 45 –	Túmulo de Antônio, 2014 e 2016.....	132

Figura 46 –	Gazofilácio móvel de madeirite posicionado imediatamente ao lado do túmulo do santo Antônio popular.....	133
Figura 47 –	Cofre imóvel de concreto posicionado imediatamente embaixo da imagem de santo Antônio de Pádua, dentro da sala de milagres.....	133
Figura 48 –	Gazofilácio ao lado da imagem de santo Antônio de Pádua.....	134
Figura 49 –	De tempos em tempos, fiscais retiram as ofertas depositadas pelos devoto.....	134
Figura 50 –	Vista exterior e frontal da capela. Vista do interior da capela com o túmulo de Pedro ao centro.....	143
Figura 51 –	Jazigo de Maria Roxa sendo utilizado pelos devotos como velário.....	145
Figura 52 –	Urnas localizadas ao fundo do jazigo de Pedro para os devotos depositarem suas ofertas.....	146
Figura 53 –	Devota Midian mostrando o dedo do pé sarado; acendendo suas velas.....	155
Figura 54 –	Devota Rosa acendendo suas velas; rezando a oração do Pai nosso.....	156
Figura 55 –	Devota Jucelia cumprindo sua promessa. Estrada que dá acesso ao túmulo de Leocádia iluminada pela lua.....	158
Figura 56 –	Devotos trazendo velas e flores para santa Leocádia.....	161
Figura 57 –	Devoto Mario apontando as melhorias feitas por ele	162
Figura 58 –	Área do túmulo logo após reforma liderada pelo devoto Gercino.....	163

Figura 59 –	Antiga cerca que resguardava o túmulo de Leocádia. Muro de bloco custeado pelo devoto Aroldo.....	164
Figura 60 –	Ex-voto de vestidos de noiva pendurados no teto e nas paredes.....	167
Figura 61 –	Ex-votos do vestido de noiva da devota Flávia, foto em detalhe permitindo que se veja o sujo na barra do vestido. Ex-voto do sapato de noiva.....	168
Figura 62 –	Ex-voto de pijamas e ceroulas.....	169
Figura 63 –	Vista panorâmica da sala dos milagres.....	171
Figura 64 –	Ex-votos feitos com cera de abelha pelos devotos.....	172
Figura 65 –	Ex-votos amontoados ao longo da romaria. Ex-votos guardados na caixa para economizar espaço.....	172
Figura 66 –	Diversas muletas, e um andador.....	173
Figura 67 –	Ex-voto de garrafas com água, simbolizando as chuvas.....	173
Figura 68 –	Ex-votos em fotos.....	174
Figura 69 –	Ex-votos pintados com temática sacra	174
Figura 70 –	Devotos tocando a cabeça de são Pedro. Em detalhe, o devoto tocando a cabeça do santo e depois a sua própria. Devotos ajoelhados ao redor do túmulo de são Pedro.....	177
Figura 71 –	Devoto Diógenes e seu milagre.....	178
Figura 72 –	Devota Amanda pagando a promessa do irmão. Devota Adelaine com os maços de vela.....	181

Figura 73 –	Devoto Lúcio e seu ex-voto de cabeça de cera de abelha.....	182
Figura 74 –	Devota Ana Paula e seu ex-voto de cabeça de parafina.....	183
Figura 75 –	Ex-votos de muleta depositadas no ano de 2014; 2015; 2016.....	184

SUMÁRIO

1	PRÊAMBULO.....	17
2	INTRODUÇÃO.....	19
3	O SER SANTO.....	23
3.1	SER SANTO E A SANTIDADE.....	24
3.2	SER SANTO NA SANTA SÉ.....	32
3.2.1	Breves considerações sobre o processo de canonização	38
3.2.1.1	Breves considerações sobre o processo de canonização do papa João Paulo II.....	39
4	PERCURSO METODOLÓGICO E DESAFIOS DO CAMPO.....	47
4.1	O PERCURSO METODOLÓGICO.....	47
4.2	DESAFIOS DO CAMPO: SANTA LEOCÁDIA.....	51
4.3	DESAFIOS DO CAMPO: SANTO ANTÔNIO.....	55
4.4	DESAFIOS DO CAMPO: SÃO PEDRO.....	63
4.5	OS DADOS E AS ANÁLISES.....	68
5	HAGIOGRAFIAS: BREVES ESTUDOS.....	73
5.1	SANTA LEOCÁDIA.....	76
5.2	SANTO ANTÔNIO.....	82
5.3	SÃO PEDRO.....	88
6	DEVOÇÃO AOS SANTOS.....	96
6.1	DEVOÇÃO À SANTA LEOCÁDIA.....	98
6.1.1	Leocádia: uma trabalhadora famigerada.....	98
6.1.2	Leocádia: vítima da maldade.....	100
6.1.3	Leocádia: uma beleza intocável.....	102
6.1.4	Leocádia e o castigo que vem do céu.....	108
6.1.5	Santa Leocádia, a fé e a igreja.....	113
6.1.6	Santa Leocádia e a prefeitura.....	119
6.1.7	Considerações remissivas sobre Santa Leocádia.....	120
6.2	DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO.....	122
6.2.1	Santo Antônio e os tropeiros.....	122
6.2.2	Santo Antônio e os boiadeiros.....	125
6.2.3	Santo Antônio e os animais.....	126

6.2.4	Santo Antônio e a Igreja.....	131
6.3	DEVOÇÃO A SÃO PEDRO.....	135
6.3.1	Pedro: santo benzedor.....	135
6.3.2	Pedro: um santo boiadeiro.....	141
6.3.3	São Pedro, a prefeitura e a igreja.....	145
6.3.4	Considerações remisscentes sobre Pedro.....	147
7	DO MILAGRE AO SANTO.....	150
7.1	MILAGRES INTERCEDIDOS POR SANTA LEOCÁDIA.....	154
7.1.1	O milagre e seu temor.....	154
7.1.2	O milagre é evangelizador.....	159
7.2	MILAGRES INTERCEDIDOS POR SANTO ANTÔNIO.....	165
7.2.1	Milagres de um santo casamenteiro.....	165
7.2.2	Milagres de todas as sortes.....	170
7.3	MILAGRES INTERCEDIDOS POR SÃO PEDRO.....	175
7.3.1	Chuva de milagres.....	175
7.3.2	Milagres e testemunhos.....	177
7.3.3	Milagres para os outros.....	179
7.3.4	Milagres e ex-votos.....	181
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
	REFERÊNCIAS.....	189
	ANEXO A.....	203
	ANEXO B.....	204

1 PREÂMBULO

A presente tese de doutorado é fruto de uma pesquisa social do tipo qualitativa, de forte teor empírico e de caráter explicativo sobre a construção social da santidade. Para tanto, delimitou-se como universo social estudado os devotos dos santos populares não canonizados: santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro. Todos eles estão representados ampla e geograficamente pelas cidades baianas de Guanambi, Ribeirão do Largo e Candido Sales, respectivamente. Por meio de frequentes pesquisas de campo, foi possível realizar uma extensa coleta de dados, os quais dão valor às particularidades e experiências de todos os indivíduos entrevistados. Após a minuciosa análise desses dados, em conjunto com uma profunda revisão da literatura, foi possível a conversão de todo conteúdo a resultados sólidos ora apresentados.

É importante destacar que os santos populares tratados aqui são vistos não como estudos de caso, cujo enfoque seguiria por trilhas outras comumente abordadas, mas sim como exemplos do fato concreto deste estudo: a construção social da santidade.

Esta tese está dividida em sete capítulos principais, juntamente com seus subcapítulos. Obviamente, a introdução, segundo capítulo, introduz o leitor à problemática da santificação popular, que ocorre dentro do catolicismo popular rustico.

No terceiro capítulo, o ser santo, apoio-me na teologia católica para explicar as dimensões da santidade, explano a origem dos primeiros santos e do interesse da Igreja pelo assunto, bem como o processo de canonização de acordo com o estabelecido pela Santa Sé.

Após esses capítulos que visam colocar o leitor a par do processo não oficial e oficial de santificação em termos gerais, no quarto capítulo, “percurso metodológico e desafios do campo”, volto a atenção ao estudo do processo de santificação dos santos populares objetos deste estudo. Nele, busco detalhar os desafios encontrados nas romarias à santa Leocádia em Guanambi, a santo Antônio em Cândido Sales e a são Pedro em Ribeirão do Largo. Suas informações não só possuem fins didáticos, como também podem servir de modelo para futuras pesquisas.

No quinto capítulo, “hagiografias: breves estudos”, dedico-me à investigação e produção da história de vida de santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro. Para isso, baseio-me, sobretudo, mas não somente, na memória transmitida pela oralidade, acessível por meio de entrevistas realizadas durante as pesquisas de campo. O modelo de entrevista escolhido foi o da diretiva semiestruturada, que prima pela qualidade e oferece maior espaço e liberdade à fonte, que conta àquilo que vem de sua memória.

No sexto capítulo intitulado “devoção aos santos”, tópico de grande importância deste trabalho, trato das primeiras devoções religiosas em a favor de santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro, as quais eu tive conhecimento a partir dos dados coletados durante a pesquisa de campo. A análise de como as práticas religiosas se constituíram progressivamente é de extrema importância na compreensão do processo de santificação popular.

No sétimo capítulo, do milagre ao santo, abordo a questão do milagre, de como os devotos dos santos populares o enxergam, e da sua importância como prova de santidade.

Por fim, no oitavo capítulo, encerro a presente tese de doutorado expondo as considerações finais sobre como ocorre o processo da construção social da santidade, especialmente nas cidades interioranas da Bahia.

2 INTRODUÇÃO

A santificação popular é uma prática tradicional que existe desde o início da era cristã. Os primeiros santificados foram os mártires, os confessores, e depois, os ascetas.

Somente no século XI, depois da reforma gregoriana, foi que o papado reagiu com vigor às manifestações populares. Contudo foi com o papa Alexandre III, de 1159 até 1181, quem decidiu que as causas de canonização seriam reservadas à Santa Sé. Para tanto, instituiu-se um processo de canonização em que, oficialmente, apenas o papa tem o poder de decretar quem pode ser santo. Após a morte, momento em que o cristão não tem mais como pecar, e de passar pelo processo de canonização, é que, se positivo, recebe-se o parecer papal. Desse modo, o santo ganha um lugar de honra nos altares e um dia do ano para a veneração litúrgica.

De acordo com o bispo Servilio Conti (1997), em cada época da história da Igreja surgiram, providencialmente, novos modelos de santidade conforme as necessidades dos tempos, mas ele destaca que há modelos de santidades que se repetem, em diferentes momentos, denotando a permanência ou a retomada de alguns perfis. Para Peixoto (2006) foram as questões políticas e sociais que condicionaram modelos de santidade ao longo do tempo.

Mesmo com os esforços por parte da Igreja, ela não consegue controlar as santificações populares. Novos santos continuam surgindo alheios ao seu controle. O estereótipo do martirizado ainda é comum, mas existem muitos personagens santificados popularmente que não seguem esse padrão. Uma vez já comprovado que os santos populares não são os mesmos, eles são variados e possuem diferentes características, acredita-se que o “ser santo” repousa na sociedade religiosa em questão e não estritamente no personagem cultuado. Destarte, delimita-se como universo de estudo da presente tese os

devotos e os seus santos não canonizados: santa Leocádia, santo Antônio¹ e são Pedro. Todos eles são da região sudoeste da Bahia, Brasil, representados geográfico e respectivamente pelas cidades de Guanambi, Ribeirão do Largo e Candido Sales.

Atualmente, o Brasil é o maior país católico do mundo ainda que, nos censos nacionais, o número de pessoas que se dizem católicas venha caindo regularmente. Segundo os dados demográficos publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1991 o número de católicos era de 83% em relação à população total estudada. Já nos anos de 2000 e 2010 foram quantificados 73,6% e 64,6% de católicos respectivamente. De acordo com a pesquisa, tal diminuição se deve principalmente ao aumento do número de evangélicos (de 9%, em 1991, passou para 15,4% em 2000 e 22,2% em 2010) e daqueles que se consideram sem religião (de 4,7%, em 1991, para 7,4% em 2000 e 8% em 2010). Apesar do declínio que atinge todo o país, o Nordeste se sobressai como sendo a região mais católica. No ano de 2000 e 2010 ele apresentava 79,9% e 72,2% respectivamente da população total como crentes nessa religião².

A santificação popular brasileira acontece no que se pode chamar de catolicismo popular. Maria Isaura de Queiroz (1968) afirma que no país existem dois tipos de catolicismo, o catolicismo oficial e o catolicismo popular, que por sua vez se divide em urbano e rural. É neste último, conhecido também como rústico, que concentro minha atenção. Segundo a autora, “o povo brasileiro foi obrigado a se adaptar a duas condições fundamentais, desde os primeiros tempos da colonização: quantidade mínima de sacerdotes e falta de conhecimento religioso.” (Queiroz, 1968, p. 105). Com isso, elementos do catolicismo oficial, trazidos pelos poucos sacerdotes, e do catolicismo popular praticado em Portugal, trazidos pelos colonos portugueses, transformaram-se e outros novos surgiram. É justamente nessa comunhão religiosa enfraquecida de corpo eclesial e doutrinário que busco entender a construção social da santidade

Apesar de já haver trabalhos que abordam a religiosidade popular e os seus santos, pouca atenção foi dada à compreensão do processo de santificação popular em si. O que prevalece são os estudos das manifestações religiosas e de caso sobre esses tipos de santos

---

¹ Alguns devotos também usam a expressão “santo irmão Antônio” e “irmão Antônio” ao se referirem ao “santo Antônio.” No decorrer da tese utilizarei apenas a expressão “santo Antônio” não só por estilo literário, mas principalmente porque, independentemente da expressão utilizada pelos seus devotos, ele é sempre visto como santo.

² Os dados são do censo demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicado em 29 de junho de 2012.

em diversas regiões brasileiras³ e mesmo assim, muitos desses santos ainda continuam desconhecidos pela academia.

No catolicismo popular, presente em todo o Brasil, é marcante o culto aos santos e a relação intimista entre os devotos e seus santos. Tal característica devocional está fortemente presente na religião objeto deste estudo, cidades interioranas do sudoeste do estado da Bahia, onde apesar de os santos cultuados não estarem presentes na lista da Igreja, é com base em seus preceitos que os referidos devotos os homenageiam. As manifestações mais expressivas são as romarias, baseadas no calendário oficial católico. As romarias à santa Leocádia acontecem sempre nas sextas-feiras santas; as de santo Antônio no dia de santo Antônio, 13 de junho; são Pedro no dia de são Pedro, 29 de junho. Elas movimentam toda a região e se constituem como um marco no calendário comemorativo local. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (1989), reconhecido especialista em religiosidade popular:

“Algumas sociedades comemoram com mais ênfase certos acontecimentos e situações, enquanto outras os deixam em segundo plano e dão mais importância a outros. Nas cidades médias e grandes as festas cívicas, históricas e profanas conquistam um lugar de crescente importância, enquanto nas cidades pequenas e nos povoados do interior elas ocupam um segundo plano, e os festejos

---

³ Em Juazeiro, Ceará, há o culto ao Padre Cícero. Ele foi morar na referida cidade em 1872 após ter um sonho em que Jesus dizia para ele tomar conta dos pobres. O padre fez um intenso trabalho pastoral no local, tornou-se um líder político e religioso e foi excomungado pelo Vaticano por embuste. Tal tema foi estudado por Neto (2009), Braga (2007), Araújo (2005), Stinhen (2000). Em Campinas, São Paulo, no cemitério da Saudade há dois túmulos cultuados: o de Jandira, uma prostituta, que morreu queimada após atear fogo nas vestes; o de Antoninho, principal escravo do Barão Geraldo de Rezende; ambos estudados por Calavia Sáez (1996). No Rio Grande do Sul há três casos de santas-prostitutas. Maria do Carmo, uma prostituta assassinada, por causa de ciúmes, teve seu corpo esquartejado e parcialmente devorado por cães. Isabel Guapa, uma prostituta que levava uma vida luxuosa por ser amante de um rico fazendeiro local, cuja esposa mandou assassiná-la. Maria Degolada, prostituta e amante de um ciumento cabo da brigada militar, que a degolou com uma faca. Todas elas foram estudadas por Fagundes (1984). Em Uberlândia, Minas Gerais, acontece o culto ao João Relojoeiro, que mesmo inocente foi acusado de roubo, preso, torturado e morto pela polícia no ano de 1956. Tal caso foi estudado por Correia (2003). Ainda no estado de Minas Gerais, existe a devoção ao padre Libéro, um falecido sacerdote visto como santo pela população, embora a Igreja apenas o considere como um servo de Deus. Tal padre foi estudado por Antônio (1997), Gomes (2011), Etelvino (1989), Meireles (2004) e Silva (2004). No Rio Grande do Norte há o culto ao cangaceiro Jararaca e ao ladrão homicida Baracho, estudados por Freitas (2006). O primeiro fazia parte do bando de Lampião, foi ferido à bala por policiais e enterrado ainda vivo; o segundo, conhecido como matador de motorista, foi preso e exposto à visitação pública no período em que estava na cadeia e ao fugir, foi alvejado e posteriormente fuzilado pelos policiais. Em Belém, Pará, há o caso de Camilo Salgado – estudado por Costa (2004) –, um médico, conhecido por dar assistência gratuita aos menos favorecidos, cujo túmulo é local de peregrinação. Ainda em Belém acontece o culto a Severa Romana, uma jovem de 19 anos, grávida, casada, que foi morta a facadas em 1900 por um cabo da brigada militar ao recusar ser sua amante. Sua história foi tema do Seminário “A memória de Severa Romana: de mulher a Santa Popular”, ocorrido em 2009 no Centro de Memória da Amazônia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

locais e religiosos povoam quase todo o calendário.” (Brandão, 1989, p. 7).

Tais festejos religiosos, de escasso conteúdo litúrgico e sacramental, representam uma forte marca da presença do catolicismo rural, que tem como uma de suas características fundamentais o fato de a vida social ligada ao lazer e a diversão ser permeada por valores religiosos (Camargo *et alii*, 1973). De fato, é o que se pode observar na região estudada. As referidas romarias funcionam como lazer e sociabilidade significantes para os devotos em questão, que possuem um modo de viver simples, uma religiosidade rústica e hábitos ainda presos a um tipo de sociedade rural.

Os santos baianos discutidos aqui são vistos não como estudos de caso, cujo enfoque seguiria por trilhas outras, comumente abordadas, mas sim como exemplos do fato concreto deste estudo: a construção social da santidade. O texto que se segue é fruto de uma pesquisa social do tipo qualitativa, de forte teor empírico e de caráter explicativo.

3 O SER SANTO

Neste capítulo, procuro mostrar o que é ser santo por diferentes perspectivas. Inicialmente, recorri ao pensamento católico para explicar a santidade e quais os seus sentidos. Por meio do estudo de textos bíblicos, procuro apresentar o sentido de ser santo, tendo Jesus Cristo como a principal referência de todos os santos. Discuto sobre as primeiras categorias santificadas pelo povo: os mártires, os confessores e os ascetas. Também mostro o interesse da Igreja em reservar para si o direito de dizer quem pode ser santo.

Em um segundo momento, disserto sobre o processo de canonização realizado pela Santa Fé, como ele surgiu e foi se aprimorando até chegar ao atual processo de canonização. Também mostro quais os critérios que o candidato a santo deve cumprir para que, no final, ele possa ser enunciado pelo papa. Além disso, trago breves considerações sobre o processo de canonização do papa João Paulo II, qual a influência da população e os interesses da Igreja.

3.1 SER SANTO E A SANTIDADE

Por meio de uma perspectiva católica, recorro a exemplos descritos na Bíblia⁴, obra sagrada para o cristianismo e que tem valor doutrinário e documentário, para entender como algo e/ou alguém podem ser santificados. Começando do começo, pelo livro Gêneses:

“Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação.” (Gênesis 2:2-3).

Nesse ínterim, há seis dias profanos e um dia santificado. Durante esses seis dias os homens podem trabalhar, seja por interesse ou por prazer; contudo, o dia santificado por Deus, o sétimo, que é o sábado, *shabbat*, deve ser dedicado a Ele, diferenciando-se assim dos demais. Há, portanto, uma nítida separação entre o profanado e o santificado, o sagrado, neste caso, observada nos dias da semana, com a parte reservada a Deus díspar das demais. “Pelo estudo das raízes usadas, a etimologia, tanto em hebreu quanto em grego, sugere uma separação – uma coisa posta à parte – uma reserva para Deus” (Douillet, 1960, p. 13). Tal separação (sagrado ≠ profano) também é vista em Êxodo, no episódio da sarça ardente.

“Ele disse: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa.” Disse mais: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.” Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus.” (Êxodo 3:5-6).

Nota-se novamente uma separação, uma distinção, entre o profanado e o sagrado, a terra comum e a terra santa. Nem todos os lugares são iguais, há aqueles que são diferenciados, lugares santos que Deus reservou para si, pois foram neles que a Sua presença se manifestou e por isso, conseqüentemente, santificou-os. Por serem

---

⁴ Utilizo a Bíblia de Jerusalém por acreditar que ela é a melhor edição da Bíblia cristã já traduzida para o português. A Bíblia de Jerusalém é a tradução da edição francesa *Bible de Jérusalem*, titulada assim por ser fruto de estudos feitos pela Escola Bíblica de Jerusalém. Sua tradução parte dos textos originais, ela ainda oferece introduções e notas científicas que tratam, entre outras coisas, de referências geográficas, históricas, literárias, culturais.

considerados lugares santos não devem receber o mesmo tratamento que os outros, os profanos, comuns, naturais. O próprio Deus disse a Moisés para tirar suas sandálias ao pisar na terra santa, um gesto de submissão e respeito. Ao tirar suas sandálias Moises reconhece-se como servo de Deus. Moises também cobriu seu rosto por temor a Deus, que é o santo dos santos. Gilberto de Mello Kujawski afirma que o santo, tanto objeto quanto pessoa, é envolvido pela aura do temor. “A palavra latina *sacer* significa “santo” e também “maldito”” (Kujawski, 1994, p. 42). Teme-se a Deus e tudo o que fora santificado por Ele.

“Os lugares santos são interditos aos profanos e o simples contato dos seres santificados é tão temível, porque tais lugares e tais seres participam da santidade de Deus. A santidade de Deus é a fonte e a razão de ser de toda santidade.” (Douillet, 1960, p. 14).

Pensando teologicamente, pode-se afirmar que toda a santidade emana de Deus. Em Levítico, pode-se ver o homem convocado a imitar a Sua santidade. “Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel. Tu lhes dirás: Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou santo.” (Levítico 19:2). Diante de tal chamado surge um importante questionamento: como poderá o homem, que é apenas pó e cinza, como Abraão reconheceu ser diante de Deus, Gênesis 18:27⁵, ser santo? A resposta se encontra no mistério da Santíssima Trindade. “Na trindade eterna, o Filho reflete integralmente o esplendor do Pai, porque o Pai nada reserva para Si, e tudo dá ao Filho. Mas o próprio Filho nada guarda para Si mesmo e, por amor, dá-se todo inteiro ao Pai.” (Douillet, 1960, p. 20). Para que a natureza humana pudesse enfim ser santificada, foi necessária a vinda de Jesus Cristo, conhecido por todo cristão como o verdadeiro filho de Deus. Foi como “o santo” e “filho de Deus”, que Jesus foi anunciado a Maria pelo anjo Gabriel. “O anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.” (Lucas 1:35).

Jesus também foi descrito como “o Salvador.” “Ela dará a luz a um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados.” (Mateus 1:20)⁶. O que o consagrou como o salvador foi a sua crucificação, uma ato que Caifás considerava necessário.

---

⁵ “Disse mais Abraão: “Eu me atrevo a falar ao meu Senhor, eu que sou poeira e cinza.”” (Gênesis 18:27).

⁶ Foi o que disse um anjo em sonho a José.

“Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda? Não dizia isso por si mesmo, mas sendo Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos. Então, a partir desse dia, resolveram matá-lo.” (João 11:50-53).

Segundo a narrativa bíblica, Jesus foi preso no Getsêmani, jardim de oliveiras localizado em Jerusalém, após ter feito a última ceia em companhia de todos os doze apóstolos⁷. Ele foi julgado por Sinédrio, Pilatos e Herodes Antipas como culpado de ser o messias e o rei dos judeus e condenado à crucificação por isso. Antes de sua execução na cruz, ele foi flagelado, com 39 chibatadas, humilhado e zombado pelos soldados romanos, que lhe deram uma coroa de espinhos e um robe púrpura como analogia a um rei. Na sexta-feira, no Monte Calvário, Jesus foi pregado na cruz, que ele próprio foi obrigado a carregar, ao lado de dois ladrões, Dimas (o ladrão arrependido) e Gestas, tendo resistido ao martírio por cerca de nove horas, Marcos 15:34-37. No terceiro dia Jesus Cristo ressuscitou e apareceu aos apóstolos e à multidão, como escreveu o apóstolo Paulo:

“Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi: Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a maioria dos quais ainda vive, enquanto alguns já adormeceram. Posteriormente apareceu a Thiago, e, depois, a todos os apóstolos. Em último lugar, apareceu também a mim como a um abortivo.” (Coríntios 15:3-8).

A crucificação, ocorrida supostamente no ano de 33 depois de Cristo, é entendida por todo cristão como o sacrifício que redimiou os pecados da humanidade e tornou a salvação possível. Como disse o apóstolo João: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (João 1:29). Tal crença é atualmente fortalecida durante a celebração das missas, “– creio na remissão dos pecados”.

Jesus Cristo é a grande referência de santo para os cristãos. Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a santidade consiste na “união perfeita com

---

⁷Jesus Cristo teve doze apóstolos ao todo, são eles: Pedro, André, Tomé, Filipe, Mateus, Bartolomeu, Thiago Maior, Thiago Menor, Simão, João, Judas Tadeu e Judas Iscariotes.

Cristo.” O apóstolo Paulo se diz imitador de Jesus e invoca todos os homens a serem também. “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo.” (Coríntios 11:1). Somente “em Cristo”, fórmula defendida pelo teólogo Jacques Douillet, é que o homem comum, profano, poder-se-á tornar-se santo.

Os primeiros grandes imitadores de Cristo foram os mártires. “A palavra “mártir” vem do grego *márturos*, que significa “testemunho.” Ao sofrerem o martírio, os primeiros cristãos davam testemunho de sua inteira entrega a Deus.” (Augras, 2005, p. 17). Eles morriam não só por Cristo, mas também como ele, está aí o sentido da fórmula “em Cristo”, um selo de total submissão a Jesus Cristo. Ao devotarem a Jesus Cristo com heroísmo, eles passaram a ser considerados pelos primeiros cristãos como verdadeiros santos. Dessa forma surgiram os primeiros santos⁸. No início, os seguidores de Jesus eram perseguidos não só por determinação do império romano, mas também por judeus que temiam a heterodoxia judaica e não simpatizavam com a seita cristã. Acredita-se que o primeiro mártir foi o diácono Estêvão:

“Estêvão, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo. Interviram então alguns da sinagoga chamado dos Libertos, dos Cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com o qual falavam. Subornaram então alguns para dizerem: “Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.” Amotinaram-se assim o povo, os anciãos e os escribas e, chegando de improviso, arrebatarem-no e o levaram à presença de Sinédrio. Lá apresentaram testemunhas falsas que depuseram: “Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu.” (Atos dos Apóstolos 6:8-14).

“E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: “Senhor Jesus, recebe meu espírito.” Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: “Senhor, não lhes leve em conta este pecado.” E, dizendo isto, adormeceu.” (Atos dos Apóstolos 7:58-60).

---

⁸ Os santos mártires são representados com uma folha de palmeira como prova de seu martírio. As folhas de palmeira são simbólicas, para os romanos elas representam a vitória. Foram essas as folhas utilizadas para saudar Jesus em sua entrada triunfal em Jerusalém, episódio conhecido como domingo de Ramos, dia que dá início a Semana Santa.

Além de Estêvão, é sabido que os apóstolos Tiago Maior, Tomé, Simão, Judas Tadeu, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Pedro, Paulo, André⁹, por exemplo, também foram martirizados, sem contar outros seguidores. Esses martírios contribuíram para, entre outras coisas, fortalecer a coesão e a convicção religiosa das primeiras comunidades cristãs. Todos os mártires eram vistos como exemplos a serem seguidos e reconhecidos como santos. Martírio e santidade gozavam basicamente do mesmo significado para o imaginário cristão daquela época.

É interessante notar que os atuais cultos tradicionais dos santos católicos tiveram suas origens com as honras inicialmente prestadas aos primeiros mártires sepultados. “A devoção aos mártires emergia espontaneamente como fruto de entusiasmo e de veneração dos fiéis que os consideravam heróis da cristandade perseguida” (Jurkevics, 2004, p. 111).

Para muitos povos, o túmulo é sagrado. Em Roma, depois de sepultado o corpo, independentemente de ser mártir ou não, as leis imperiais consideravam crime violar quaisquer sepulturas. Os primeiros cristãos acabaram se beneficiando dessa legislação, já que os corpos dos mártires ficavam em segurança. Eles passaram, ainda que discretamente, a se reunir em volta dos túmulos¹⁰ dos mártires em cerimônias comemorativas. Tais eventos também eram uma prática comum entre os pagãos; contudo, diferentemente deles, os cristãos comemoravam a data do sepultamento e não do nascimento, pois eles acreditam que a morte do mártir é o seu nascimento à vida da bem-aventurança. Tal entendimento permanece até os dias atuais, celebra-se culto ao santo no dia de sua morte.

Nem todos os cristãos declarados eram condenados à morte pelo martírio, muitos deles foram perseguidos, torturados, enclausurados etc. Esses eram conhecidos como confessores, pois confessaram publicamente sua fé em Jesus Cristo mesmo com o risco de

---

⁹ Acredita-se que Tiago Maior, executado por ordem de Herodes Agripa, governador da Judeia. Tomé foi morto por uma flechada em Calamina, cidade da Índia, onde fazia pregação. Simão, o Zelote, pregou na Mauritânia, na África e na Bretanha e também foi martirizado junto com Judas Tadeu. Filipe padeceu em Hierápolis, cidade da Frígia, onde foi crucificado e apedrejado até a morte. Bartolomeu foi crucificado em Albinópolis, na grande Armênia, e em seguida foi esfolado e decapitado. Mateus, chamado também de Levi, morreu transpassado com uma lança por ordem do rei Hircano. Pedro foi crucificado em Roma, por determinação do imperador Nero. Durante a sua execução, ele pediu para ser pregado de cabeça para baixo, pois não se achava digno de ser crucificado da mesma maneira que Jesus. Ainda por ordem de Nero, o apóstolo Paulo foi decapitado pela espada de um de seus dois escudeiros Ferega e Partêmio. Diferentemente de Pedro, Paulo gozava de cidadania romana e por isso recebeu uma morte rápida. André foi crucificado em Patras, cidade da Acaia, por Egéias, governador dos edessenos. Ele foi pregado em uma cruz em forma de x – cruz decussata –, que ficou conhecida com cruz de Santo André.

¹⁰ De acordo com a teoria animista, que defende que a origem do pensamento religioso surgiu a partir do culto aos espíritos, os túmulos teriam sido os primeiros altares.

perderem as próprias vidas. A perseguição romana aos cristãos só acabou com a chegada do imperador Constantino I ao poder. Segundo a lenda, Jesus teria aparecido para ele e lhe prometido vitória na batalha caso o cristianismo fosse adotado como a única religião do “mundo civilizado” e que o símbolo da cruz fosse alçado de forma triunfante na batalha (Fo; Malucelli; Tomat, 2007). Após Constantino vencer a Batalha de Ponte Mílvio, ele legalizou o cristianismo, adotando-a como a religião oficial do Império. Na sua época (324-337), houve uma grande expansão da Igreja e o culto aos mártires alcançou grande esplendor, sendo notórias as peregrinações em direção aos seus túmulos na época do aniversário de seus martírios. Com o fim da perseguição, os confessores foram libertados e passaram a gozar de grande popularidade, sendo também reconhecidos pelo povo como santos.

Os confessores não tiveram a glória do martírio, foram condenados às minas ou às prisões e muitos deles morreram anonimamente por enfermidades. Os sobreviventes usufruíam de uma posição de destaque nas igrejas. Nas cerimônias litúrgicas, eles eram colocados em posição próxima a dos sacerdotes. Aqueles que morreram no cárcere ou no exílio tiveram seus nomes incluídos nos martiriológicos¹¹. Oficialmente, confessor se tornou um título concedido pela Igreja aos santos e beatos que sofreram perseguição e tortura pela fé, mas não ao ponto do martírio público.

Após os mártires e confessores, os ascetas passaram a ser considerados como santos pelo povo. A vida dos ascetas era baseada na renúncia e na pobreza. Eles eram os campeões do jejum e da vigília. Segundo André Vauchez (1989), reconhecido especialista em cristianismo medieval, o ascetismo visava torna o homem semelhante a Cristo. Os ascetas viviam em constante penitência voluntária, tinham uma vida cheia de privações e eram, por tudo isso, considerados heróis da fé. Assim como os mártires que eram purificados pelo sofrimento e morte, os primeiros cristãos acreditavam que os ascetas eram purificados por meio das restrições autoimpostas. O estilo de vida dos ascetas simbolizava um martírio realizado todos os dias. Mesmo antes de falecerem, os ascetas já detinham a atenção e a admiração dos cristãos, eles eram famosos devido às excepcionais privações as quais se sujeitavam (Vauchez, 1989). “O sepultamento desses atletas da penitência passou a revestir-se de tanta solenidade quanto a deposição dos corpos martirizados. E seus nomes

---

¹¹ Os martiriológicos são calendários instituídos pelas igrejas com as atas dos mártires, constando o nome de cada mártir, a data e o tipo do martírio ocorrido e o seu sepultamento. Os martiriológicos surgiram como resposta aos eventos religiosos de devoção aos mártires, ocorridos ao redor de seus túmulos, nas datas de seus sepultamentos. Cada igreja possuía o seu calendário, martiriológico, que inicialmente mencionava apenas os mártires locais; contudo, com o passar do tempo, foram adicionados mártires venerados em outras igrejas.

foram escritos entre os mártires, nas listas dos martirológios” (Douillet, 1960, p. 76). Os nomes dos ascetas eram incluídos pelo bispo local sob o título de confessores. O Bispo era quem oficializava a devoção popular naquela época. Contudo, diferentemente dos mártires e dos confessores que mostraram publicamente a fé em Jesus Cristo sob a pena de perderem a própria vida, como seria possível saber se na privacidade os ascetas também levavam tal fé ao extremo? A resposta encontra-se na taumaturgia, a capacidade de operar milagres.

Santo Agostinho defendia que os milagres eram sinais do poder divino e prova de santidade. Além da boa reputação a qual eles gozavam, os ascetas eram julgados merecedores de culto pelos milagres verificados, sobretudo, postumamente em seus santuários por intermédio de suas relíquias. Segundo o glossário jurídico-canônico do Código de Direito Canônico, relíquias, *reliquiae*, é: “o que resta do corpo, dos vestidos ou dos objectos que pertenceram a um santo ou a um beato.” (Código de Direito Canônico, 1983, p. 393).

“A doutrina eclesiástica católica dividiu em três classes as relíquias dos santos, a saber: insignes, notáveis e mínimas. As relíquias insignes, conforme definição da Sagrada Congregação dos Ritos, de 8 de abril de 1623, são o corpo ou um membro de um santo, como por exemplo, a cabeça, um braço, uma perna, contanto que seja inteira e aprovada pela autoridade eclesiástica. As relíquias notáveis são definidas como um fragmento considerável de uma parte importante de seu corpo, como por exemplo, da cabeça, de um braço, de uma perna. Esses fragmentos só serão considerados novamente relíquias insignes, caso se consigam unir as partes retiradas à parte principal, de modo que formem novamente uma unidade completa, conforme determinou mais uma vez a Sagrada Congregação dos Ritos, em 3 de dezembro de 1672. As relíquias chamadas mínimas são aquelas caracterizadas por partículas do corpo de um santo, como um dente, uma unha, um fio de cabelo ou então partículas de relíquias insignes ou notáveis, como, por exemplo, as que se encontram encerradas em pequenos relicários e medalhas que as pessoas trazem pendurados no pescoço.” (Guimarães, 2012, p. 57).

As relíquias ganharam visibilidades porque elas passaram a ser vistas como instrumentos de milagres. Com o fim da perseguição romana aos cristãos, os imperadores permitiram a construção de igrejas que eram realizadas sobre os túmulos dos santos, que

são relíquias de grande prestígio, fundamentando assim toda uma teoria e prática do culto às relíquias.

“O culto às relíquias atravessou toda a Idade Média como elemento estruturador do território das cidades cristãs. Durante todo esse período, foi impensável a existência de uma cidade, igreja ou até mesmo altar sem uma relíquia.” (Cymbalista, 2006, p. 13).

As relíquias foram de extrema importância para a consolidação e expansão cristã, seja pela mobilidade dos corpos dos santos para a construção de novas Igrejas, seja por meio de pequenos fragmentos carregados pelos devotos por onde quer que eles fossem. Como a integralidade do santo permanecia presente em todas as suas partes, mesmo nas menores possíveis, o seu corpo podia ser fragmentado e distribuído, fazendo com que o santo estivesse presente em todos os lugares aonde suas relíquias fossem levadas.

As relíquias se tornaram objetos de veneração cada vez mais requisitados e, conseqüentemente surgiram muitas falsificações nesse mercado religioso extremamente lucrativo, já que os devotos, inebriados pela fé, pagavam caro nelas, sem ao menos questionarem sua veracidade e origem, na certeza de seus poderes sobrenaturais. Destarte, a Igreja passou a certificá-las.

O mais antigo pedido dirigido a Roma para a aprovação da elevação de um objeto à relíquia foi expedido pelo Bispo de Augsburgo, em 993, durante um sínodo presidido pelo papa João XV. Ele pediu permissão para ler perante a assembleia o relato da vida e dos milagres do seu predecessor, Bispo Ulrico, e obteve aprovação por unanimidade; destarte, o papa concedeu o direito de venerar a memória do santo Bispo, certificando a relíquia e a autenticidade do santo. Importante destacar que essa situação se configurou como o primeiro processo de canonização realizado pela Igreja, ainda que ocorrido de forma simplificada.

3.2 SER SANTO NA SANTA SÉ

Desde a época dos mártires, já discutido anteriormente como a primeira categoria de santos, a Igreja se fazia presente nas santificações, que eram de caráter popular. O bispo local era quem anotava a data e o local do sepultamento do mártir. Tal inscrição se chamava de cânon, canonização, que, nesse caso significa lista oficial dos santos.

“Até o século XI, a canonização se dava por consenso. Os bispos encaminhavam a proposta ao Papa, expressando o desejo das respectivas comunidades. É esta a origem do ditado “vox populi, vox Dei”: o consenso popular manifesta a vontade divina. Santo era quem todo mundo dizia que era santo.” (Augras, 2005, p. 22).

Somente no século XI, depois da reforma gregoriana, foi que o papado reagiu com vigor às manifestações populares. Contudo foi com o papa Alexandre III, de 1159 até 1181, quem decidiu que as causas de canonização seriam reservadas à Santa Sé e que, sem a autorização da Igreja, ninguém teria o direito de render culto público a um homem, mesmo que ele, aparentemente, operasse milagres. Assim sendo, apenas o papa é quem tinha a prerrogativa de dizer quem pode ser santo.

“A partir daí, haverá no Ocidente duas espécies de santos: aqueles que, tendo sido aprovados e reconhecidos pelo papa, poderão ser objecto de um culto litúrgico e os outros, que terão de contentar-se com uma veneração local.” (Vauchez, 1989, p. 219).

A partir do século XII, o método de canonização instituído pela Santa Sé foi lento e progressivamente se formando até o início do século XVII com o papa Urbano VII, que diante da enorme quantidade de canonizações anteriores ao seu mandato, concedeu aos cultos locais o benefício da prescrição centenária, uma tolerância a todas as canonizações anteriores a 1534.

No ano de 1917, o papa Bento XV publicou a primeira versão do Código de Direito Canônico. Baseado em tal código, o processo de canonização ficou definido em quatro etapas, distribuído em duas fases: diocesana e romana.

A fase diocesana é composta de três etapas: “servo de Deus”, “venerável” e “beato”. Servo de Deus é a titularidade que a Igreja dá ao candidato assim que o processo de canonização é oficialmente aberto. Venerável é o título dado ao candidato quando se

reconhece suas virtudes heroicas. Beato é o último título concedido ao candidato na primeira fase do processo canônico, momento em que ele é declarado bem-aventurado, *beatus*. Isso significa que o Pontífice permite que se realize culto público local. Para que o candidato em questão seja considerado beato, era exigido, entre outras coisas, que se esperassem no mínimo cinquenta anos após sua morte, a fim de se evitar que a santidade fosse fruto de uma fama passageira. O Bispo local era o principal responsável por esta fase do processo, por isso o nome dela ser diocesana. Ele deveria reunir escritos e interrogar testemunhas sobre a vida e morte do candidato, proceder a uma hagiografia, além de provar não ter havido ocorrido culto por antecipação, a fim de evitar uma devoção efêmera, fruto de uma popularidade fugidia. No caso de não ter existido o martírio, era preciso atestar ao menos dois milagres, esses averiguados em uma etapa posterior por peritos considerados idôneos. Tais documentos são enviados a Roma e examinados pela Congregação dos Ritos. Somente depois da apreciação favorável dos Cardeais é que o papa declara *introduza a causa*. A partir desse momento o processo desenvolve-se perante juízes designados pelo Prefeito da Congregação.

O referido dossiê composto pelos documentos sobre o candidato era entregue a um postulante residente em Roma, que atuava como representante da causa e indicava ainda um advogado, leigo ou clérigo, especializado em direito canônico, e licenciado pela Santa Sé. O advogado tinha como função elaborar uma síntese convincente de que a causa merecia ser recebida oficialmente. Nesse período se travavam debates acirrados entre o advogado da causa e o advogado do diabo, cuja função era apresentar objeções à candidatura. Se o advogado da causa saísse vitorioso, o processo era aceito pela Congregação para apreciação, uma etapa dispendiosa e que poderia demandar décadas.

A Congregação preparava um volume chamado *positio*, causa, com todo o material reunido, incluindo os argumentos do Promotor da Fé e do advogado da causa. Era nesse momento que o papa avaliava o material, chamado de Decreto de Introdução, e o ingressava na jurisdição da Santa Sé e, a partir de então, sua denominação passava a ser Processo Apostólico. Se durante esse período o advogado do diabo não exigisse uma nova reunião e julgamento, neste caso com a participação do papa, a documentação seguida, sendo traduzida para as línguas oficiais: latim, italiano, espanhol, francês e inglês, reflexo do maior número de causas de países nos quais esses idiomas são falados. Finalmente a Santa Sé expedia um Decreto de Validade do Processo, garantindo sua legitimidade. Se o parecer fosse positivo o candidato ganhava o título de venerável e tinha a sua beatificação.

Somente depois de cumpridas todas as exigências dessa primeira fase, que concede o título final de “beato”, é que se poderá dar início à segunda fase, a romana, que é o processo da canonização propriamente dito, capaz de conceder o título de “santo”.

Na fase romana, é necessária a comprovação de sinais divinos, representados por meio dos milagres. São requeridos, ao todo, quatro milagres, geralmente relacionados a problemas de saúde. Um grupo de médicos é chamado a estudar as provas, com o intuito de determinar se a cura, ela tinha que ser duradoura, poderia ou não ter ocorrido por meios naturais ou científicos. Em caso negativo, o processo era entregue a teólogos consultores que, mediante provas circunstanciais, opinavam se o alegado milagre poderia ter ocorrido por intermédio do candidato em discussão a santo. O estudo do milagre deve provar que Deus operou, de fato, um milagre, nesse caso uma cura física, por intermédio do candidato. Se o parecer dos consultores coincidissem de forma positiva com o dos cardeais, cabia ao papa certificar a aceitação do milagre e expedir uma Bula de Canonização, declarando que o candidato deve ser venerado como santo pela Igreja.

A cerimônia solene de enunciação do santo pelo papa acontece na Basílica de São Pedro, da Praça de São Pedro, Vaticano, onde ele o anuncia publicamente, em meio à missa, o novo santo, *sanctus*.

Figura 01: Basílica de São Pedro, na Praça São Pedro, cidade do Vaticano.
Fonte: site do Vaticano, disponível em:
<http://www.vatican.va/various/basiliche/san_pietro/it/basilica/esterno.htm#thumb>.
Acesso em 02 de fev. de 2016.

Figura 02: Praça São Pedro, cidade do Vaticano. Fonte: site do Vaticano, disponível em: <http://www.vatican.va/various/basiliche/san_pietro/it/basilica/esterno.htm#thumb>. Acesso em 02 de fev. de 2016.

Todo esse processo era muito caro e demorado. Deliberações oriundas do Concílio Vaticano II (1962-1965) tornaram o processo de canonização mais democrático, descentralizado e muito mais rápido. Tal Concílio foi convocado pelo papa João XXIII, por meio da bula papal *Humanae salutis*, em 25 de Dezembro de 1961. O Concílio Vaticano II, realizado em 4 sessões, teve seu fim quase 3 anos após o seu início, em 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI.

As reformas audaciosas provenientes do referido Concílio se deve principalmente ao desejo do papa João XXIII em promover um novo Pentecostes na Igreja. “Sem a ousada inspiração e a liderança convicta e perseverante desse papa, certamente não teria havido o Vaticano II, ao menos com a dimensão e a profundidade que o caracterizou.” (Passos & Sanchez, 2014, p. 7).

O Concílio do Vaticano II foi o mais ecumênico de todos e o responsável por mudar a postura da Igreja frente ao mundo moderno. Uma virada teológico-antropocêntrica em que ela, dentre outras coisas, reconhece a si própria como servidora da humanidade e assume-se como sinal de salvação dentro do mundo. “Portanto, a Igreja que saiu do Concílio Vaticano II mudou radicalmente seu foco. Desviou seu olhar do dogmatismo para tomar como a pupila de seus olhos a humanidade como ela é em cada tempo.” (Domeniza, 2014, p. 16).

Na Constituição Apostólica *Lumen Gentium*, gerada pelo referente Concílio e assinado pelo papa João Paulo VI em 1964, a santidade é entendida como a “união perfeita com Cristo.” E essa condição é possível a todos, já que “todos os homens são chamados a esta união com Cristo” (Constituição Apostólica *Lumen Gentium*, 1964, p. 2).

O papa João Paulo II, apoiado na alegação de que a santidade é possível a todos, tendo como base a Constituição Apostólica *Lumen Gentium*, instituiu importantes modificações no procedimento jurídico-teológico da Igreja, tornando-o ainda mais ágil e democrático, o que favoreceu o aumento expressivo de beatos e santos, rendendo-lhe o apelido de “papa dos santos”.

“Entre os papados posteriores ao Concílio Vaticano II, o que mais se destaca em relação ao reconhecimento da santidade é o de João Paulo II (1979-2005), o terceiro maior da história e recordista em canonizações. No total, o papa polonês apresentou 482 novos santos e mais de 1.300 beatos.” (Soares, 2015, p. 14).

Em 25 de janeiro de 1983, o papa polonês promulga o Código de Direito Canônico, substituindo o anterior de 1917, onde consta em apêndice a Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, dividida em três partes: I Das investigações a fazer pelos bispos, II Da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos e III Do modo de proceder na Sagrada Congregação.

“A Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister* de 25 de Janeiro de 1983 estabeleceu o procedimento para a instrução que em diante deve ser realizada pelos Bispos nas causas dos Santos; assim também confiou à Congregação a tarefa de emanar normas especiais para o mesmo fim. A mesma Congregação redigiu as seguintes normas, que o Sumo Pontífice quis que fossem examinadas pela Assembleia plenária dos Padres membros da Congregação...” (Normae e Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis Faciendis in Causis Sanctorum, 1983, p. 1).

As novas normas estabelecidas pelo papa João Paulo II, considerado um dos líderes mais influentes do mundo em sua época, descentralizavam o procedimento canônico, atribuindo mais autonomia aos bispos diocesanos na introdução de novos processos. Com isso, a prática canonista avançou a burocracia outrora vigente e os bispos passaram a gozar de mais independência e notoriedade perante a Santa Sé.

Outra mudança importante que o papa João Paulo II fez foi reduzir o número de milagres de dois para um, no caso das beatificações, e de quatro para dois, no caso das canonizações. Ele também extinguiu os longos debates entre postuladores das causas e o promotor da fé e reduziu o tempo de espera, de 50 para 5 anos, para se dar início ao processo de canonização após a morte do candidato a santo.

Em 29 de setembro de 2005, um comunicado à Congregação para as Causas dos Santos aprovado pelo papa em vigor Bento XVI passou a conceder mais poder e independência à classe do bispo. Agora, além de ele ser responsável pela introdução e condução dos processos referentes às beatificações, fase diocesana, o bispo pode enunciar e celebrar o rito da beatificação em sua diocese. “O rito de Beatificação será realizado na diocese, que promoveu a causa do novo beato, ou noutra localidade considerada idónea.” (Comunicado a Congregação para as Causas dos Santos, 2005, p. 1).

Durante o curto papado do papa Bento XVI, de 2005 a 2013, foram canonizados 44 santos e mais de 600 beatos. Em fevereiro de 2013, aos 85 anos de idade, ele renunciou ao posto de papa alegando sua velhice e problemas de saúde. Essa abdicação foi uma grande surpresa porque quando um papa é nomeado, espera-se que ele continue liderando a Igreja até o dia de sua morte. Em seu lugar entrou o papa Francisco, o primeiro latino-americano, que vigora até os dias de hoje. Assim como os seus dois antecessores, o número elevado de canonizações realizado por ele vem chamando a atenção. O papa Francisco já canonizou 848 santos, sendo 800 santos, conhecidos como mártires de Otranto, em um único ato.

Atualmente, os documentos que guiam os processos de beatificação e canonização são: o Código de Direito Canônico (1983), a Constituição Apostólica *Divinus Perfectiones Magister* (1983), as *Normae servandae in inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum* (1983) e a instrução *Sanctorum Mater* (2007).

É importante dizer que a canonização equipolente, raramente usada, não obedece aos processos estabelecidos. Ela possui três requisitos básicos: prova do culto antigo ao candidato a santo, atestado histórico incontestável da fé católica e das virtudes do candidato, fama ininterrupta de milagres intermediados pelo candidato. Chamo a atenção para o último requisito, a fama de milagres, não significa o mesmo que a existência de um milagre em si.

“Sobre a canonização equipolente, existe um antigo debate entre teólogos especializados na área, que remete suas origens ao

trabalho de Bento XIV no século XVIII. O nome atual de maior relevância nessa discussão é o de um defensor dessa modalidade de canonização: monsenhor Fabijan Veraja, o padre croata que trabalhou ao longo dos anos 1980 e 1990 como subsecretário da Congregação das Causas dos Santos. Além do livro *Le Cause dei Santi* (1992), já citado aqui, monsenhor Veraja escreveu também um artigo dedicado exclusivamente à questão, intitulado “*La canonizzazione equipolente e la questione dei miracoli nelle cause di canonizzazione*” (1975). Como o nome do trabalho sugere, o debate sobre essa modalidade de canonização é, na verdade, um debate sobre a necessidade ou não de um milagre para se comprovar a santidade.” (Soares, 2015, p. 139).

Independentemente de como ocorreu o processo de canonização, quando o candidato é considerado santo, ele passa a gozar das mesmas honrarias destinadas a todos os outros santos. Ao todo são 7 honras: inscrição do seu nome no cânone, lista dos santos, e direito de veneração pública; invocação com orações públicas da Igreja; dedicação de igrejas em sua honra; celebração da missa e do ofício dos santos; fixação do dia da comemoração de sua morte no ano litúrgico; representação de sua aparência em fotografias, pinturas etc; veneração pública de suas relíquias. O ato de canonização é definitivo e irrevogável.

3.2.1 Breves considerações sobre o processo de canonização

As modificações no processo de canonização, em especial àquelas proporcionadas pelo do Concílio Vaticano II, fizeram com que ele se tornasse mais barato, democrático, prático e, principalmente, muito mais rápido. As mudanças mais impactantes foram: maior autonomia concedida aos bispos diocesanos na introdução de novos processos, descentralizando dessa forma importantes etapas do processo canônico; redução do número de milagres de dois para um, no caso da beatificação, e de quatro para dois, no caso da canonização; extinção dos longos debates entre postuladores das causas e o promotor da fé/advogado do diabo; redução do tempo de espera de 50 para 5 anos para poder dar início ao processo de canonização após a morte do candidato a santo.

Todas essas mudanças trouxeram como principal consequência, a proliferação de novos santos, fato que não agradou a todos. Muitos críticos apontam para a diminuição do valor da santidade, e a expressão “máquina de fazer santos” passou a ser uma constante.

Após o Concílio Vaticano II, foram enunciados até o presente momento, fevereiro de 2017, um total de 1.374¹² santos, contabilizando os dos papados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco, cujo pontificado ainda vigora. Dentre todos esses casos, o que mais se destacou foi sem sombra de dúvidas o processo de canonização do papa João Paulo II, conhecido também como “o papa dos santos”.

3.2.1.1 Breves considerações sobre o processo de canonização do papa João Paulo II

João Paulo II foi o nome escolhido por Karol Wojtyła no momento em que ele assumiu o papado. A tradição de escolher um novo nome teve seu início com a eleição de Mercúrio, no ano de 533. Ele não achou apropriado a um papa ter o nome de um deus pagão romano e decidiu mudá-lo, passando a se chamar João II. Na bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, a mudança de nome simboliza assumir uma importante missão religiosa. Foi assim com Abraão, que antes se chamava Abrão; Israel, antes Jacó; Pedro, Simão¹³.

---

¹² Para a realização dessa conta eu contabilizei todos os santos mártires de Otranto, 813 no total, mesmo eles sendo canonizados em um único processo. Otranto é uma cidade mais oriental da Itália, de localização estratégica, funcionando como um importante porto entre o Oriente e o Ocidente. O império turco ortomano, almejando ampliar o seu domínio, ele já tinha conquistado Constantinopla em 1453, invadiu a cidade em questão sob o comando de Agometh. Antes da invasão, no ano de 1480, ele propôs aos habitantes que se rendessem, porém eles negaram a proposta. Agometh ordenou que fossem capturados todos os homens maiores de 15 anos, 813 ao todo. Eles eram pequenos comerciantes, pescadores, artesãos, pastores, agricultores, enfim pessoas comuns, desconhecidas. Antônio Primaldo foi o único dentre todos a falar, sendo o porta-voz do grupo. Ele disse o seu nome e também a frase: “*Todos queremos creer en Jesucristo, Hijo de Dios, y estar dispuestos a morir mil veces por Él.*” (Los 813 mártires de Otranto salvaron Roma resistiendo a los turcos, s/d, p.05). “Nós todos queremos crer em Jesus Cristo, filho de Deus, e estamos dispostos a morrer mil vezes por ele.” (Los 813 mártires de Otranto salvaron Roma resistiendo a los turcos, s/d, p.05, tradução minha). Eles foram canonizados no dia 12 de maio de 2013 pelo papa Francisco.

¹³ O primeiro a mudar de nome foi Abraão, que antes se chamava Abrão. O primeiro a mudar de nome foi Abraão, que antes se chamava Abrão. “E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações” (Gênesis 17: 5). Obviamente, seu nome significa “pai de uma multidão.” Jacó passou a ser chamado Israel. Deus lhe disse: “Teu nome é Jacó, mas não te chamarás mais Jacó: teu nome será Israel.” Tanto que é chamado de Israel. Deus lhe disse: “Eu sou El Shaddai. Sê fecundo e multiplicate-te. Uma nação, uma assembléia de nações nascerá de ti e reis sairão de teus rins. Eu te dou a terra que dei a Abraão e a Isaac; darei esta terra a ti e à tua posteridade depois de ti” (Gênesis 35: 10-12).

O papa João Paulo II foi o primeiro eslavo a liderar a Igreja. Ele gozava de uma popularidade absurda, mesmo as duras críticas sobre o seu pontificado no que diz respeito ao seu posicionamento contrário às questões como homossexualismo, divórcio, sexo fora do casamento, fertilização *in-vitro*, aborto e métodos contraceptivos dentre outras, não eram capazes de macular a sua imagem. Sua popularidade mundial, conquistada principalmente por causa das suas viagens sempre diplomáticas, parecia ser imune a tudo.

“Os diversos percursos de Karol Wojtyla pelo mundo, saindo da Itália 104 vezes o equivalente a 550 dias fora do Vaticano, visitando 129 países, só ao Brasil teve por três vezes em 1980, 1991 e 1997, viajando mais de 1,2 milhão de quilômetros dariam, aproximadamente, para dar trinta voltas em torno da terra.” (Trigueiro, 2005, p. 2).

Assim que o papa João Paulo II chegava ao país visitante, seu primeiro ato era beijar o chão, um gesto de humildade que marcou positivamente a sua imagem. No decorrer de sua passagem missionária, independentemente do país, ele se mostrava aberto ao diálogo com representantes de diferentes religiões e acessível, na medida do possível, com aparições públicas. Ao longo dos anos ele colecionou apelidos carinhosos por onde passava: “papa das multidões”; “papa peregrino”; “papa da família”; “João de Deus”, no Brasil, entre outros. O apelido brasileiro, “João de Deus”, é derivado da música “A bênção, João de Deus”, composta na ocasião de sua visita ao país, ano de 1980, pelo jornalista Péricles Brandão de Barros.

O referido papa foi um dos principais líderes mundiais de sua época. A ele é atribuído, ao menos em parte, a responsabilidade pela queda de regimes comunistas ditatoriais de países do Leste Europeu: Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Alemanha Oriental e União Soviética. Ele também contribuiu significativamente para a queda do muro de Berlim.

Simão teve o seu nome mudado por Jesus Cristo, passando a ser Pedro. Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo.” Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mateus 16:16-19).

O papa João Paulo II, “em seus 26 anos de pontificado, tornou-se ele próprio um árduo defensor da canonização de santos como forma de impulsionar a fé, acendendo a chama da religiosidade dos fiéis.” (Jurkevics, 2011, p. 2628).

Tudo isso, fez com que ele quicá fosse o papa mais querido e conhecido da história da Igreja. Sua morte foi um dos eventos mais midiáticos do mundo.

“A celebração fúnebre de João Paulo II marca o primeiro acontecimento midiático globalizado do século XXI, é o maior da história contemporânea superando o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América. Nas primeiras 72 horas após o anúncio da sua morte, segundo o Global Language Monitor, mais de 75 mil reportagens foram publicadas em todo o mundo. Cerca de 10 milhões de vezes foi citado o nome de João Paulo II na rede mundial de informação, superando em mais de três vezes as reportagens sobre o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e em mais de 10 vezes a reeleição de George Bush. Superou também a cobertura do acidente e morte do piloto brasileiro Ayrton Sena e da princesa Diana.” (Trigueiro, 2005, p. 6).

Uma multidão, cerca de 60 mil pessoas, acompanhava os últimos momentos do papa João Paulo II na praça de São Pedro, cidade do Vaticano. Assim que a sua morte foi anunciada, em 02 de abril de 2005, houve um longo aplauso, costume italiano que demonstra respeito. Faixas com as inscrições “santo súbito” marcaram o evento.

Figura 03: Faixas populares em prol da santificação imediata do papa João Paulo II. Disponível em: <<https://cvcomment.org/2014/04/22/when-the-faithful-put-saints-on-the-fast-track/>>. Acesso em 05 de jan. de 2016.

Figura 04: Faixas populares em prol da santificação imediata do papa João Paulo II. Disponível em: <<http://blog.zdf.de/papstgefluester/2013/09/30/santo-subito/>>. Acesso em 05 de jan. de 2016.

Tal slogan, estampado pelas faixas e proferido pelos presentes, espalhou-se pelo mundo inteiro, por causa da intensa cobertura midiática. Santo Súbito representa a vontade popular para que o papa pudesse se tornar santo, imediatamente.

Joseph Aloisius Ratzinger, em pouco mais de duas semanas, em 19 de abril de 2005, sucedeu o papa João Paulo II, tornando-se o papa Bento XVI. Ele reconheceu o pedido da população e iniciou o processo de canonização em 28 de junho daquele ano, ignorando o tempo de espera estipulado para que se possa dar início a causa, que no momento é de 5 anos. Trata-se de uma conduta incomum, sustentada pelo princípio da infalibilidade, esta justificada pela expressiva fé popular a qual o papa João Paulo II gozava.

A infalibilidade é um dos dogmas da Igreja em que o papa, quando *ex cathedra*, delibera solenemente algo em matéria de fé ou moral, entendido também como costumes. A infalibilidade pressupõe que o papa está sempre certo. A sua definição se deu com o Concílio do Vaticano I, 1869 a 1870, e foi reafirmada no Concílio do Vaticano II, 1962 a 1965, mas especificamente na Constituição *Lumen Gentium*, 1964.

“Embora os Bispos, individualmente, não gozem da prerrogativa da infalibilidade, anunciam, porém, infalivelmente a doutrina de Cristo sempre que, embora dispersos pelo mundo mas unidos entre si e com o sucessor de Pedro, ensinam autenticamente matéria de fé ou costumes concordando em que uma doutrina deve ser tida por definida. (...) Mas esta infalibilidade com que o divino Redentor quis dotar a Sua igreja, na definição de doutrinas de fé ou costumes, estende-se tanto quanto se estende o depósito da divina

Revelação, o qual se deve religiosamente guardar e fielmente expor. Desta mesma infalibilidade goza o Romano Pontífice em razão do seu ofício de cabeça do colégio episcopal, sempre que, como supremo pastor dos fiéis cristãos, que deve confirmar na fé os seus irmãos, define alguma doutrina em matéria de fé ou costumes.” (Constituição *Lumen Gentium*, c. III, nº 25, 1964).

O uso da infalibilidade é restrito ao papa, visto como sucessor de Pedro; contudo, somente às questões relativas à fé e à moral, costumes. Na clarificação solene e definitiva dessas questões, ele goza de assistência sobrenatural do Espírito Santo, que o preserva de quaisquer erros. Durante o seu uso, as declarações do papa não devem ser confundidas com ensinamentos, pois estes são falíveis. Segundo a Constituição *Lumen Gentium*, as declarações de um papa em *ex cathedra*, da cadeira de São Pedro, são reveladas a ele divinamente, pelo Espírito Santo. Elas são verdades imutáveis, infalíveis e irrevogáveis e todos os católicos devem aceitá-las sem objeção.

“As suas definições com razão se dizem irreformáveis por si mesmas e não pelo consenso da Igreja, pois foram pronunciadas sob a assistência do Espírito Santo, que lhe foi prometida na pessoa de S. Pedro. Não precisam, por isso, de qualquer alheia aprovação, nem são susceptíveis de apelação a outro juízo. Pois, nesse caso, o Romano Pontífice não fala como pessoa privada, mas expõe ou defende a doutrina da fé católica como mestre supremo da Igreja universal, no qual reside de modo singular o carisma da infalibilidade da mesma Igreja.” (Constituição *Lumen Gentium*, c. III, nº 25, 1964).

É por causa do princípio da infalibilidade que, por exemplo, o anúncio do papa do candidato a santo como santo, após o final do processo de canonização e em missa solene, é irrevogável. Isso porque, ao canonizar, ele exerce a infalibilidade papal.

O papa João Paulo II, foi canonizado pelo atual papa Francisco em 27 de abril de 2014. O seu processo de canonização não seguiu as regras estabelecidas para tal procedimento em ambas as fases: na primeira é concedido o título de beato; na segunda, santo.

O processo de beatificação teve seu início com o papa Bento XVI, que não respeitou o tempo mínimo de 5 anos para dar início ao processo de canonização. Em sua homilia de 1º de maio de 2011, o papa assume a rapidez no processo de beatificação, considerado até agora como o mais rápido da história da Igreja, e defende que é fruto de uma intensa devoção popular.

“Passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: João Paulo II é Beato!” (Papa Bento XVI, 2011).

A beatificação em questão foi sustentada na fama de sua santidade, em sua vida virtuosa e no milagre da irmã francesa Marie Simon. A religiosa é da congregação das Irmãzinhas das Maternidades Católicas e estava sofrendo há quatro anos da doença de Parkinson, um distúrbio degenerativo de característica crônica e progressiva que afeta o sistema nervoso central, o mesmo mal do papa João Paulo II. Sua superior havia lhe pedido que escrevesse o nome do papa João Paulo II em um pedaço de papel. Com dificuldade, devido aos tremores provocados pela doença, ela escreveu de forma ilegível. Horas depois, quando ela foi dormir, sentiu vontade de escrever o nome novamente e assim o fez, sem nenhuma dificuldade. Diante do desaparecimento dos sintomas da doença, sem tremores nem dores, ela parou com a medicação e ao ser examinada por um neurologista, constatou-se que ela estava curada. A doença da irmã Marie Simon desapareceu milagrosamente.

A segunda fase do processo de canonização do papa João Paulo II, foi finalizada pelo atual papa Francisco. A data escolhida é um domingo de páscoa, dia que João Paulo II dedicava à Misericórdia Divina, explica ele em sua homilia de 27 de abril de 2014.

“No centro deste domingo, que encerra a Oitava de Páscoa e que São João Paulo II quis dedicar à Misericórdia Divina, encontramos as chagas gloriosas de Jesus ressuscitado.” (Papa Francisco, 2014).

O papa Francisco anunciou, em um mesmo evento, a santidade do papa João Paulo II, que passa a ser chamado de *são* João Paulo II e do papa João XXIII, agora *são* João XXIII. Vale lembrar que ambos tinham posicionamentos políticos e ideológicos bem diferentes durante os reinos de seus respectivos papados. Durante o anúncio, o papa Francisco exaltou as contribuições de ambos nos processos de canonização. O papa João

XXIII convocou o Concílio do Vaticano II, promovendo um novo Pentecostes para a Igreja, realizando reformas audaciosas no processo de canonização. O papa João Paulo II, realizou com importantes mudanças nesse procedimento jurídico-teológico, fazendo com que o processo de canonização fosse mais democrático, descentralizado e rápido.

“E esta é a imagem de Igreja que o Concílio Vaticano II teve diante de si. João XXIII e João Paulo II colaboraram com o Espírito Santo para restabelecer e actualizar a Igreja segundo a sua fisionomia originária, a fisionomia que lhe deram os santos ao longo dos séculos. Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja.” (Papa Francisco, 2014).

A santificação do papa João Paulo II teve como base o milagre de Floribeth Mora Díaz, da Costa Rica, que sofria com um grave aneurisma. Ao assistir pela TV a cerimônia de beatificação do papa João Paulo II, ela pediu que ele intercedesse a Deus por sua saúde. Naquela mesma noite ela escutou uma voz que dizia: “levante-se, não tenha medo.” Floribeth disse que teve uma sensação de paz, desaparecendo sua agonia, apesar de não ter se levantado. Semanas depois ela estava curada. Os seus exames médicos não mostravam mais nem sinal do aneurisma. Uma cura inexplicável. Apesar de serem necessários dois milagres para a canonização, esse único milagre foi suficiente para o papa Francisco.

O processo de canonização do papa João Paulo II não seguiu as normas estabelecidas, foram ignorados o tempo necessário para dar início ao procedimento jurídico-teológico e o número de milagres.

Mas afinal, por que tanta pressa?

A resposta que encontrei aparece, ainda que de maneira muito sutil, na própria homilia do papa Francisco ao celebrar a “Santa Missa e Canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II.” “Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja.” (Papa Francisco, 2014).

O teólogo Jacques Douillet (1960) afirma que “todas as vezes que um Santo surgiu no meio do povo cristão, a sua presença foi o ponto de partida de uma renovação de fervor.” (Douillet, 1960, p. 100). O surgimento de novos santos é, a meu ver, o melhor caminho encontrado pela Igreja para enfrentar a crise em que se encontra.

“O catolicismo oficial, como outras instituições religiosas tradicionais, encontra-se num momento de crise e declínio. É algo que se relaciona com a progressiva afirmação de uma “sociedade pós-tradicional”, que coloca em questão a forma usual de

preservação da tradição e exige processos criativos de sua reinvenção e inserção no tempo.” (Teixeira, 2009, p. 22).

A Igreja está em crise no mundo inteiro, especialmente na Europa. Lá, menos de um quarto da população se reconhece como católica e, certamente, um santo eslavo traz, ao menos, maior visibilidade institucional. Como já discutido, o papa João Paulo II foi um dos principais líderes mundiais e gozava de uma popularidade elevadíssima. Transformá-lo em santo significa revigorar o catolicismo, não somente na Europa, mas também no mundo inteiro.

O processo de canonização é ortoprático por excelência. Seu principal objetivo é oficializar um santo que já tem a fama popular de santo. Desde o início da era cristã, é a população que escolhe a quem ela quer devotar. Aliás, acredito que a titularidade de *beatus*, foi uma forma que a Igreja encontrou para conviver com os santos não oficializados, já que se trata de celebrações locais. No processo de canonização a Igreja tem total controle, por isso não é de se espantar que o modelo clérigo, santos que de alguma forma estão ligados à instituição católica, está sempre em destaque. Contudo, por mais interessante que fosse para a Igreja, ela não teria como canonizar o papa João Paulo II tão rapidamente sem que antes não houvesse uma devoção popular. É aquele conhecido jargão: “o povo propõe e o papa, depois das devidas investigações, dispõe.” (Woodward, 1992, p. 36).

4 PERCURSO METODOLÓGICO E DESAFIOS DO CAMPO

4.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Émile Durkheim (1912), em seu livro clássico, “Formas elementares da vida religiosa”, propõe o diálogo da sociologia com contribuições outras provenientes das ciências sociais. Ele valoriza e promove a precisão proporcionada pela história e etnografia, apesar de reconhecer que os problemas da sociologia são diferentes daqueles. A sociologia não busca conhecer formas extintas da civilização. Ela “tem por objeto, acima de tudo, explicar uma realidade atual, próxima de nós, capaz portanto de afetar nossas ideias e nossos atos...” (Durkheim, 1912, p. V, VI). Inspirado em seu feito, optei por uma perspectiva sociológica que não descarta o uso de demais disciplinas, neste caso, em especial, a história, a etnografia e a teologia. Tudo isso, na esperança de alcançar uma melhor compreensão da atual questão da construção social da santidade, tendo a santificação popular de Leocádia, Pedro Afonso e Antônio como exemplos concretos deste estudo.

Ao envolver campos de conhecimento diversos, posso construir, de maneira mais próxima do real, uma rede de significados e sentidos para a questão religiosa tratada. É importante ressaltar, que eu me fundamento na tese da sociologia do conhecimento, cujo raciocínio fundamental consiste no fato de que a realidade é construída socialmente. Nesse ramo da sociologia, é importante saber dois conceitos básicos, o de *realidade* e o de *conhecimento*. O primeiro é entendido como uma existência independente de nossa própria volição; o segundo, como a certeza de que os fenômenos são reais e que possuem características específicas. Partindo desses dois pressupostos, a sociologia do conhecimento se preocupa em estudar a realidade buscando entender os seus processos.

“Em outras palavras, uma “sociologia do conhecimento” terá de tratar não somente da multiplicidade empírica do “conhecimento” nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo de “conhecimento” chega a ser socialmente estabelecido como “realidade.” (Beger & Luckmann, 1985, p. 13, 14).

Em suma, a realidade é construída socialmente e a sociologia do conhecimento deve analisar o processo como ela ocorre. “Há um acordo geral em que a sociologia do conhecimento trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual surge.” (Beger & Luckmann, 1985, p. 15). Para a análise da construção social da santidade, dou uma atenção especial aos devotos dos referidos santos; embora, eu também questione autoridades locais do porquê Leocádia, Pedro Afonso e Antônio serem santos. Todo esse universo social é representado amplo e geograficamente pelas cidades interioranas do estado da Bahia: Guanambi, Ribeirão do Largo e Candido Sales, respectivamente. Nelas acontecem as populares romarias, evento religioso de caráter coletivo, em que é possível ver a fé nesses santos de forma mais pronunciada. Por essa e outras razões eu as observo atentamente durante a pesquisa de campo.

O método da observação é defendido por Roberto Jarry Richardson (1989) como um instrumento básico de quaisquer pesquisas científicas. Quando aplicada às ciências sociais, ela permite obter informações no momento em que o fato ocorre, que com o passar do tempo poderiam ser esquecidas por aqueles que os vivenciaram; ressalta-se também que muitas formas de manifestação estão intrínsecas no comportamento desses sujeitos religiosos que escapam à sua consciência e relutam em sua transmissão pela linguagem oral. Como, por exemplo, o gesto dos homens de sempre tirarem seus chapéus ao se aproximarem do túmulo do(a) santo(a), como símbolo de um cumprimento respeitoso. O fato de os devotos andarem sempre em fila, aguardando a vez de o outro prestar a sua homenagem, sem reclamar da espera, independentemente de quanto tempo ela dure. O falar de todos sempre em baixo tom. Homens com barbas feitas e cabelos recém-cortados e mulheres usando maquiagens e adornos especialmente para a ocasião. Todos trajando vestes cuidadas, limpas e engomadas, muito embora as dificuldades sociais e econômicas da imensa maioria deles não permitam uma frequência dessa prática. Há uma notória preocupação com as suas aparências, um cuidado que reflete a importância da romaria na vida desses devotos ao longo de muitos anos.

A maneira como os devotos se comportam quando estão próximos dos túmulos de seus santos mostra que tal espaço é distinto daquele ao seu redor. Trata-se de um lugar sagrado, com valores construídos socialmente e que, por sua condição sacra, exige um comportamento diferenciado. É junto a esses túmulos que se pode ver a fé praticada de maneira mais fervorosa. Neles, os devotos se ajoelham, rezam, choram, fazem pedidos e promessas, acendem velas, depositam flores, dinheiro, comida, água, ex-votos, enfim, todo um conjunto de observâncias religiosas ricas em significados, que revelam muito sobre a prática da fé e do simbolismo da graça alcançada. Tal comportamento, bem como tais objetos são todos apresentados, discutidos e analisados no decorrer desta tese.

As falas são instrumentos de elaboração de sentidos, é nas frequentes conversas entre parentes, amigos e vizinhos que a fé nesses santos também é alimentada. Nesse ambiente se destaca a tradição oral, entendida por Julie Cruikshank (2002) como um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos. Eu trabalho com essa oralidade com uma ferramenta específica: a entrevista diretiva semi-estruturada. Tal modelo de entrevista prima pela qualidade, pois oferece maior espaço e liberdade à fonte. A escolha por tal modelo de entrevista também levou em consideração as críticas comumente feitas à entrevista não-diretiva, ou seja, ao questionário – amplamente usado e exaltado nos estudos estatísticos. No livro *Ofício do Sociólogo*, por exemplo, a entrevista não-diretiva é vista com desconfiança, pois além de o questionário não garantir necessariamente a univocidade das respostas diante do simples fato de submeter todos os entrevistados a perguntas formalmente idênticas, a sua própria construção é problemática visto que muitas pré-noções acabam sendo impostas em formato de perguntas enquanto que fatos importantes podem não ser questionados. “Em vez de construir a forma mais neutra e mais controlada do estabelecimento dos dados, o questionário pressupõe todo um conjunto de exclusões, nem todas escolhidas, e que são tanto mais perniciosas enquanto permanecerem inconscientes.” (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007, p. 59).

Durante o curso de doutorado, realizei cerca de 300 entrevistas. Apesar de nem todas estarem citadas nesta tese, todas elas, sem exceção, foram de extrema importância para que eu pudesse chegar aos resultados aqui apresentados. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. O processo de transcrição exigiu muita dedicação e tempo, especialmente àquelas realizadas durante a pesquisa de campo, nas épocas das romarias. Além de o volume ser grande, as condições as quais elas foram gravadas dificultaram o trabalho, principalmente devido aos ruídos externos, sons de conversas paralelas, de ladainhas, rojões, foguetes entre outros. Apesar de ser comum delegarem a

função de transcrever a terceiros, fiz questão de realizá-la eu mesma, escutando cuidadosamente tudo o que eu havia gravado.

“A escuta permite entrar em contato novamente com as informações apresentadas e coletar não só os dados disponibilizados de forma explícita, direta, mas também impressões, insights. Permite, de certa forma, reviver o momento do encontro com o informante e dessa forma, elaborar reflexões e retomar linhas de pensamento.” (Bonato, 2014, p. 49).

Para preservar a identidade e intimidade dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por outros nomes comuns, muito encontrado no Nordeste brasileiro, escolhidos aleatoriamente, respeitando-se apenas o gênero o qual o nome substituto representa. Destaco que a mudança se atém somente no nome dos entrevistados e ela em nada altera a qualidade desta tese, haja vista que o presente estudo é sobre a religiosidade popular, em termos gerais, e sobre a santificação popular, especificamente. O meu interesse está na sociedade, nos entrevistados como participantes de um tipo de viver social religioso e não como personalidades, indivíduos dotados de grande destaque e alheios ao meio em que vivem. Além das entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo nos anos de 2014, 2015 e 2016, também utilizei entrevista feitas por mim em anos anteriores pelo fato de eu estudar o tema desde o ano de 2007, época da minha graduação.

4.2 DESAFIOS DO CAMPO: SANTA LEOCÁDIA

A romaria anual dedicada à santa Leocádia é a primeira a acontecer no ano, toda sexta-feira santa na pequena cidade Guanambi, na região sudoeste do estado da Bahia. Como resido em São Paulo, por causa das atividades que o curso de doutorado exige, viajo a Guanambi, sempre no período da semana santa, para a realização da pesquisa de campo. Até o momento, a cidade não possui aeroporto e para chegar até ela, faço uso do sistema rodoviário. Existem linhas de ônibus diárias que ligam diretamente as rodoviárias da cidade de São Paulo a Guanambi. A viagem é exaustiva e deveria ter uma duração de 22 horas, mas quase sempre extrapola esse tempo devido às condições mecânicas do ônibus, que são de baixa qualidade independentemente da empresa utilizada, há apenas duas e nenhuma delas se preocupa em colocar ônibus de boa qualidade para o referido destino, e das estradas ruins.

As entrevistas com os devotos de santa Leocádia são realizadas durante o andamento da romaria. Na sexta-feira santa vou ao túmulo de santa Leocádia às 4:00 horas da manhã para poder ver os primeiros fiéis chegarem, por volta das 5:00 horas da manhã. Apesar de ele está localizado a apenas seis quilômetros do centro da cidade de Guanambi, trata-se de um lugar com características rurais rudimentares. Não há iluminação pública e para se chegar até lá, deve-se seguir por uma precária estrada de terra circundada pelo mato seco, vegetação típica da caatinga.

Os devotos de santa Leocádia chegam em pequenos grupos, formados por parentes, amigos e/ou vizinhos. Fico observando-os a fazerem suas homenagens para logo depois entrevistá-los. Ao abordá-los me apresento, digo que faço pós-graduação em sociologia na Universidade de São Paulo (USP) e que estou fazendo um trabalho sobre santa Leocádia. É importante ressaltar que os devotos são simples sertanejos, com pouca ou nenhuma escolaridade, e por isso, não dou muitos detalhes da minha pesquisa, salvo em casos raros, quando acontece de eles pedirem por mais informações. Eu nunca me recusei a responder quaisquer questionamentos sobre mim ou sobre o meu trabalho. No momento em que eu apresento a minha pesquisa, procuro ser o mais simples possível. Eu parto do pressuposto de que existe uma grande possibilidade de eles não saberem o que é uma tese, o que é um doutorado. Dizer que é estou fazendo um trabalho da faculdade foi o meio mais eficiente que encontrei de apresentá-los a mim e ao meu estudo. Isso porque, no início da pesquisa de campo quando eu dizia aos devotos que eu fazia doutorado e pesquisava a

respeito de santa Leocádia para a construção de minha tese, eles perguntavam o que é doutorado e o que é tese e por mais que eu explicava nem sempre eles compreendiam. Para muitos deles, doutorado é quem faz medicina. Por isso optei por ser mais o simples possível, para facilitar o diálogo entre os devotos e eu, sem deixar de ser verdadeira.

No início da entrevista eu sempre lhes peço permissão para gravar toda a conversa, atitude que a princípio os intimidam. Eles normalmente perguntam pra que gravar e o que eu farei com a gravação. Digo que eu gravo para não esquecer nada e saber exatamente o que eles me disseram e que a gravação será usada para fazer o meu trabalho da faculdade. Muitas vezes, deparo-me com devotos afirmando que não conhecem bem a santa e que não podem ajudar muito. Trata-se mais de uma atitude de modéstia que de recusa. Insisto um pouco, peço para falarem o que lhes veem a cabeça, o que seus pais e seus avôs lhes diziam, o porquê de eles estarem ali, por que eles a consideram uma santa etc. A conversa surge receosamente; contudo, pouco tempo depois, flui.

Os devotos de santa Leocádia fazem questão de expor sua fé, de contar histórias que mostram a importância da santa na sua vida e na vida de seus próximos, contam milagres intercedidos por ela, e em muitos casos tentam convencer a mim a ser devota dela também. Procuro não interferir nas entrevistas, apenas incentivá-los a falar a respeito da santa e da sua relação com ela, dessa forma minimizo ao máximo a influência das minhas impressões. O final das entrevistas é sempre muito amistoso, com os dizeres: “– até o ano que vem.” Um forte indício que eles retornarão no ano seguinte, assim como fizeram outrora, evidências de um costume há muito tempo enraizado. No geral, as entrevistas terminam com abraços calorosos, muitas vezes acompanhados de beijos no rosto, principalmente quando a entrevistada é uma mulher idosa. Entrevisto devotos de todos os gêneros e de diferentes faixas etárias. Nem todas as entrevistas são realizadas com uma única pessoa, há casos em que entrevisto uma família ao mesmo tempo, pais e filhos, avôs e netos, irmãos(ãs) etc, tomando o cuidado para o grupo não ser muito grande, para que eu não possa me perder nele ao ponto de não conseguir identificar quem está falando. Também é comum começar a entrevista com uma única pessoa e, em algum momento, amigos, vizinhos, parentes e/ou companheiro(a) participarem dela, por iniciativas próprias. Quando isso ocorre, tenho a preocupação em informar de que se trata de uma pesquisa, que estou gravando toda a conversa para fazer meu trabalho, fato que aparentemente não os preocupam, pois ao ver o seu próximo já fornecendo a entrevista eles não se sentem intimidados e fazem questão de participar.

Essas entrevistas coletivas, geralmente compostas de 2 a 5 pessoas, são as mais ricas, pois os participantes estimulam um ao outro a falar sobre a santa em si e/ou sobre eventos relacionados direta ou indiretamente a ela. Se por um lado, esse tipo de entrevista é extremamente precioso em informações; por outro, dificulta o processo de sua transcrição. Em vários momentos há mais de uma voz presente, o que faz com que eu tenha que voltar ao início da prosa para identificar de quem é determinada voz, também há dificuldades de identificar o que eles estão falando exatamente quando, algumas vezes, duas ou mais pessoas falam ao mesmo tempo. Quando isso ocorre, ainda durante a entrevista, tento, gentilmente, por uma ordem. Também existe a dificuldade inicial de conhecer as palavras locais, que não estão presentes no dicionário, como, por exemplo, a palavra “estiorado” que os devotos usam quando querem se referir à palavra “deteriorado.” Tal obstáculo só é capaz de ser contornado com o conhecimento adquirido durante o exercício da pesquisa de campo. Outro fator que dificulta o trabalho da transcrição é a existência de muitos ruídos externos, visto que as entrevistas são feitas no decorrer do evento da romaria.

Durante a romaria, passo a maior parte do tempo próxima ao túmulo de santa Leocádia realizando a pesquisa de campo; contudo, em diferentes momentos do dia, subo o lajedo até o caldeirão onde foi encontrado o corpo dela, para realizar pesquisa de campo por lá também. Do túmulo é possível observar a movimentação no caldeirão, cerca de 200 metros. Sempre que algo chama a minha atenção, vou até lá para averiguar. Fico sempre de sentinela, observando atentamente ao meu redor, com o olhar de uma pesquisadora interessada na prática da religiosidade popular.

Figura 05: Vista do lajedo do túmulo de santa Leocádia. No horizonte é possível observar um pequeno grupo de devotos caminhando em direção ao caldeirão onde foi encontrado o corpo da santa.

É de praxe os devotos irem ao caldeirão logo após visitarem o túmulo de santa Leocádia. Embora, nem todos os devotos realizem algum tipo de atividade religiosa por lá, há sempre uma amostra significativa de fiéis que estendem o seu fazer religioso, como, por exemplo, o gesto de recolher um pouco da água do caldeirão onde fora encontrado o corpo da santa. Essa água é considerada por muitos dos devotos como sagrada. Eles recolhem uma amostra dela e levam para suas casas acreditando que assim nunca faltará água em suas residências. Isso porque Guanambi é uma cidade situada em região de caatinga e a falta de água é um temor constante dos habitantes. Há também o gesto de lavar os pés com a água do caldeirão como remissão dos pecados. Tudo isso e outros fazeres desses sujeitos religiosos são descritos e analisados ao longo desta tese.

O movimento atual da romaria é concentrado no período da manhã, principalmente entre às 5:00 e 9:00 horas. Poucos são aqueles que aparecem depois do meio dia e no final da tarde, praticamente não há nenhum movimento. Permaneço no local até o início da noite, na esperança de aparecer algum devoto ou grupo de devoto solitário, o que nunca aconteceu. Logo após sair do local, tomo nota das minhas impressões da pesquisa de campo para que eu não corra o risco de esquecer algo importante e assim que possível retorno a São Paulo.

4.3 DESAFIOS DO CAMPO: SANTO ANTÔNIO

A romaria anual de santo Antônio acontece na pequena cidade baiana de Cândido Sales sempre no dia 13 de junho, dia dedicado pela Igreja ao santo católico de mesmo nome. Viajo de São Paulo a Vitória da Conquista, estado da Bahia, município de médio porte distante 88 quilômetros de Cândido Sales e que, ao contrário desta, possui empresas especializadas em aluguel de carro; aliás, é a única cidade da região que oferece tal serviço. Após alugar um carro, dirijo pela rodovia BR 116 por pouco mais de uma hora até chegar ao município em questão, que é cortado por ela. Tal estrada de pista simples, também conhecida como Rio Bahia, tem grande tráfego de caminhões e carretas e é considerada perigosa, especialmente no sinuoso trecho denominado de serra do Marçal, local com um histórico de alto índice de acidentes automobilísticos.

Ao chegar em Cândido Sales, hospedo-me sempre no mesmo hotel, que fica logo na entrada da cidade, ao lado da BR 116. Em frente dele tem um ponto de ônibus não oficial, mas estabelecido socialmente, onde os habitantes pedem por carona ou fazem usos de fretes para se deslocarem até cidades e povoados vizinhos. É nesse ponto também, que muitos devotos se aglomeram para irem à romaria de santo Antônio. Às 5:00 horas da manhã já é possível vê-los à procura de transporte. Muitos carros, ônibus, vans, caminhonetes e caminhões pau-de-arara oferecem condução até ao túmulo do santo por uma tarifa que gira em torno de 10 reais.

No primeiro ano da pesquisa de campo, 2014, segui, dirigindo o carro alugado, os primeiros caminhões pau-de-arara, um meio de locomoção muito utilizado pelos romeiros do sertão e que não oferece segurança adequada aos usuários. Para se chegar ao lugar do culto, passa-se por um trecho da BR 116 até a entrada em direção ao povoado Lagoa Grande, simbolizado por uma placa na rodovia, onde, a partir desse ponto, a estrada é estreita, sinuosa, sem pavimentação, sinalização e nem iluminação artificial, totalizando 40 quilômetros a serem percorridos.

Figura 06: Placa na rodovia BR 116 sinalizando a direção a ser tomada para o túmulo de santo Antônio. Estrada de terra que dá acesso ao referido túmulo.

No segundo e terceiro ano da pesquisa de campo, 2015, 2016, optei por chegar ao local antes dos devotos para que eu pudesse observá-los no seu primeiro contato com o local representante de sua fé. Para isso, acordei às 3:00 horas, sai do hotel cerca de 15 minutos depois e cheguei ao destino antes das 4:00 horas da manhã. Assim que ingressei, percebi que muitos feirantes haviam pernoitado no local para fins comerciais, pois além do evento religioso em si, existe uma feira com singelas barracas que vendem alimentos para serem consumidos no local, utensílios domésticos, bugigangas, artesanatos locais, velas e imagens religiosas, fogos de artifício de pequeno porte, principalmente foguetes, muito usados pelos fiéis como meio de celebrar sua fé. Algumas barracas são erguidas de madrugada, outras no início da manhã. Eu observei muitos feirantes armando suas barracas sem critérios pré-definidos que estabelecessem suas disposições, situação que contribui para a formação de um labirinto no espaço externo antecedente ao túmulo de santo Antônio.

Figura 07: Vista da feira popular com suas barracas improvisadas de forquilhas e lonas plásticas.

Figura 08: Foto panorâmica do entorno da romaria a santo Antônio. Na imagem esquerda, podemos observar uma foto panorâmica na qual, no último plano à esquerda, é possível ver as barracas que formam a feira e no primeiro plano dela, há um rudimentar cemitério protegido por arame farpado. No último plano ao centro, as bandeirolas indicam o palanque de onde celebra missa e no primeiro plano ao centro os devotos saindo da edícula do túmulo. No canto à direita é possível ver parte da edícula dos ex-votos e logo depois um vão onde se localiza o velário. Foto detalhada do velário na imagem direita.

Há uma divisão socialmente estabelecida de um espaço profano, onde se localiza a feira, e de um espaço sagrado, o entorno do túmulo de santo Antônio. Tal região compreende a edícula onde fica o túmulo do referido santo, outra edícula que guarda os ex-votos, o velário, um pequeno cemitério rudimentar protegido por uma cerca de arame

farpado, um palanque de onde se celebra missa e uma barraca da paróquia de Cândido Sales. O fato de essa barraca pertencer à igreja, faz com que ela seja legítima perante esses romeiros para ser instalada em local sagrado, já que ela não é uma barraca qualquer, como as outras da feira, e sim da santa igreja católica. Nela vendem-se diversos artigos religiosos como vela, ex-votos, bíblias, imagens religiosas em especial a de cristo crucificado e a do santo Antônio canonizado pela Igreja, além de camisetas e canecas do evento. Apesar de o meu interesse ser a romaria e os fazeres religiosos dos devotos de santo Antônio, é inegável observar a feira, tendo em vista o fato de ela exercer uma importância social e econômica na vida de muitos deles. É principalmente por meio dela, que artesãos locais vendem suas mercadorias, artigos de natureza diversa, de panelas de barro a fogos de artifício, esses de difícil acesso em outras épocas do ano que não os meses de junho, por causa dos festejos juninos, e de dezembro, por causa das celebrações de fim de ano. Os fogos de artifício são muito utilizados na celebração. Os devotos os ascendem intermitentemente ao longo de todo evento como meio de proclamar sua fé. Situação que dificulta o exercício das entrevistas e também a celebração da missa realizada no local, visto que o padre, durante a liturgia pede, algumas vezes, para que os devotos não soltem fogos.

Entre a edícula que guarda o túmulo de santo Antônio e a que guarda os ex-votos há um velário. Os devotos entram na edícula do túmulo, saem pela porta do fundo, acendem suas velas no velário e vão à edícula dos ex-votos. É sempre esse o movimento. Um local interessantemente estratégico de onde eu observava as manifestações de fé, bem como realizava as entrevistas, era pouco depois da porta do fundo, adjacente ao velário, de onde eu também tinha uma visão privilegiada da única porta de acesso à edícula dos ex-votos. Desse ponto, apenas movimentando a minha cabeça, eu conseguia ver o comportamento religioso popular desses devotos desde o seu início com a saudação no túmulo do santo, até o pagamento das promessas na edícula do ex-voto. Era nesse lugar estratégico que eu realizava a grande maioria das entrevistas, em diferentes momentos, após saírem da edícula que guarda o túmulo, ou depois de ascenderem suas velas, ou ainda, depois de pagarem suas promessas. Isso porque eu acredito que cada um desses momentos corresponde a diferentes sentidos relacionados com suas crenças. Há um primeiro momento de respeito e saudação ao santo, quando eles salvam o túmulo, há o de veneração, quando eles acendem as velas e fazem orações e pedidos, há também o de gratidão e dever cumprido, quando eles pagam suas promessas. Realizar as entrevistas em momentos diferentes permitiu-me coletar informações importantes de todas essas diferentes circunstâncias, que de outra

forma, eu não teria acesso. Os devotos são em sua maioria proveniente da zona rural e urbana, circundantes a cidade de Cândido Sales, mas também é possível encontrar devotos oriundos de lugares mais longínquos e até de outros estados como Minas Gerais e São Paulo. O movimento é intenso durante todo o dia, esvaindo-se no final da tarde, momento que acaba a romaria.

A missa começa pouco depois das 10:00 horas da manhã e termina pouco antes do meio dia. Nesse tempo, junto-me aos romeiros que se aglomeram em frente ao palanque para assistirem à missa. Tomei o cuidado de observar o comportamento dos devotos a partir de duas perspectivas: no meio deles e sobre o palanque, perto do padre. No primeiro momento, fiquei no meio do povo, realizando um contato mais próximo com as pessoas, partindo das que estavam mais distantes do altar e indo em direção daquelas que estavam mais próximas dele, sempre atenta, observando suas reações frente às palavras do padre. No segundo momento, subo no palanque em que está ocorrendo à celebração da missa; de cima, eu tinha uma visão panorâmica que me permitia não só ver todo o povo, mas também ver aqueles devotos que se destacam em meio à massa, tais quais se ajoelham e prateiam. A missa é celebrada pelo padre da paróquia de Cândido Sales, que conta com a presença de outros dois padres das paróquias vizinhas. A missa é dedicada ao santo Antônio, aquele oficial de Pádua, e não ao santo Antônio popular, que é reverenciado simultaneamente no local.

Durante toda a missa o padre pronunciava o nome santo Antônio; contudo, sem a preocupação de distinguir de que se trata de um homônimo. Sempre que o nome do santo era dito, a multidão se alvoroça, ecoa-se: “– santo Antônio” e muitos rojões e foguetes são estourados pelos devotos. Na pesquisa de campo pude constatar que os devotos acreditam piamente que o santo ao qual eles prestam as homenagens é o mesmo que o padre pronuncia durante a celebração da missa. Muitas vezes, durante as entrevistas, falei para os devotos que se tratavam de santos diferentes, mas fui contraditada por todos eles que responderam: “– Mas é o mesmo santo.” “– É a mesma coisa.” “– É tudo um só.” Existem imagens do santo Antônio oficial dispostas em pontos estratégicos: na entrada da edícula que guarda o túmulo do santo Antônio local e dentro dela ao lado do túmulo, dentro da edícula que guarda os ex-votos e no palanque que funciona como altar. Tudo isso reforça a crença entre os devotos em questão de se tratar de um mesmo santo, já que para eles tal imagem corresponde ao santo que se encontra enterrado no local.

Figura 09: Imagens de santo Antônio de Pádua. Da esquerda para a direita: na entrada da edícula que guarda o túmulo do santo Antônio local e ao lado do túmulo do santo Antônio local.

Figura 10: Imagens de santo Antônio de Pádua. À esquerda, na sala dos milagres; à direita, sobre o altar onde é celebrada a missa.

Após o encerramento da missa entrevisto os padres, antes que eles partam do local. Pouco após o termino dessa eucaristia, eles, como de costume, evadem. Pergunto a todos os padres se eles têm conhecimento de que o santo Antônio de Pádua, celebrado na missa, é interpretado pelos devotos como aquele que está enterrado no local e, caso positivo, se há uma preocupação por parte deles, padres, em desmistificar tal engano. Os padres admitem

que sabem que há um equivoco por parte dos devotos, mas que eles afirmam que não estão lá para julgá-los, e sim para celebra a fé. Uma resposta unanime e esquivada.

Após a partida dos padres, alguns membros da paróquia permanecem no local para auxiliar o evento. Tratam-se de devotos do santo popular e que moram próximo do local. São eles que cuidam do lugar o ano inteiro. Tais membros ficam espalhados pelo evento e são fáceis de serem identificados devido a sua vestimenta, coletes verdes, patrocinados por comerciantes locais, com o nome fiscal estampado na frente.

Figura 11: Membros da paróquia no ano de 2014; 2015 e 2016. Da esquerda para a direita, membro da paróquia dentro da edícula do túmulo de Antônio em 2014; em frente ao palanque onde celebra a missa, 2015; em frente da barraca da igreja, 2016.

Depois de entrevistar os membros da paróquia, procurei pelos devotos que se destacavam em meio à multidão no momento da missa para entrevistá-los. Feito isso, retorno para o ponto estratégico, aquele que fica logo depois da porta do fundo da edícula do túmulo, adjacente ao velário, próximo da única porta de acesso à edícula dos ex-votos, para continuar com as entrevistas, já que com o fim da missa o movimento diante do túmulo revive.

Do meio para o final da tarde, o movimento enfraquece lentamente e quando surge o crepúsculo quase não há mais devotos nem barracas, que são desmontadas à medida que os raios solares diminuem. Um morador local responsável pelo zelo do lugar tranca as portas das edículas. Sou praticamente a última pessoa a deixar o lugar e volto direto para o hotel para fazer minhas anotações a respeito da pesquisa de campo, dessa forma não esqueço nada de importante. Permaneço na cidade por mais uns poucos dias, cerca de uma semana, para dar prosseguimento à pesquisa de campo. Faço pesquisas na biblioteca

municipal sobre a história da cidade e do santo Antônio, além de outras entrevistas, dessa vez com mais calma e sem o fervor da romaria. Feito tudo isso sigo para a cidade de Vitória da Conquista para dar início à pesquisa de campo sobre São Pedro.

4.4 DESAFIOS DO CAMPO: SÃO PEDRO

A pesquisa de campo sobre São Pedro começa logo depois que a de Santo Antônio termina. Como a diferença entre as romarias de Santo Antônio e São Pedro é cerca de duas semanas, 13 e 29 de junho respectivamente, e tendo em vista a necessidade de obter informações outras que não são possíveis de serem coletadas em um único dia de romaria, permaneço por todo esse período no estado da Bahia. Não vale a pena voltar a São Paulo, encarar uma viagem longa e exaustiva de mais de 24 horas, para poucos dias depois ter que retornar a Bahia. Permanecendo no estado, posso realizar uma pesquisa de campo mais cuidadosa e completa, que atenda as necessidades que exige a feitura de uma tese preocupada com a realidade.

Durante a pesquisa de campo eu me hospedei em um hotel na cidade de Vitória da Conquista, distante 85 quilômetros de Ribeirão do Largo devido ao fato de este não dispor de nenhum hotel, pousada, albergue ou algo semelhante. Passo todo o dia em Ribeirão do Largo e retorno para Vitória da Conquista à noite, apenas para dormir. Na semana que antecede a romaria, aproveito o dia para realizar entrevistas com as autoridades locais e observar o compromisso da população para a realização da romaria, que é o maior evento da pacata cidade. Em sistema de mutirão e sem nenhum pagamento, populares vão voluntariamente até ao local onde está o túmulo de São Pedro, conhecido como Cova de Pedro, com o objetivo de prepará-lo para receber os romeiros. Eles limpam todo o ambiente e decoram o palanque de onde o padre celebrará a missa. O palanque também foi construído da mesma forma, em regime de mutirão e sem remuneração, por populares no início de junho de 2014. Tal construção, foi exclusivamente financiada pelas ofertas dos devotos de São Pedro durante a romaria do ano anterior, 2013. Toda a renda ficou aos cuidados do padre da paróquia da cidade de Ribeirão do Largo. No ano de 2015, com o dinheiro das ofertas da romaria precedente, foi realizado a construção do telhado do palanque, à mesma maneira que no ano anterior, 2014.

Figura 12: Padre explicando a construção do palanque. Detalhe da construção.

Figura 13: Palanque na romaria de 2014. Palanque após melhorias na romaria de 2015.

A prefeitura de Ribeirão do Largo fica responsável por ligar o fornecimento de energia elétrica bem como desligá-lo todos os anos na época da romaria. Na véspera do evento, feirantes da cidade e região pernoitam no local do evento para montar suas barracas; contudo, nem todas elas são montadas à noite, algumas são armadas pela manhã, junto com os primeiros raios do sol. A organização e disposição da romaria de são Pedro se assemelha muito à de santo Antônio. Não há critérios pré-definidos que estabeleçam a organização das barracas, que são armadas próximas umas das outras, formando um labirinto que precisa ser percorrido para que se possa chegar ao entorno do túmulo de são Pedro, espaço considerado sagrado.

Figura 14: Foto de cima do palanque antes de começar a missa. Foto da feira de comércio.

Nessa divisão, espaço profano *versus* espaço sagrado, a feira corresponde ao profano e o entorno do túmulo de São Pedro, ao sagrado. Este último espaço é composto por um palanque onde se celebra missa, de uma barraca da paróquia, a única do lugar e assim como a barraca da paróquia de Cândido Sales vende-se artigos religiosos e comemorativos do evento, dois jazigos antigos que funciona como velário e mais quatro edículas. A edícula central guarda o túmulo de São Pedro, as duas edículas laterais funcionam uma como sala dos milagres e outra como confessionário, a última, que fica atrás do túmulo de Pedro, que também funciona como sala dos milagres. Em frente à edícula central, há um busto de cimento que simboliza o São Pedro cultuado. Os devotos saúdam primeiramente o busto, depois adentram pela edícula onde prestam devoção ao túmulo Pedro, centralizado nela, saem pela porta do fundo, vão às duas salas dos milagres, depois acendem suas velas e depois desse roteiro, alguns deles ainda soltam fogos.

As velas são acesas no túmulo de Maria Roxa, uma devota fervorosa de Pedro, que sempre zelou do lugar. Ele está próximo do jazigo de Pedro, mas por questões de segurança, por ficar em área aberta, funciona como um velário e a grande maioria dos devotos entrevistados não faz ideia de que se trata do túmulo dela. A quantidade de velas é tamanha que quando acesas proporcionam labaredas que ultrapassam facilmente dois metros de altura. O melhor local para observar o comportamento religioso dos romeiros é próximo a esse velário, onde eu tenho uma visão privilegiada do túmulo de Pedro e de suas redondezas, além do interior da sala dos milagres. Infelizmente, o calor das chamas e a fumaça dificultam o meu trabalho, bem como o barulho dos fogos.

Figura 15: Espaço de devoção a são Pedro antes e depois da romaria. À esquerda é possível ver as três edículas, a sala dos milagres, a do túmulo com o busto de são Pedro na sua entrada e a do confessionário. Foto tirada durante a romaria onde é possível ver o velário e por detrás da fumaça outra sala dos milagres.

Era próximo do velário que eu realizava a grande maioria das entrevistas, em diferentes momentos, após os devotos saírem da edícula que guarda o túmulo, ou após acenderem suas velas, ou de pagarem as promessas na edícula dos ex-votos, ou ainda depois de soltarem fogos à beira do velário. Destarte eu tinha acesso, de forma mais precisa, a informações intimamente relacionadas com suas crenças, desde o momento da saudação do seu santo até o pagamento das promessas e comemoração com a queima de fogos.

Horas antes de iniciar a missa local, a banda da paróquia de Ribeirão do Largo toca músicas típicas do sertão do Nordeste para os romeiros, alguns deles sobem no palanque e improvisam cantigas populares, ladainhas e jogam versos. Fico observando a participação dos romeiros, que rotativamente se revezam e logo depois que eles vão descendo do palco eu os entrevisto, pois acredito que naquele instante suas emoções estão mais aguçadas. A missa começa pouco depois das 10:00 horas da manhã e termina pouco antes do meio dia. Ela é conduzida por dois padres, um da paróquia de Ribeirão do Largo e outro de Vitória da Conquista. Um terceiro padre, da paróquia de Vitória da Conquista, fica no confessionário atendendo os romeiros durante todo o período da missa. O meu comportamento como pesquisadora da romaria de são Pedro se assemelha muito à forma como procedo na romaria de santo Antônio, já que se tratam de eventos muito parecidos.

Observo o comportamento dos devotos no meio deles e também sobre o palanque junto aos padres no momento da celebração da missa. Tal liturgia é dedicada a são Pedro, o

apostolo de Cristo, e sempre que algum padre dizia o nome são Pedro, ouvia-se o som de bate palmas, gritos de louvor e o som de rojões e foguetes. Semelhantemente ao que ocorre na romaria de santo Antônio, não há uma preocupação por parte dos padres em distinguir o santo da igreja e o do povo. Os devotos acreditam que se trata de um mesmo santo. Não há nenhuma imagem oficial de são Pedro espalhada pelo evento. Apesar de ela ser pouco conhecida na região do sudoeste da Bahia, ela é fácil de ser identificada já que mostra são Pedro segurando as chaves da Igreja.

No geral, os devotos de Pedro são provenientes da própria cidade e de sua zona rural e das cidades circunvizinhas. Contudo, é possível encontrar fiéis moradores de lugares longínquos, do estado de Minas Gerais e São Paulo, já que há muitos nordestinos que vive neste estado. Os devotos oriundos de Ribeirão do Largo se aglutinam na saída da cidade e ficam aguardando pelas vans que fazem “bate-e-volta” por 5 reais, também é comum ver alguns dos devotos indo ao local à pé ou montados em cavalos. Aqueles oriundos das cidades vizinhas, em sua grande maioria, vão de ônibus, vans e caminhões pau-de-arara, fretados por eles ou pelas prefeituras.

Para se chegar ao local do túmulo, conhecido também como “Cova de Pedro”, é necessário percorrer uma rudimentar estrada de terra, íngreme e sinuosa, que dista 2 quilômetros da saída da cidade de Ribeirão do Largo. O movimento é intenso durante toda a manhã, esvaindo-se no final da tarde, momento em que acaba a romaria. Sou uma das últimas pessoas a deixar o lugar, volto direto para o hotel para fazer minhas anotações sobre as impressões que tive durante a pesquisa de campo, evitando o risco de esquecer-las. No dia posterior, retorno a São Paulo.

4.5 OS DADOS E AS ANÁLISES

Por dispor de fontes primárias e secundárias com características diferenciadas, utilizo ferramentas diversificadas, adequadas às suas especificidades.

Todas as entrevistas, fontes primárias, foram gravadas, catalogadas, transcritas e analisadas. Abaixo, seguem as tabelas demonstrativas do total das entrevistas realizadas durante as pesquisas de campo nos anos de 2014, 2015 e 2016.

Fontes primárias: santa Leocádia				
Ano de pesquisa	Nº entrevistados	Nº entrevistas catalogadas	Nº entrevistas transcritas	Nº entrevistas analisadas
2014	35	35	35	35
2015	30	30	30	35
2016	30	30	30	30

Tabela 1: balanço da pesquisa de campo sobre santa Leocádia dos anos de 2014 a 2016, acerca do número de pessoas entrevistadas, das entrevistas catalogadas, transcritas e analisadas.

Fontes primárias: santo Antônio				
Ano de pesquisa	Nº entrevistados	Nº entrevistas catalogadas	Nº entrevistas transcritas	Nº entrevistas analisadas
2014	34	34	34	34
2015	33	33	33	33
2016	30	30	30	30

Tabela 2: balanço da pesquisa de campo sobre santo Antônio dos anos de 2014 a 2016, acerca do número de pessoas entrevistadas, das entrevistas catalogadas, transcritas e analisadas.

Fontes primárias: são Pedro				
Ano de pesquisa	Nº entrevistados	Nº entrevistas catalogadas	Nº entrevistas transcritas	Nº entrevistas analisadas
2014	35	35	35	35
2015	31	31	31	31
2016	30	30	30	30

Tabela 3: balanço da pesquisa de campo sobre são Pedro dos anos de 2014 a 2016, acerca do número de pessoas entrevistadas, das entrevistas catalogadas, transcritas e analisadas.

No que diz respeito às análises das entrevistas, utilizo uma abordagem etnográfica. Respeitando as diferenças entre antropologia e sociologia, inspirei-me na etnografia exercida por Clifford Geertz (1989, 1999) por entender ser esse o método mais fiel ao sentido construído/dado pelo universo social estudado. A etnografia é consagrada por permitir uma descrição densa da revelação do significado daqueles que são observados sob suas próprias perspectivas. Quanto mais densa for a descrição, mais informações são disponíveis para serem analisadas. Tal análise não deve ser idealizada como uma ciência experimental em busca de leis, mas sim como uma ciência interpretativa em busca de significados. O objetivo é encontrar respostas a partir de fatos pequenos, mas densamente representativos. É explicar e interpretar expressões sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (Geertz, 1989).

A etnografia é exercida não só no que diz respeito às análises das entrevistas, como também aos elementos envolvidos nas manifestações religiosas observadas durante as romarias e nos materiais oriundos de fontes secundárias, que foram coletados no decurso das pesquisas de campo. Pesquisei sobre esses santos populares nas bibliotecas municipais, nas bibliotecas das escolas municipais e estaduais, nos arquivos das prefeituras e de suas secretarias.

A cidade de Guanambi, diferentemente das cidades de Cândido Sales e Ribeirão do Largo, possui uma tradição de escritores locais que escrevem principalmente a respeito da história da cidade. Como santa Leocádia é uma das personagens mais significativas de Guanambi, ela aparece direta ou indiretamente em todos os arquivos literários e/ou audiovisuais. Tal cultura reflete diretamente no volume de materiais coletados sobre santa Leocádia, que é bem maior se comparado aos coletados sobre santo Antônio e são Pedro. Isso porque quase não existem materiais sobre eles. Segue um panorama dessas fontes

secundárias, que se encontram vinculadas a diferentes esferas de circulação: jurídica, literária, historiográfica, cinematográfica, acadêmica etc.

Fontes secundárias sobre santa Leocádia:

- Arielet alii. *Guanambi: nossa terra, nossa gente, nosso orgulho*. Guanambi, 1999. Livro escrito por alunos da rede municipal de ensino, organizada pela Secretaria Municipal de Educação, que trata da história de Guanambi.
- COTRIN. Dário Teixeira. *Guanambi: aspectos históricos e genealógicos*. Guanambi, 1994. Livro que conta a história de Guanambi e de Leocádia.
- DECRETO Nº 352 DE 30 DE MARÇO DE 2007. Trata-se de um decreto emitido pela Prefeitura Municipal de Guanambi, que declara de utilidade pública a área que corresponde ao lajedo e túmulo de Leocádia.
- Guimarães, . *Leocádia: romance histórico*. Guanambi, 1991. Romance que narra a história de Leocádia e sua relação com a família Dias Guimarães, uma das mais antigas da cidade.
- GOMES, Benedito Teixeira. *Leocádia: o filme*. Guanambi, Bahia, [200-]. Vídeo. Filme que retrata a história de Leocádia tendo como base o romance *Leocádia* de Elísio Cardoso Guimarães.
- LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE GUANAMBI. Lei orgânica da cidade de Guanambi reformada no ano de 2002.
- MEIRA, Dulce da Silva. *Rimando a história*. Guanambi, s/d. Livro composto por poemas que contam a história de Guanambi e de Leocádia.
- Projeto de lei Nº 462 de 20 de abril de 2011. Tal projeto dispõe sobre a criação do Parque Ecoturístico Poço do Magro, abrangendo áreas do entorno da barragem do Poço do Magro, Pedra do Índio, Pedra do Cogumelo e Leocádia, no município de Guanambi.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Guanambi, de flor em flor*. Guanambi, 1996. Livro organizado pela Secretaria Municipal de Educação de Guanambi com a colaboração de professores e de alunos da rede de ensino pública da cidade. A obra é dedicada à história do município e inclui a história de Leocádia, principal personagem da cidade.

- SANTOS, Ozenice Silva dos. *O Espaço de Guanambi/BA – o algodão como elemento de organização*. Guanambi, 2004. Livro que aborda a história de Guanambi com atenção especial para a agricultura do município.
- Teixeira. *Respingos históricos*. Guanambi, 1967. Livro que conta a história do recôncavo baiano, da cidade de Guanambi e de Leocádia.
- Teixeira. Cordel. *Vida e morte de Leocádia*. Guanambi, 1990. Livro de cordel que narra em versos a história de Leocádia, desde o momento em que ela chega à cidade, até quando é assassinada e, depois, cultuada.

Fontes secundárias sobre santo Antônio:

- Paróquia Nossa Senhora das Graças. Arquidiocese de Vitória da Conquista. *Histórico da cova do irmão Antônio*: dados históricos do irmão Antônio e alguns de seus milagres contados e vividos na experiência de fé do povo. Cândido Sales, s/d. Folder exposto na romaria de santo irmão Antônio nos anos de 2014, 2015 e 2016. O folder produzido pela paróquia local que a expõe anualmente em frente ao túmulo de santo Antônio durante a romaria e que conta a história do santo e oito casos de milagres.

Fontes secundárias sobre são Pedro:

- Anchieta, Antônio Gonçalves de. *Visita à Cova de Pedro*. Ribeirão do Largo, 2013. Livro que conta a história de Ribeirão do Largo e de Pedro.
- Sousa. *Visita à Cova de Pedro em Literatura de Cordel*. Ribeirão do Largo, 2013. Livro de cordel que narra em versos a história de Pedro.
- Silva. *Cordel: a história da Cova de Pedro e seus milagres*. Ribeirão do Largo, 1985. Livro de cordel que narra em versos a história de Pedro.
- SOUTO, Lucinda Carvalho. *Oralidade e Identidade Cultural: a Memória de um povo e a criação de um Santo*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Estadual do

Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2008. Trabalho final de curso sobre a devoção popular a são Pedro.

- BENEDICTS, Danilo Patrick Mascarenhas. *A fé e a religiosidade na cova de Pedro*. Ribeirão do Largo – Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2007. Dissertação que trata da fé popular e da romaria a são Pedro.

5 HAGIOGRAFIAS: BREVES ESTUDOS

“Por constituírem exemplos que todos nós deveríamos seguir, o cristianismo, desde a sua fundação, se preocupou em compilar e divulgar os relatos referentes às vidas dos seus santos. A essa forma peculiar de narrativa deu-se o nome grego de hagiografia.” (Augras, 2005, p. 16).

Neste capítulo, dedico-me à hagiografia dos três personagens principais desta tese: santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro. Tal construção é fruto do estudo de depoimentos orais, entrevistas, e de poucos vídeos e escritos locais de natureza diversas: textos acadêmicos, literatura de cordel, poemas, livros de escritores locais, leis e projetos de leis municipais. Contudo, nem todas essas materialidades se dedicam exclusivamente aos referidos santos, em muitas delas eles figuram como coadjuvantes ou são apenas citados. Vale destacar que a grande maioria dos materiais encontrados é sobre santa Leocádia, isso porque em Guanambi há uma cultura de escritores locais que a abordam por ela também ser considerada uma importante personalidade da história da cidade, razão pela qual ela aparece em leis e em projetos de leis municipais. Os depoimentos usados para a construção hagiográfica são provenientes da pesquisa de campo. Ao analisar essas entrevistas e materialidades, meu objetivo foi, entre outros, descrever como santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro são discursivizados.

Por definição, hagiografia é o texto que se dedica ao estudo de um personagem que é tratado como santo, seja ele oficial ou popular, como afirma André Vauchez (1981, 1991), considerado o pesquisador precursor do estudo sobre o texto hagiográfico. A hagiografia vem do grego *hagios*, santo, e *graphía*, escrever. Ela é anterior ao processo de canonização, teve início com os escritos sobre os mártires, ainda na era da Igreja primitiva, e ganhou impulso e notoriedade durante o período medieval, uma consequência da expansão da Igreja. Até o início do século XIII, a hagiografia se caracterizava como um estudo de curta duração. Além de relatar a vida daquele que é visto como santo, tal texto

também descreve casos de milagres; contudo, sem o compromisso de provar a veracidade dos mesmos, já que tal tarefa competia aos inquiridos.

Bernard Guenée (1980) defende que o texto hagiográfico é atemporal, nele não há preocupações com datas e eventos que marcam cronologicamente a vida do santo, o principal interesse está em instruir, em mostrar que o personagem estudado é de fato cultuado. As historiadoras Márcia Pereira dos Santos e Teresinha Maria Duarte (2010) afirmam que a hagiografia é um meio de elaboração e preservação da memória de santos. No exercício hagiográfico, a memória é a base de sua construção. Desde os primeiros textos, ela é a principal fonte utilizada. Apesar de o texto hagiográfico se nutrir amplamente de depoimentos individuais, é importante esclarecer, assim como Halbwachs (1950) fez, que a memória individual não está encerrada em si mesma, mas axiomada em diferentes contextos, situada na encruzilhada de redes de solidariedades múltiplas em que o indivíduo está envolvido. Maurice Halbwachs (1950), conhecido como o grande sociólogo da memória, afirma que a memória individual não funcionaria se os indivíduos não recorressem a ideias, ambientes, linguagem etc, que não os pertencem, mas que eles tomam emprestados da sociedade. Assim sendo, o indivíduo¹⁴ é dependente da coletividade e pensa coletivamente, logo a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, reflexo de uma vida em sociedade. A memória coletiva é constituída de um amplo sistema formado de contextos sociais da memória, originário da consciência que se relaciona com o cotidiano que reflete suas próprias condições de ordem, de religião, tradição, linguagem... Provavelmente seja essa a razão pela qual os bolandistas, grupo de jesuítas fundado no século XVI pelo padre Jean Bolland com a finalidade de examinar os textos hagiográficos, não dissociam a cultura da hagiografia; afinal, esta se encontra nas formas próprias da sociedade em questão.

É importante destacar que a memória coletiva não se limita aos mecanismos de lembrar e esquecer, associações que são comumente feitas quando se aborda o tema da

---

¹⁴ Maurice Halbwachs (1950), para a construção da teoria da memória coletiva, buscou inspiração no pensamento durkheimiano, especialmente no que se refere à constituição do sujeito. Emile Durkheim (1912) conceitua o sujeito como um homem duplo constituído por dois seres: um individual/orgânico, de ação limitada, e outro social. Halbwachs se inspira nesse sujeito durkheimiano e o molda para aplicá-lo em sua teoria da memória coletiva. Para ele, semelhantemente ao pensamento durkheimiano, coexistem dois seres no sujeito: um sensível, que apenas reflete limitadamente parte do ambiente, e outro social, que extrapola a reflexão e interfere no ambiente ao formar uma opinião baseada em outros ambientes e/ou em outros testemunhos de ambientes. É nesse ser, em que coexistem o ser sensível e o ser social, que a memória se manifesta. O indivíduo só é capaz de refletir a partir do momento em que se sente parte de um grupo. É por isso que, por exemplo, segundo ele, não é possível nos lembrarmos da nossa primeira infância, pois, nesse momento, ainda não nos socializamos.

memória. De fato, ela pode ser constatada em quaisquer tipos de relações sociais, por meio dos incontáveis contextos sociais da memória. Sendo assim, ela se apresenta disponível para a construção hagiográfica não apenas por meio de depoimentos, individuais e/ou coletivos, pontos de vistas da memória coletiva, mas também por meio das diversas manifestações religiosas, crenças, cultos, orações, ladainhas, cartas, poemas etc. Tendo como base a teoria da memória de Maurice Halbwachs (1950), as materialidades usadas aqui para a construção hagiográfica são tomadas como exemplares da memória coletiva.

O adjetivo “breve” usado no título deste capítulo, “hagiografias: breves estudos”, não implica em uma hagiografia deficiente, a qual não existe uma dedicação para com aqueles considerados santos; mas sim por optar não relatar, neste momento em específico, casos de supostos milagres. Como já dito, é comum os relatos de milagres nas hagiografias, mesmo sem que eles sejam devidamente averiguados. Diante da importância sociológica que o milagre tem para a compreensão da devoção do santo, seja ele qual for, popular ou oficial, trato sobre os milagres em um capítulo dedicado especialmente ao tema. A decisão de concentrar-me na descrição da história de vida de santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro, também repousa no pensamento de Felice Lifshitz (1994) que defende a hagiografia como uma bibliografia histórica caracterizada pela especificidade de se tratar de um personagem que é visto como santo.

Mostro um estudo hagiográfico repellido de milagres, por isso breve, construído com informações que se repetem e que se completam sustentadas pela memória coletiva. É natural que detalhes se percam com o tempo; contudo, como defende Ecléa Bosi (1973)¹⁵, “o interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se.” (Bosi, 1973, p. 37).

---

¹⁵ O livro de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* foi o resultado de sua tese de livre-docência em Psicologia Social, publicado inicialmente em 1973. Por meio das lembranças de personagens comuns, idosos moradores da cidade de São Paulo, ela conta a história da cidade, abordando temas importantes como política, economia, cultura etc. Ela dedica seu trabalho a Maurice Halbwachs, *in memoriam*.

5.1 SANTA LEOCÁDIA

Leocádia saiu do vilarejo de Brejinho das Ametistas¹⁶ e foi para Guanambi, interior do estado da Bahia, quando a cidade ainda era conhecida pelo nome de vila Beija-flor¹⁷, no ano de 1889 (Guimarães, 1991; Meira, s/d).

Figura 16: Mapa atual da localização de Guanambi. À esquerda, uma vista macro, em relação ao estado da Bahia. À direita, uma vista micro, em relação às cidades vizinhas. Fonte IBGE Cidades: Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291170&search=bahia|guanambi>>. Acesso em 22 nov. de 2016.

Leocádia foi para a vila, assim como muitas outras pessoas da região, a maioria escravos libertos pela Lei Áurea¹⁸, para trabalhar na construção manual da represa do rio

¹⁶ “Brejinho das Ametistas, topônimo do mais alto distrito da Região, localiza-se na serra das Ametistas, município de Caetité, numa altitude de mil metros acima do nível do mar.” (Cotrim, 1994, p. 54).

¹⁷ O nome vila Beija-flor é originado das novenas dedicadas a santo Antônio, realizadas na casa de Belarminda. As pessoas da região iam à sua casa para homenagear o santo católico e participar da festa, que se iniciava após o ritual do beijo. “Inicialmente, as pessoas chegavam àquela residência e faziam suas orações ao santo. Em seguida, a imagem de Santo Antônio era beijada pelos integrantes do evento. A escolhida para dar o primeiro beijo era sempre Florinda, filha da anfitriã Belarminda e conhecida pelas redondezas como a moça mais bonita da região. No momento do beijo, ecoavam palavras de ordem: – “Beija-Flor”, – “Beija-Flor”, – “Beija-Flor”. Só após o referido ritual, a festa, com músicas, bebidas e comidas, começava de fato. A expressão “Beija-Flor, Beija-Flor, Beija-Flor” permanecia na lembrança de muitos dos participantes e o lugar, situado nas margens do Rio Belém, mais precisamente na baixada do rio onde se formava uma pequena represa, passou a ser chamado de Beija-Flor.” (Pereira, 2010, p. 22). Guanambi é um nome derivado da família linguística Tupi Guarani e significa beija-flor (Santos, 2004; Teixeira, 1967; Meira, s/d; Cotrim, 1994; ARIEL, et alii, 1999).

¹⁸ A Lei Imperial nº 3.353, conhecida também como Lei Áurea, foi a responsável por abolir a escravidão no Brasil. Ela foi sancionada em 13 de maio de 1888, em homenagem ao nascimento de D. João VI e assinada

Belém, obra conhecida na época pelo nome de tapagem. A notícia dessa construção se espalhou por toda a região por causa, principalmente, dos tropeiros. Isso porque a vila era um lugar de entroncamento, passagem obrigatória para esses trabalhadores viajantes, que iam em direção às cidades de Caetetê (atual Caitité), Palmas de Monte Alto, Rio de Contas, por exemplo, e espalhavam a notícia por onde passavam. O rio Belém era o principal do lugar e na época da estiagem suas águas ficavam escassas, por isso a necessidade da represa. As tarefas dessa empreitada eram divididas pelo sexo. Os homens ficaram responsáveis por cavar a terra com pá e encher as gamelas – grandes vasilhas de barro ou madeira –, que eram carregadas pelas mulheres em cima de suas cabeças em direção ao rio, onde a terra era despejada para formar uma contenção (Guimarães, 1991). Era no local de trabalho que todos se alimentavam e recebiam como pagamento pelos seus serviços um pedaço de rapadura, doce típico do Nordeste, feito do caldo da cana-de-açúcar.

Leocádia, “hospedara-se gratuitamente na casa da sua tia Siá Joana.” (Cotrim, 1994, p. 53). Era “uma casa de chão batido, situada à Rua das 7 Portas (hoje Sete de Setembro).” (Secretaria Municipal de Educação, 1996, p. 19). Esta era uma das poucas ruas da vila, habitada por pobres, prostitutas e ex-escravos, como era o caso da sua tia Joana, escrava liberta. As moradias simples eram feitas de taipa e em esquema de mutirão. Primeiro se fazia a estrutura com varas de madeira amarradas com cipó, depois era preparada a massa, com barro, palha de arroz¹⁹, água e óleo de mamona, abundante na região. O óleo também era utilizado nos candeieiros para iluminar as casas e na preparação da massa ele evitava que ela, ao secar, rachasse, aumentando a sua durabilidade. Os ingredientes – barro, palha de arroz, água e óleo de mamona – eram misturados e pisados com os pés. Com a massa pronta, a estrutura de madeira era preenchida, ou seja, barreada. Dessa forma foram construídas as casas e bordeis da referida rua. O nome da rua deriva da estrutura desses bordéis, que tinham várias portas para que os seus clientes pudessem entrar e sair com uma maior descrição, por isso o nome rua Sete Portas. Nela, também se localizava o cemitério da vila. Apesar de Leocádia morar nesse ambiente, com fama de promíscuo, ela é descrita como uma moça respeitosa, honrosa, trabalhadora e muito religiosa, do tipo que participava ativamente das atividades religiosas locais, principalmente das novenas e penitências, que eram feitas sempre ao redor do cruzeiro de

---

por sua bisneta, Dona Isabel, princesa imperial do Brasil. O Brasil foi o último país independente do continente americano a abolir completamente a escravatura.

¹⁹ A palha do arroz provinha das grandes plantações do Gentio, que atualmente corresponde ao distrito de Ceraíma, pertencente ao município de Guanambi, distante cerca de 15 quilômetros do centro (Pereira, 2010).

aroeira, monumento de forte simbolismo religioso, situado no centro da vila, posto como marco de sua fundação.

Leocádia é caracterizada como uma linda jovem branca, de cabelos castanhos lisos e longos, olhos amendoados e bem magra (Guimarães, 1991; Meira, s/d; Teixeira, 1990). Por não dispor de uma boa condição financeira, ela usava trapos de algodão cru como vestimenta. Seu biótipo se destacava em relação aos outros trabalhadores da construção da tapagem, formado, na imensa maioria, por negros. O coronel José Pedro Dias Guimarães²⁰ era quem comandava tal construção e, em certo momento, presenteou-a com uma fazenda, tipo de tecido fino que foi usado para a confecção de um vestido. Na época, o coronel era casado com Dona Raquel, descrita como uma mulher maldosa, invejosa, muito ciumenta e sem limites morais. Ao saber do presente que o seu marido havia dado, ela ordenou a dois capangas, Marcolino e Sebastião – referido também como Tião de Março (Cotrim, 1994; Guimarães, 1991) – que matassem Leocádia e que lhe trouxesse uma de suas mamas.

Na manhã de 23 de fevereiro de 1890, Leocádia, na época com 16 anos de idade, saiu sozinha da casa de sua tia para lavar roupas, era costume da época, as pessoas irem aos lajedos²¹ ou a beira do rio para lavarem as suas vestes. Ela foi seguida pelos capangas Marcolino e Sebastião que a raptaram e a levaram para o lajedo Caiçara, um local deserto, situado no meio do mato, distante seis quilômetros da vila. Lá ela foi assassinada e teve uma de suas mamas decepada. Seu corpo foi jogado no maior dos três caldeirões²² do lajedo, amarrado a uma pedra pelo arreio da cela do cavado de Marcolino para evitar que ele boiasse. “Acredita-se que aquela formação no rochedo tenha ganhado os moldes de um caixão, evidenciando assim a crença na santidade daquela jovem cruelmente assassinada.” (Ariel *et alii*, 1999, p. 39).

---

²⁰ Os Guimarães era a família mais influente da vila de Beija-flor. José Pedro Dias Guimarães era filho de José Dias Guimarães, dono da fazenda Carnaúbas de Dentro, cuja parte do território deu origem à vila de Beija-flor. Esse faleceu no ano de 1868 e antes de morrer pediu aos filhos que doassem a parte da sua fazenda onde os menos favorecidos haviam fixado moradia para Santo Antônio, santo mais venerado do lugar e que é o atual padroeiro de Guanambi. Em 8 de maio de 1870, Joaquim Dias Guimarães, filho mais velho do falecido e, portanto, irmão de José Pedro Dias Guimarães, doou a parte ocupada da fazenda para paróquia de Palmas de Monte Alto, município que comandava a região, distante 42 quilômetros da vila. Dez anos depois, em 1880, pela lei provincial nº 1979 de 23 de junho, foi criado o distrito de paz de Beija-flor. Em janeiro de 1881 instalaram, no centro da vila, atual praça Gercino Coelho, um cruzeiro feito de madeira de aroeira como forma de oficializar a sua existência. O monumento religioso era o marco da ocorrência das manifestações religiosas do lugar, era ao redor dele que aconteciam às novenas e penitências.

²¹ Lajedo: superfície natural rochosa.

²² Caldeirão: buraco natural ou artificial situado em superfície rochosa - conhecida como lajedo - que armazena água minada e água da chuva. O caldeirão é muito utilizado na região por ele ser uma fonte viável de água em períodos de seca.

Figura 17: Caldeirão onde foi atirado o corpo de Leocádia. À esquerda o caldeirão na época da cheia, à direita o caldeirão na época da seca²³.

Dona Raquel, assim que recebeu o seio dos seus capangas, dirigiu-se para a cozinha e dispensou a criadagem, argumentando que ela mesma iria preparar o almoço para o seu marido. Tal comportamento chamou a atenção, já que ela não tinha o costume de fazer tarefas domésticas.

“Rakel pegou aquele seio / E colocou para cozinhar / Chamou o marido e disse: / “Tá na hora de almoçar!” / Peito humano mal cozido / Ela pôs no prato do marido / Sem medo de errar / Ele começou a almoçar e disse: / Que carne dura danada / Enquanto comia xingava.” (Teixeira, 1990, p. 12).

Durante a refeição, o coronel José Pedro Dias Guimarães reclamou da qualidade da carne que lhe foi servida e sua esposa teria lhe dito que ele não deveria se queixar já que ele estava comendo a carne da mama da rameira da qual ele gostava. Sem assimilar o que ela havia dito, mas não gostando do seu comportamento, ele a reprimiu, jogou o prato²⁴ no chão e retirou-se.

²³ A figura 17 é utilizada posteriormente, figura 31, devido ao seu valor documental, por ser ilustrativa da realidade tratada.

²⁴ O prato e os talheres utilizados no almoço estão expostos na Fundação Joaquim Dias Guimarães.

Ao anoitecer, a tia de Leocádia, Joana, começou a procurar por ela. A notícia do seu desaparecimento se espalhou pela vila e muitos se juntaram para ajudar na procura. Contudo, ninguém conseguiu notícias sobre o seu desaparecimento. Por dias procuraram por ela, mas ninguém soube de nada, até que no terceiro dia um vaqueiro encontrou, acidentalmente, o seu corpo. Ele estava tangendo o gado, que na época era criado à solta, e ao ver muitos urubus em volta do caldeirão foi verificar o que estava acontecendo e viu parte de um corpo humano flutuando. Ele foi até a vila levar a notícia, o coronel José Pedro Dias Guimarães e muitos populares o seguiram até o lajedo Caiçara. Lá reconheceram Leocádia, resgataram o seu corpo e “como se achava em adiantado estado de putrefação, ali mesmo foi sepultada” (Teixeira, 1967, p. 69). Seu sepulcro está a cerca de 200 metros do caldeirão, na terra seca da caatinga.

Figura 18: Túmulo de Leocádia, foto tirada em 2015 e 2016.

Durante o resgate, foi percebido que uma de suas mamas havia sido decepada e que o arreio o qual prendia o corpo a uma pedra era pertencente ao da cela do cavalo de Marcolino. O coronel José Pedro Dias Guimarães ao ver o corpo sem uma das mamas lembrou-se do que a sua esposa havia lhe dito e falou perplexo que ela a havia cozinhado e lhe servido como almoço. Muitos comentaram terem visto Sebastião, amigo e companheiro inseparável de trabalho de Marcolino, cavalcando loucamente e gritando: - “Entrega o seio dela, dona Raquel! Pelo amor de Deus, dona Raquel, entrega o seio!” (Guimarães, 1991, p. 93). Ele foi encontrado morto, em um matagal, cujo local corresponde ao atual município

de Malhada. Marcolino “foi encontrado morto, comido de bichos, na toca dos índios²⁵, próximo ao lajedo grande.” (Guimarães, 1991, p. 93).

Figura 19: Toca dos índios. À esquerda, visão do exterior da toca; à direita, do interior.

Com a descoberta do assassinato e temendo a ocorrência de alguma repressão popular, Dona Raquel fugiu para Pitangueiras, interior de São Paulo. Lá, manifestou sintomas de lepra, que era considerada uma das mais terríveis doenças na época. Tal enfermidade causou-lhe uma morte lenta e dolorosa.

O assassinato de Leocádia provocou grande comoção nos habitantes da vila, que começaram a visitar frequentemente o seu túmulo e orar por aquela que eles acreditavam ser uma jovem inocente, de alma pura, vítima do ódio alheio. As visitas e orações começaram a ter uma frequência cada vez maior e outras manifestações religiosas, como vigílias e ladainhas começaram a acontecer no local do seu túmulo. As orações que inicialmente eram feitas para almejar descanso e paz a Leocádia, cederam lugar aos pedidos pessoais de ajuda. O êxito desses pedidos bem como a sua propagação deles, ajudaram a divulgar a imagem de uma santa. Desde então, Leocádia passou a ser chamada de santa Leocádia e em todos os anos, nas sextas-feiras santas, acontece uma romaria dedicada a ela.

---

²⁵ Toca dos índios, também conhecido como Pedra do Índio, “é um conjunto de rochas em granito, de aproximadamente 45 metros de comprimento, 30 de largura e 6 de altura. Há um lajedo sustentado por vários blocos de pedras, formando uma pequena gruta onde se abrigavam os nativos contras as intempéries. Durante o período em que os índios ali estiveram malocados, foram feitos inúmeros desenhos rupestres no teto do lajedo maior.... Acredita-se que os autores desses desenhos tenham vivido ali vários milênios.” (Cotrim, 1994, p. 48).

5.2 SANTO ANTÔNIO

Antônio era um escravo que foi trazido de Portugal para a vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas, atual cidade de Rio de Contas, em meados do século XIX. O comércio de escravos na região, bem como o interesse da coroa portuguesa pela região, aflorou após a descoberta de ouro.

“Em abril de 1720, o mestre-de-campo de engenheiros, Miguel Pereira da Costa, foi encarregado de vistoriar as minas de ouro do Rio das Contas – descobertas havia pouco tempo e que atraíam considerável contingente de pessoas para a região –, a fim de verificar a sua vulnerabilidade diante da possibilidade de invasões estrangeiras. Como resultado da visita, Costa apresentou um relatório ao vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes (1720-1735), no qual descreveu o roteiro entre Cachoeira e as nascentes do rio das Contas, onde fora descoberto ouro.” (Almeida, 2012, p. 25).

As minas do Rio das Contas foram oficialmente abertas por Carta Régia de 31 de outubro de 1721. A quantidade de ouro era muito promissora e segundo a historiadora Kátia Lorena Novais de Almeida (2012) a região que antes era parcamente povoada se tornou morada de centenas de aventureiros. O vice-rei Vasco Cezar de Menezes, conhecido também como I Conde de Sabugosa, tendo conhecimento dessa situação, encaminhou uma correspondência ao rei de Portugal, datada de 20 de outubro de 1722, sugerindo a criação da vila para que se pudesse cobrar os quintos sobre todo o ouro ali explorado. Em 9 de fevereiro de 1724, foi criada a vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas, com sede na atual cidade de Livramento.

“Dessa forma, a criação da vila possibilitava que a Coroa portuguesa criasse órgãos da administração pública – Casa de Câmara e Cadeia, com o seu magistrado e pelourinho – para controlar e fiscalizar a atividade mineradora, bem como para impor medidas de controle à população.” (Almeida, 2012, p. 26).

A vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas era um centro administrativo com jurisdição sobre vasto território da capitania da Bahia. Ela

residência definitiva próxima às fontes naturais de água e passou a se dedicar a lavoura. Além da agricultura, a pecuária foi de extrema importância para a região, mas em vez de aventureiros, a atividade era exercida por coronéis e senhores de grandes cabedais. “Nos inventários *post mortem* abertos entre 1727 a 1810, a atividade figura ora como principal atividade econômica, ora como complementar a outras ali desenvolvidas.” (Almeida, 2012, p. 57). Praticava-se a pecuária extensiva, que consiste na criação a solta, a pastos naturais, e ocupava grandes áreas territoriais. Essa atividade não exigia muitos investimentos, o gado era criado à solta, usufruindo de pastos naturais. Apesar de existirem homens livres trabalhando como boiadeiros naquela época, muitos desses fazendeiros optavam por usar mão de obra escrava como meio de diminuir os custos do serviço. (Santos Filho, 1956).

Antônio era um escravo que veio de Portugal, junto com o seu irmão, para a vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas para trabalhar para o sertanista Joaquim Ferreira em meados do século XIX. Este era português e viera para Bahia atraído pelas riquezas naturais. Ele possuía um rebanho de gado, criado à solta, e também era o responsável por abrir estradas na região. Ambas as atividades eram exercidas simultaneamente, com a ajuda de Antônio e seu irmão, enquanto desbravava-se o sertão, o gado se alimentava com os pastos naturais. Os desbravamentos fez com que todos eles ficassem muito conhecidos por toda a vila. Era predominante “a pequena posse em escravos na região, o que propiciou relações mais próximas entre senhores e seus escravos, uma vez que dividiam o espaço de trabalho e muitas vezes até a mesma moradia.” (Almeida, 2012, p. 103). Mesmo quando alforriados, era comum os escravos acompanharem o seu senhor.

Antônio possuía o apelido de irmão Antônio, pois era assim que o seu irmão sanguíneo o chamava e, dessa forma, todos aqueles que o conheciam também passaram a chamá-lo. Durante a abertura da estrada intitulada de Porto de Santa Cruz, cujo objetivo era ligar a vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas com Porto Seguro, um boi do rebanho de Joaquim Ferreira havia se desgarrado. Ele pediu a Antônio para procurar pelo animal, visto que ele conhecia muito bem a região e era exímio na lida com o gado. Narrativas populares afirmam que era capaz de encontrar qualquer animal, mesmo se estivesse perdido na mata há dias. Não importava qual era o bicho, boi, cavalo, bode, carneiro, ele sempre o encontrava.

À cavalo, Antônio foi procurar pelo boi perdido. Durante a sua busca, ele parou no meio do caminho para comer sua marmita, farofa de galinha, e morreu engasgado com um osso. Por causa da demora em retornar com o boi, seu irmão e seu senhor decidiram

procurá-lo. Três dias depois, no ano de 1889, eles encontraram o corpo na estrada ainda com a boca suja de farofa. Durante todo esse período, o seu cavalo não o abandonou, permanecendo todo esse tempo ao lado do defunto. Antônio fora enterrado no local no qual foi encontrado, à beira da estrada entre as comunidades de Bomba e Possidônio, atualmente pertencentes ao município de Cândido Sales²⁶, Bahia.

Figura 21: Mapa atual da localização de Cândido Sales. À esquerda uma vista macro, em relação ao estado da Bahia. À direita uma vista micro, em relação às cidades vizinhas. Fonte IBGE Cidades: Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290670&search=bahia|candido-sales>>. Acesso em 28 nov. de 2016.

O túmulo do irmão Antônio se tornou ponto de referência social e geográfica local, marcando a paisagem. A estrada de Porto de Santa Cruz era movimentada devido às atividades ligadas direta ou indiretamente à mineração e à pecuária extensiva e também ao tráfego de tropeiros. Como a viagem pela estrada que dava acesso às várias regiões da extensa vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas era longa e cansativa, podendo levar dias, muitos dos seus usuários começaram a acampar ao lado do túmulo do irmão Antônio. Eles pediam por sua proteção, afinal o seu cavalo havia ficado próximo ao seu corpo por três dias e nada sofreu. Sempre que algum animal sumia ou ficava doente, eles recorriam ao irmão Antônio, sendo sempre validos (Paróquia Nossa

²⁶ Na segunda metade do século XX, vários fazendeiros se estabeleceram na região, formando um povoado chamado Porto de Santa Cruz. A construção da estrada de Santa Cruz foi de fundamental importância para o surgimento da futura cidade de Cândido Sales, trazendo benefícios para os fazendeiros já existentes e atraindo outros novos. Nessa época, o povoado pertencia ao atual município de Vitória da Conquista que antigamente, nos setecentos, estava sobre a jurisdição da vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas. O nome Cândido Sales é uma homenagem a um antigo proprietário de terras da região onde se formou a localidade. O município se emancipou em 5 de julho de 1962, desligando-se do município de Vitória da Conquista.

Senhora das Graças, s/d). Os animais comumente se desgarravam do grupo e/ou eram picados por animais peçonhentos, em especial, a cobra cascavel (*crotalus durissus terrifucus*). Tal serpente é encontrada em baixas e altas altitudes da caatinga e em toda sua extensão (Guedes, 2012). Ela é uma das mais temidas, o que lhe rendeu a fama de cobra da morte, pois dificilmente se consegue escapar do seu veneno.

A fama de protetor e milagreiro do irmão Antônio se espalhou devido, principalmente, à mobilidade desses trabalhadores viajantes, conhecidos como grandes mensageiros, pois, além de mercadorias diversas e gado, traziam consigo notícias de vários lugares. Dessa forma surgiram devotos de toda a região em busca de milagres de todos os tipos.

Há mais de um século, no dia 13 de junho, dia oficial de santo Antônio de Pádua, acontece uma romaria ao túmulo do santo irmão Antônio, conhecido também como santo Antônio e ainda por apenas irmão Antônio, localizado na mesma estrada e lugar.

Figura 22: Foto do Túmulo de Antônio em 2014 e 2016²⁷.

No referido dia, populares membros da paróquia da igreja católica da atual cidade de Cândido Sales arruma o palco de cimento no local, construído com doações dos devotos, para celebrar uma missa em homenagem a santo Antônio, o santo oficial da igreja. Importante destacar que, durante a liturgia os padres não distinguem o santo católico do popular. Os fiéis acreditam que se trata de um mesmo Antônio.

²⁷ A figura 22 é, em parte, utilizada posteriormente, figura 45, devido ao seu valor documental, por ser ilustrativa da realidade tratada

Figura 23: Missa de santo Antônio. À esquerda, detalhe do palco onde estão os padres; à direita, os devotos assistindo à missa.

5.3 SÃO PEDRO

Na primeira década do século XX, entre os anos de 1905 e 1907, Pedro Afonso do Nascimento se mudou, juntamente com sua família, de Santa Rita de Minas, cidade interiorana de Minas Gerais, para o arraial de São Hilarião, atual distrito de Ribeirão do Largo²⁸, sudoeste do estado da Bahia.

Figura 24: Mapa atual da localização de Ribeirão do Largo. À esquerda uma vista macro, em relação ao estado da Bahia. À direita uma vista micro, em relação às cidades vizinhas. Fonte IBGE Cidades: Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292665&search=bahia|ribeirao-do-largo>>. Acesso em 16 nov. de 2016.

²⁸ O atual nome Ribeirão do Largo se deve ao desenvolvimento de moradias no local, especificamente na área ampla e larga da margem do rio Ribeirão, afluente do rio Pardo. Anteriormente, a cidade era conhecida como arraial de São Hilarião, nome dado pelo padre jesuíta, Fernando, após seu exercício de catequização de índios Pataxó e Botocudo que habitavam a região. O território em questão era pertencente à Imperial Vila da Vitória, atual cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Com a emancipação política de Encruzilhada – que também pertencia a Vitória da Conquista - ocorrida em 17 de junho de 1921, o arraial passou a pertencer ao município recém-criado. Em decorrência disso, ele cresceu em importância econômica e social, com notável desenvolvimento para a prática pecuária; sobretudo, criação de gado de corte e de leite. De acordo com historiadora Maria Aparecida Silva de Sousa (2001), em seus estudos sobre povoamento e posse de terra no interior da Bahia, a criação de gado foi o principal fator de povoamento do interior baiano. Os fazendeiros da região de Encruzilhada passaram a negociar gado e seus derivados procedentes do arraial de Ribeirão do Largo, intensificando o comércio local como todo. No início da década de 1980, o referido arraial foi elevado à categoria de distrito. Em 03 de março de 1989, o agora distrito de Ribeirão do Largo passa a ser desmembrado do município de Encruzilhada, e no mesmo ano, é realizada eleição para o preenchimento de vagas do poder executivo e legislativo.

Na época ele era casado com Ana Rita Figueiredo, o que lhe rendeu o apelido de Pedro de Ana Rita (Souto, 2008). A prática cultural de ser referendado com o primeiro nome da esposa ou esposo precedido pela preposição de, que nesse caso funciona como adjunto adnominal indicativo de posse, ainda é uma prática comum nas cidades interioranas da Bahia. Pedro de Ana Rita, teve quatro filhos durante o casamento.

“Djanira era a mais velha, Hugolino (apelidado de Aprígio) era o segundo, Hermínio, o terceiro e Delotero, o caçula, estes dois últimos filhos nasceram em Encruzilhada, em 1907 e 1910 respectivamente.” (Benedicts, 2007, p. 40).

Pedro foi para arraial de São Hilarião para trabalhar como boiadeiro na fazenda de Juca, parente de sua mulher Ana Rita e casado com Maria Gorda. Ele e sua família moravam na fazenda na qual ele trabalhava, como era o costume da época. Os trabalhadores das grandes e pequenas fazendas viviam no próprio terreno, em casebres fornecidos pelos patrões. Durante o tempo em que esses serviçais se sujeitavam ao trabalho, que era regido de acordo com as necessidades do local e do patrão, não havendo normas nem direitos trabalhistas estabelecidos, poderiam usufruir das moradias. Uma situação vantajosa aos fazendeiros, já que a mão de obra estava sempre disponível, um forte resquício de uma relação patriarcal entre fazendeiros e trabalhadores rurais que dominava todo o sertão baiano entre os séculos XVIII e XIX (Santos Filho, 1956).

Pedro Afonso do Nascimento é descrito localmente como um bom homem, trabalhador, honesto e prestativo.

Pedro era um homem comum / Bastante trabalhador /
Pontual em seu trabalho / Tinha assim seu valor /
E cuidava da família / Com assistência e amor /
(...) Pedro era um homem bom / Muito colaborador /
Católico e para a vizinhança / Era um bom rezador /
Em que rezava curava / Tristeza, ferida e dor. (Sousa, 2013, p. 5, 6).

Pedro também era conhecido como rezador/benzedor, ofício de grande valia para época. O benzador era detentor de um saber medicinal e religioso, que era capaz de, por meio das rezas, rituais, receitas, garrafadas, curar males do corpo e do espírito daqueles que o procuravam. Muito provavelmente era por isso, por ele ser rezador, que o fazia ser

uma pessoa muito conhecida e querida por sua comunidade, carente de médicos e outros profissionais da saúde.

Figura 25: Foto de Pedro Afonso do Nascimento (Anchieta, 2003, p. 24).

Durante o período em que ele esteve trabalhando na fazenda de Juca de Maria Gorda, a sua esposa, Ana Rita, mantinha relações sexuais com os filhos dos seus patrões.

“Diz a memória popular da cidade que Pedro, homem de boa índole e muito querido pela população local, foi traído por sua mulher Ana Rita com outros dois homens, ambos os filhos de uma senhora de nome Maria Gorda.” (Anchieta, 2003, p. 9).

Após a descoberta do adultério, o casamento se desfez. Eles moravam na referida fazenda juntamente com Hemínio, seu terceiro filho. O caçula, Delotero, quando criança, teria se mudado anos antes da traição para a casa de seus tios em Almenara, Minas Gerais, onde recebeu criação. Os mais velhos, Djanira e Hugolino, já eram casados nesse período e não mais viviam com seus pais. Ana Rita e o seu filho, Hermínio, deixaram a habitação e foram morar com a sua filha Djanira, na cidade baiana de Macarani, interior do estado. Pedro também se mudou, indo morar e trabalhar na fazenda de João Pelado, primo de

primeiro grau de Ana Rita, ainda no território pertencente à pequena cidade de Ribeirão do Largo (Benedicts, 2007).

O casal Juca e Maria Gorda, antecipando uma provável vingança por parte de Pedro contra seus dois filhos, já que era costume na época o homem vítima de adultério matar o(s) amante(s) de sua esposa em defesa da sua honra, contratou dois pistoleiros da região, os irmãos Tintino e Amaro, filhos de João de Mucinha, para assassinar Pedro, dando-lhes uma vaca como pagamento. Era comum o uso da violência por parte da elite agrária, para solucionar divergências, tanto na esfera pública (política e religiosa) como na privada.

Segundo Miguel Silva (1985), Pedro, no dia de sua morte, 12 de abril de 1925, estava trabalhando na fazenda de Fonseca Alves Gusmão, cortando lenha a ser usada no abastecimento do fogão a lenha, quando chegaram Tintino e Amaro perguntando se ele seria Pedro de Ana Rita. Após a afirmativa, os capangas o amarraram aos cavalos, arrastando-o por cerca de cinco quilômetros por uma estrada de terra, uma subida íngreme, que permite uma visão panorâmica de todo o distrito de Ribeirão do Largo e que dá acesso a um matagal. A forma como sucedeu seu assassinato é conhecida, com mais ou menos detalhes, por todos os devotos entrevistados e também está narrada em verso de cordel.

“Seguiu Pedro em direção / De uma enorme ladeira /
Sabendo que logo adiante / Lhe passavam a madeira /
Ele disse para os dois / Vou do barro fazer poeira.” (Silva, 1985, p. 2).

Mesmo com as pauladas, a morte de Pedro teria ocorrido por causa de um ferimento feito por faca.

“Mas não teria sido qualquer faca, só a faca que era de propriedade de Pedro poderia matá-lo. E mesmo à paulada, a sua morte só aconteceu porque ele indicou que só poderia morrer com aquele objeto. Os bandidos já tinham tentado matá-lo de revólver e de faca, sem sucesso.” (Benedicts, 2007, p. 42).

Narrativas populares afirmam que Pedro tinha o corpo fechado, por isso que somente a faca que ele carregava em sua cintura, utilizada em sua lida de boiadeiro e rezador, tinha o poder de ceifar a sua própria vida. Antes de morrer, além de ele ser torturado com pauladas, foi obrigado a cavar sua própria sepultura.

Pedro foi assassinado aos 54 anos. Populares promoveram uma busca por ele, que terminou três dias depois do ocorrido, quando encontraram o seu corpo. Marcas de sangue

espalhadas pelo caminho, provavelmente derivadas do seu arraste por cavalos e pelas pauladas que havia levado durante todo o percurso, e urubus de cabeça preta, comuns na região, serviram de guias a procura. Esses animais saprófagos de hábitos diurnos foram avistados plainando sobre a cova rasa do defunto em decomposição.

O corpo estava enterrado no meio do matagal, no terreno pertencente à fazenda de José Gonçalves, filho do coronel Juvêncio Gonçalves, que doou uma pequena porção de sua terra para que Pedro pudesse ser devidamente enterrado nela. Pedro estava em uma cova rasa, com partes à mostra. Ele foi enterrado por populares a uma profundidade de sete palmos, assim o cheiro do seu corpo não era exalado para o ambiente e não atrairia os animais que poderiam usufruir dele. Com o tempo, José Gonçalves, que doou a terra, construiu uma capela que guarda o túmulo de Pedro como pagamento de promessa.

Figura 26: Túmulo de Pedro Afonso do Nascimento. À esquerda, vista externa da capela que guarda o jazigo. À direita, interior da capela com o jazigo ao centro.

À frente da referida capela, localiza-se um busto em cimento simbolizando a figura de Pedro, cujas feições se assemelham às de um típico sertanejo. A escultura teve como base o rosto de Delotero, filho caçula de Pedro, que era muito parecido com o seu pai, e de suas lembranças sobre a fisionomia dele, Pedro.

Figura 27: Busto de Pedro Afonso do Nascimento, vista geral e em detalhe.

A vaca entregue aos pistoleiros como forma de pagamento foi vendida para o açougueiro local, que, após abatê-la, sangrou demasiadamente, tendo sua carne apodrecida no dia seguinte. Tal fato provocou inquietações na população do arraial, que, indignada por causa das crueldades às quais Pedro havia sido submetido, clamou por justiça. Diante de tal situação, os fazendeiros coronéis João Alves e Juvêncio Gonçalves, proprietário da fazenda São João, principais autoridades do lugar, comandado pelo coronelismo, decidiram mandar perseguir e matar Titino e Amaro, em favor da justiça popular. Vale ressaltar que João Alves era muito amigo de Pedro e o conheceu na época em que ele morava e trabalhava na fazenda de Juca, seu vizinho.

No distrito de Ribeirão do Largo, consoante a todo o sertão baiano da época, predominava a criação de gado. Praticava-se a pecuária extensiva, ou seja, o gado era criado à solta e se alimentava de pastos naturais. Sempre que algum animal sumia ou ficava doente, os vaqueiros pediam ajuda para Pedro, que em vida tinha grande habilidade de cuidar do gado, por causa da sua profissão de vaqueiro, e de curar males, já que ele era conhecido como rezador. O sucesso de tais pedidos abriu precedentes para outros de variados tipos, principalmente os que concernem às enfermidades, uma referência ao seu ofício de benzedor quando em vida.

Com a emancipação política de Ribeirão do Largo, no ano de 1983, a prefeitura realizou investimentos no local, como a construção de confessionário e banheiros públicos, feminino e masculino.

Figura 28: Construções na cova de Pedro. Da esquerda para a direita: casa lateral que guarda ex-votos; casa que guarda o jazigo de Pedro; confessionário; banheiro público feminino; banheiro público masculino.

Figura 29: Foto panorâmica do município de Ribeirão do Largo, em 2015.

No dia 29 de junho, dia de São Pedro, acontece no atual município de Ribeirão do Largo uma romaria denominada: Cova de Pedro. Em tal evento religioso é montado um grande palco onde os padres das paróquias vizinhas se reúnem e juntos celebram missa em homenagem ao apóstolo Pedro. Importante destacar que, durante a liturgia não se distingue o santo católico do popular. Os fiéis acreditam que se trata de um mesmo Pedro.

Figura 30 Romaria à cova de Pedro, 2015. À esquerda devotos contemplando o busto de Pedro; à direita, contemplando o túmulo de Pedro.

6 DEVOÇÃO AOS SANTOS

Devoção é um termo popular que ao longo da história adquiriu uma conotação um tanto quanto pejorativa, resquícios de uma cristandade colonial, que desqualificava as manifestações religiosas populares, na tentativa de controlar os fiéis. Ela é comumente vista como sinônimo de ignorância religiosa, já que sua manifestação é de caráter popular e não segue as regras estabelecidas pelo catolicismo oficial.

“A “devoção” passou a ser vista como algo depreciativo, marginal, como manifestações de fé (devoções) que não se enquadravam no modelo europeu, romanizado. (...) A devoção nasce, geralmente, da crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter, freqüentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que ouviu-se dizer que tenha ocorrido.” (Pereira, 2003, p. 68).

Segundo o teólogo Jacques Douillet (1960) “o culto dos santos ocupa um lugar muito grande na vida da Igreja Católica. Há mesmo quem se espante com a importância que lhes é dada.” (Douillet, 1960, p. 67). Desde a era da Igreja primitiva, já se podia ver tributos rendidos aos santos em volta dos túmulos dos primeiros mártires. Aliás, é ao redor dos túmulos dos santos populares que a devoção acontece em seu fervor. Diferentemente dos santos oficiais, os quais os devotos dispõem de imagens que podem ser facilmente adquiridas e transportadas para suas residências, para compor altares particulares, os santos populares são desprovidos desse recurso. O túmulo é o principal, senão o exclusivo, meio de encontro entre eles, “santos do povo” como denomina o especialista em religiosidade Carlos Rodrigues Brandão (1986), e seus devotos. É em direção a esses túmulos sagrados que acontecem as romarias, que dentre todas as manifestações coletivas de fé são as mais expressivas. Elas movimentam toda a região e se constituem como um marco no calendário comemorativo local.

A devoção aos santos populares se manifesta, de certa forma, independente da Igreja institucionalizada; contudo, é com base em seus preceitos mais conhecidos que os devotos, com pouca ou nenhuma leitura bíblica, manifestam sua fé. É inspirado no calendário católico, por exemplo, que os devotos homenageiam seus santos populares, como as romarias à santa Leocádia, na sexta-feira santa; a santo Antônio, no dia comemorativo a santo Antônio de Pádua; a são Pedro, no dia comemorativo do apóstolo são Pedro. Em muitas dessas manifestações devocionais, a Igreja é efetiva, como, por exemplo, no caso dos santos populares Antônio e Pedro. A presença de padre, bispo e de demais integrantes da Igreja faz com que os fiéis acreditem que suas práticas devocionais estão legitimadas perante a instituição católica. Apesar de os representantes da Igreja serem obrigados a esclarecer aos devotos sobre a fé, por conveniência, eles não o fazem.

“O Bispo diocesano está obrigado a propor e a ilustrar as verdades da fé, que se devem crer e aplicar aos costumes, pregando pessoalmente com frequência; vele também por que se observem cuidadosamente as prescrições dos cânones atinentes ao ministério da palavra, sobretudo acerca da homilia e formação catequética, de tal modo que toda a doutrina cristã a todos seja ministrada. Preserve com firmeza e com os meios apropriados a integridade e a unidade da fé (...).” (Código de Direito Canônico, 1983, Cân. 386, § 1 e 2, p. 70).

Neste capítulo, trato das primeiras devoções religiosas em prol de santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro, as quais eu tive conhecimento, com base nos dados coletados durante a pesquisa de campo. A análise sobre como essas práticas religiosas se constituíram progressivamente, às margens do catolicismo oficial, é de extrema importância na compreensão do processo de santificação popular. Nesse contexto, também elenco características significativamente positivas descritas pelos entrevistados, qualidades que eles, munidos de um saber popular, associam à santidade.

6.1 DEVOÇÃO À SANTA LEOCÁDIA

As orações a Leocádia começaram desde o momento que se tomou conhecimento do seu assassinato. Faziam-se inicialmente votos para que ela usufruísse de descanso e paz, já que, assim como a maioria dos habitantes do lugar, teve uma vida castigada em decorrência da pesada labuta do sertão.

6.1.1 Leocádia: uma trabalhadora famigerada

Leocádia foi para Guanambi, no ano de 1889, em busca de trabalho. Na época, a cidade era uma pequena vila, de nome Beija-flor, formada por modestas casas de taipas, pau-a-pique, com poucas exceções das casas das grandes fazendas. Não existia energia elétrica, a iluminação ficava a cargo dos candeeiros abastecidos com óleo de mamona, comum na região. Também não havia sistema de abastecimento de água. Por se tratar especificamente de uma área de caatinga, as estiagens eram constantes e severas; aliás, foi por essa razão que se deu início à construção da tapagem, represa rudimentar, que exigia muito esforço braçal e movimentava toda a vila. Carlos, devoto fervoroso de santa Leocádia, fala sobre como era a labuta que ela e muitos outros levavam naquela época, histórias que seu avô lhe contava.

“Meu avô trabalhou com ela na tapagem. Ela era franzina, bem magrinha mesmo, mas não fazia corpo mole não, trabalhava mais que muita gente grande. Naquela época a vida era mais difícil, o povo sofria muito com a falta d’água. O trabalho da tapagem era importante e todo mundo trabalhava pesado lá. Foi mais de ano pra ficar pronta, mas santa Leocádia morreu antes do serviço acabar. Deram fim com a vida dela. Quando mataram ela, o povo todo ficou sentido. Foi muita maldade. Ela não merecia o que fizeram com ela não.” (Devoto Carlos).

O escritor guanambiense Elísio Cardoso Guimarães, ao redigir o romance intitulado *Leocádia*, trata da seca que castigava a vila de Beija-Flor, tendo a fome como a pior de suas consequências. Segundo ele, *Leocádia* era mais uma vítima dessa triste realidade que afligia o lugar. Ela teria se mudado para a vila com o objetivo de:

“...adquirir algum trabalho e arranjar algo pra comer. Em busca, talvez, de galardão. Já é um galardão algo que matasse a fome... aquela fome que dói o estomago e degreda a alma. Aquela fome que transmite para os olhos, para as faces, para todo o ser. Para o ser comido pela fome.” (Guimarães, 1991, p. 11).

Ana Kiffer (2011), defende a importância da literatura como fonte denunciadora da fome, que até então era tabu. Há toda uma literatura da seca que desabafa acerca da miséria que castiga o povo nordestino. Como exemplo, os consagrados romances brasileiros: *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O Quinze* (1930), Rachel de Queiroz; *Vidas Secas* (1938), Graciliano Ramos; *Seara Vermelha* (1946), Jorge Amado. O sociólogo Josué de Castro, precursor dos estudos sobre a fome no Brasil, alerta para a fome no Nordeste, que se sobressai em relação ao resto do país, tendo as estiagens como a sua principal causa. Fome e seca passaram a compartilhar do mesmo significado para os romancistas do Nordeste que, de forma literária, mostraram, por meio do sofrimento dos personagens, as mazelas que assolavam a região. O estilo de vida famélico de *Leocádia* encaixar-se-ia com facilidade na literatura da seca. A fome de *Leocádia* é um martírio diário. Por isso arrisco-me afirmar também, uma similitude com as privações alimentares às quais os ascetas estavam submetidos, com a diferença dessas privações serem autoimpostas. O interessante nesta relação é o sentido religioso embutido no jejum²⁹, um meio de aproximação de Deus.

---

²⁹ Embora seja possível encontrar na Bíblia situação em que o jejum não está estritamente relacionado com a privação alimentar, como em *Coríntios 7: 4-6*, que é de ordem sexual. “A mulher não dispõe do seu corpo; mas é o marido quem dispõe. Do mesmo modo o marido não dispõe do seu corpo; mas é a mulher quem dispõe. Não vos recusei um ao outro, a não ser de comum acordo e por algum tempo, para que vos entregueis à oração; depois disso, voltai a unir-vos, a fim de que o Satanás não vos tente mediante a vossa incontinência.” (*Coríntios 7: 4-6*). O que vigora é a relação do jejum com a ausência, parcial ou total, de comida. Como em *Atos dos Apóstolos 13:1-3* e *Atos dos Apóstolos 14:23*. “Havia em Antioquia, na Igreja local, profetas e doutores: Barnabé, Simeão coGênesisominado Níger, Lúcio de Cirene, e ainda Manaém, companheiro de infância do tetrarca Herodes e Saulo. Celebrando eles a liturgia em honra do Senhor e jejuando, disse-lhes o Espírito Santo: “Separai para mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei.” Então, depois de terem jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e desperiram-nos.” (*Atos dos Apóstolos 13:1-3*). “Em cada Igreja desiGênesisaram anciãos e, depois de terem orado e jejuado, confiaram-nos ao Senhor, em que tinha crido.” (*Atos dos Apóstolos 14:23*).

Jackylaine de Almeida Silva, em sua tese sobre os famigerados juvenis da seca na literatura nordestina, constatou que os personagens expostos são representados ora “como um ser frágil, ora como um ser forte, bicho instintivo que precisa se adaptar para sobreviver às rudezas do sistema socioeconômico do qual faz parte.” (Silva, 2014, p. 13). Assim era Leocádia:

“Jovem de olhar suave e triste. Triste pelos seus dezesseis anos de uma existência sofrida e marcada por trabalhos pesados para uma jovem franzina.” (Guimarães, 1991, p. 36).

“Santa Leocádia tinha uma vida castigada, de gente pobre mesmo. Minha avó era amiga dela... ela era magrinha, vivia passando necessidades. Quando não tava trabalhando na tapagem a pobrezinha lavava a roupa aqui no lajedo. Foi quando pegaram ela, quando ela lavava roupa. Judaram dela, cortaram ela todinha e arrancaram o seu seio. Mataram ela inocente.” (Devota Laurinda).

Independentemente da fonte, literatura local ou depoimentos orais dos devotos, entrevistas, Leocádia é descrita semelhantemente, como uma trabalhadora famigerada.

6.1.2 Leocádia: vítima da maldade

Leocádia, além de ser descrita como uma famigerada de vida dignificada pelo trabalho, ela também é vista como uma jovem inocente, vítima da maldade alheia.

“Moça de hábitos simples, mas dona de uma beleza singela, foi vítima do ciúme enlouquecido de D. Raquel.” (Secretaria Municipal de Educação, 1996, p. 19).

“A pobre vítima, ignorando o tenebroso plano arquitetado por Dona Raquel para o seu assassinato, foi lavar a própria roupa nos pequenos “caldeirões” da “Caiçara”, nas proximidades do arraial; ali ela foi fria e barbaramente assassinada, seu cadáver mutilado, atado a blocos de pedra, atirado dentro do ‘caldeirão!’ (Teixeira, 1967, p. 69).

“Quando foi brutalmente atacada, morta e o seu corpo jogado num poço. Seu seio foi retirado e entregue à D. Raquel.” (Secretaria Municipal de Educação, 1996, p. 20).

“Certa vez, ao sair de casa para lavar roupa nos tanques da Caiçara, Leocádia foi subitamente agarrada por dois homens – Tião de Março e Marcolino – a mando de dona Raquel, que num crime sórdido, ordenou-lhes que matassem a pobre moça.” (Cotrim, 1994, p. 53, 54).

“Aquela jovem cruelmente assassinada.” (Ariel *et alii*, 1999, p. 39).

“Meu Deus, que judiação. Pobre moça morreu inocente.” (Teixeira, 1990, p. 16).

Quando o corpo de Leocádia foi encontrado, muitos populares foram ao local e, devido ao avançado estado de deterioração que ele estava, o enterraram ali próximo. Diante da boa imagem da qual ela gozava e da proximidade que ela tinha com os habitantes da antiga Guanambi, vila Beija-flor, é natural que o seu assassinato tenha provocado comoção local e orações com votos de descanso e paz em seu enterro. Além do mais, segundo a tradição cristã, é dever fazer orações de consolo em momentos como esse, como decreta o cânone 1176 do Código de Direito Canônico. “§ 1. Devem fazer-se exéquias eclesiásticas aos fiéis defuntos, segundo as normas do direito.” (Código de Direito Canônico, 1983, Cân. 1176, § 1, p. 205) De acordo com o referido código, o objetivo é fornecer auxílio espiritual para os defuntos e honrar os seus corpos e, ao mesmo tempo, proporcionar consolo aos vivos. O funeral de Leocádia é descrito como um acontecimento comovente.

“Muita gente ali assistia / Foi comovente aquele dia / Triste até pra se contar.” (Teixeira, 1990, p. 15).

“Meu tio estava lá quando acharam o corpo dela e enterraram. Foi o maior alvoroço. Muita gente chorou e passou mal quando viu o corpo da santa todo cortado e com cheiro forte já. Mas o rosto dela tava perfeito, bonito, sem igual.” (Devoto Miguel).

“De todos os assassinatos praticados em Beija-Flor, nenhum deixou a população do arraial e das vizinhanças mais penalizada do que aquele de LEOCÁDIA.” (Teixeira, 1967, p. 68).

“Leocádia havia sido vítima de um monstruoso crime e, então, a solidariedade humana, em nenhum tempo nesta parte do Sertão, se manifestou tão expressiva e tão espontânea, porque a população, emocionadamente abalada, pedia a elucidação do crime para a punição do culpado.” (Teixeira, 1967, p. 69).

O sentimento de compaixão diante da dor do outro pode evidenciar uma desigualdade social, como indica Hannah Arendt (1971), entre aqueles que sofrem, despossuídos de bens, como era o caso de Leocádia e de seus colegas trabalhadores da tapagem, e os que não sofrem, detentores de bens, que eram as famílias dos fazendeiros coronéis³⁰, autoridades locais. Tal contraste social é retratado abaixo pelo verso de um cordel local:

“Os coronéis dominavam tudo / Do trabalho ao abastecimento /
As regras e as leis eles faziam / De acordo com seus intentos /
Mandavam e desmandavam / Quem não gostasse eles matavam /
E não tinha contra-tempo.” (Teixeira, 1990, p. 9).

Leocádia é uma injustiçada, vítima do sistema coronelista da época. Além da crueldade do seu assassinato e de seus reflexos sociais, outro item que chama atenção para este estudo é o fato de, tanto na literatura, quanto na oralidade local, a sua beleza física se mantém soberana. Ela permanece com o rosto belo, intacto, mesmo após a morte.

6.1.3 Leocádia: uma beleza intocável

A beleza física de Leocádia é constantemente enaltecida como se essa fosse uma evidência do divino, do puro, do bom. A exaltação da beleza física é certamente uma influência do mundo grego. “Um dos traços centrais da religião grega é a beleza de seus deuses.” (Pinheiro, 2010, p. 1). Segundo Marcus Reis Pinheiro (2010), a beleza está intimamente conectada com noções outras que remetem à excelência. O ser belo é ser bom, puro, virtuoso, herói. Assim, pode-se falar de um imperativo estético incitado pela religião da Grécia. Leocádia era bela.

---

³⁰ Oliveira Vianna (1920) constatou, em propriedades com características rurais no sul do Brasil, a existência de uma grande distância social entre os fazendeiros e os trabalhadores da gleba. Essa ideia de dicotomia social é ampliada e trabalhada por Gilberto Freyre (1933, 1936), que mostra o funcionamento do meio rural brasileiro entre casa grande e senzala, inexistindo, do ponto de vista socioeconômico, uma camada intermediária.

“Ela era um jovem bonita / Corpo esguiu e bem aprumado /
Pele clara e olhos brilhantes / Seios graúdos e arredondados /
Cabelos claros até a cintura / Largos quadris e boa postura /
Andar firme e cadenciado.” (Teixeira, 1990, p. 5).

“Pele clara, cabelos castanhos e lisos, caídos pelos ombros. Lábios finos de pouco sorriso. Os olhos castanhos amendoados estavam sempre fixos no além ou, diria eu, naquilo que não se vê. Se aquele rosto é o espelho da alma, que bela alma não deve ter tido aquele rosto! Rosto bonito num corpo bem feito de uma sertaneja pura.” (Guimarães, 1991, p. 36).

“Minha avó conhecia santa Leocádia. Ela me dizia que ela era muito bonita, tinha olhos cor de mel, branquinha, do cabelo liso e bem grande.” (Devota Odete).

“Santa Leocádia era bonita demais. Meu avô vivia me dizendo que não existia na face da terra moça mais bonita que ela. Não dá nem pra imaginar que puderam dar cabo da vida dela.” (Devoto Saulo).

A beleza de Leocádia é absoluta. Ela permanece intacta, mesmo após a sua morte.

“Quando acharam o corpo dela, ele estava todo picotado, se desmanchando já. O rosto não estava, continuava do mesmo jeitinho, lindo, lindo, como se não tivesse acontecido nada. Foi minha avó e minha mãe que me contaram. Não existia beleza igual que nem a dela.” (Devota Ivete).

“A beleza daquele rosto era maior, porque sua palidez fazia um misto de pureza, de candura e de fragilidade.” (Guimarães, 1991, p 51).

“Meu tio viu quando acharam o corpo dela todo cortado no lajedo. Ele me falou que rosto dela tava perfeito, como se estivesse dormindo. Cara de anjo, quero dizer de santa, rosto de santa mesmo.” (Devoto Paulo).

O corpo de Leocádia foi encontrado no caldeirão do lajedo Caiçara. Lá existem três caldeirões; contudo, aquele em que foi encontrado o corpo é facilmente identificado pelo seu tamanho, ele é o maior dos três, e formato, que segundo os devotos se assemelha a um caixão fúnebre.

Do outro dia em diante, era grande o número de curiosos que ia à Caiçara comprovar a veracidade de que se comentava na Vila sobre os três tanques do lajedo grande. De volta, uns diziam que seus formatos antes eram ovalados; outros, que eram redondos, mas todos concordavam na forma de caixão que passaram a ter. Com isso, a crendice popular acentuou-se tão rápida, que de tanto se fazer promessas à menina Leocádia para serem cumpridas na sua sepultura, o local passou a ter o seu nome e ser considerado sagrado por todos os moradores. (Guimarães, 1991, p. 90).

Figura 31: Caldeirão onde foi encontrado o corpo de Leocádia. À esquerda o caldeirão na época da cheia, à direita o caldeirão na época da seca.

Em muitos momentos, o caldeirão funciona como amparo na guerra do típico nordestino contra a seca. Ele é fonte duradoura de água, símbolo de vida e neste caso também de fé. Muitos acreditam que a água do caldeirão é uma água santa. É comum ver devotos do gênero feminino lavar seus cabelos com essa água na esperança de que eles cresçam mais saudáveis e rapidamente, tendo como referência os de Leocádia, sempre descritos de forma bela nas narrativas populares.

Figura 32: Devotas lavando seus cabelos com a água do caldeirão..

O Cabelo é um dos atrativos femininos mais cobiçados, considerado uma extensão da beleza física. Na narrativa bíblica, era glorioso para mulher ter longos fios capilares³¹. Foi dispendendo de comprida cabeleira, que uma pecadora enxugou os pés de Cristo e por tal gesto teve seus pecados perdoados³². A cabeça é considerada em muitas culturas o centro vital do corpo; o cabelo, situado no ponto mais alto da anatomia humana, goza de estimada importância, tanta que era a fonte da força de Sansão³³. Na Idade Média, o cabelo, natural

³¹ “Ao passo que, para a mulher, é gloria ter longa cabeleira, porque a cabeleira lhe foi dada como o véu?” (I Coríntios 11:15).

³² “Apareceu então uma mulher da cidade, uma pecadora. Sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume. E, ficando por detrás, aos pés dele, chorava; e com lágrimas começou a banhar-lhe os pés, a enxuga-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume. Vendo isso, o fariseu que o havia convidado pôs-se a refletir: “Se este homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que o toca, porque é uma pecadora!” Jesus, porém, tomando a palavra, disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa a dizer-te.” “Fala, mestre”, respondeu ele. “Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?” Simão respondeu: “Suponho que aquele ao qual mais perdoou.” Jesus lhe disse: “Julgaste bem.” E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher, ?” Entrei em tua casa, e não me derramaste água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que eu entrei, não parou de cobrir-me os pés de beijo. Não me derramaste óleo na cabeça; ela, ao invés, ungiu-me os pés com perfume. Por essa razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor.” Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados.” (Lucas 7: 37-49).

³³ “Então disse Dalila a Sansão: “Até agora zombaste de mim e me disseste mentiras. Conta-me com que devo amarrar-te.” Ele lhe respondeu: “Se teceres as sete tranças da minha cabeleira com a urdidura de um tecido as apertares com um pino, perderei a minha força e me tornarei como qualquer homem.” Ela o fez dormir, depois teceu as sete tranças da sua cabeleira com a urdidura, apertou-as com o pino e gritou: “Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!” Ele despertou do sono e arrancou o pino com o tecido. Disse-lhe Dalila: “Como podes dizer que me amas se o teu coração não está comigo? Três vezes zombaste de mim e não me fizeste saber onde reside a tua grande força.” Como todos os dias ela o importunasse com as suas palavras e o

ou artificial, era status de riqueza e nobreza. Talvez, inconscientemente, por tudo isso, é que ter belos cabelos longos seja algo tão desejado por muitas devotas de Leocádia.

Além de lavarem os cabelos, também é comum ver os devotos lavar seus pés, como meio de purificação. Uma referência à conhecida passagem bíblica do lava-pés³⁴, momento em que Cristo lavou os pés de seus discípulos para purificá-los e assim poder proceder com a comunhão.

Figura 33: Devota lavando seus pés com a água do caldeirão.

---

fatigasse, ele se angustiou até a morte. Então lhe abriu todo o seu coração: “A navalha jamais passou pela minha cabeça,” disse-lhe ele, “porque sou nazireu de Deus desde o seio da minha mãe. Se me cortarem os cabelos, a minha força se retirará de mim, perderei meu vigor e me tornarei um homem como qualquer outro.” Então Dalila sentiu que ele lhe tinha aberto todo o seu coração.” Mandou chamar os príncipes dos filisteus e lhes disse: “Vinde agora, porque ele me abriu todo o seu coração.” E os príncipes dos filisteus vieram, com o dinheiro na mão. Ela adormeceu Sansão nos seus joelhos, chamou um homem e o mandou cortar suas sete tranças da sua cabeleira. Assim começou ela a dominá-lo, e a sua força se retirou dele. Ela gritou: “Os filisteus vêm sobre ti, Sansão!” Acordando de seu sono, ele pensou: “Sairei como das outras vezes e me livrarei.” Mas não sabia que Iahweh tinha se retirado dele. Os filisteus o agarraram, vazaram-lhe os olhos e o levaram a gaza, onde o encadearam com uma dupla cadeia de bronze, e girava a mó no cárcere.” (Juízes 16, 13:21).

³⁴ “Sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha e com que estava cingido. Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu lavar-me os pés?!” Respondeu-lhe Jesus: “O que eu faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde.” Disse-lhe Pedro: “Jamais me lavarás os pés!” Jesus respondeu-lhe: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo.” Simão Pedro disse: “Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça.” Jesus lhe disse: “Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está puro. Vós também estais puros, mas não todos.” Ele sabia, com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: “Nem todos estais puros.”” (João 13: 3-11).

O aludido caldeirão reflete o martírio maior de Leocádia, seu assassinato. Como já abordado, no início da era cristã, martírio e santidade gozavam praticamente do mesmo significado, o que, muito provavelmente, responde a crença daquela água não se tratar de outra água qualquer e sim de uma água santa. Existe a crença que ela tem poderes milagrosos, é capaz de agir positivamente nos cabelos, purificar a alma, de evitar a falta de água nos reservatórios residenciais e muito mais.

“Sempre trago um pouco de água lá de casa e derramo na sepultura pra pedir por chuva. Depois, vou lá no lajedo dela e encho a garrafinha de água e jogo lá no tanque de casa que é pra não faltar água. Para eu ter água o ano todo. Porque essa água aqui, é água santa.” (Devota Neomara).

Figura 34: Devota recolhendo a água do caldeirão.

A falta de água em Guanambi assombra a população da cidade até os dias de hoje. Ocorre um racionamento de água nos períodos da seca, que tem seu pico nos meses de julho e agosto. Nessa época do ano, a prefeitura do município promove medidas socioeducativas para incentivar a economia de água nas residências.

6.1.4 Leocádia e o castigo que vem do céu

O assassinato de Leocádia não ficou impune. Os jagunços que a assassinaram, Marcolino e Sebastião, foram encontrados mortos. O primeiro na gruta Toca do Índio, cerca de cinco quilômetros do centro de Guanambi; o segundo, em um matagal, cujo local corresponde ao atual município de Malhada, Bahia. O provérbio “quem com ferro fere, com ferro será ferido” foi pronunciado diversas vezes por vários devotos ao se referirem ao destino que esses algozes tiveram. Provérbios são expressões populares atemporais, carregadas de ideologia e tidos como verdade absoluta (Santos, 2012). Eles possuem uma função viva, são ditos correntes entre o povo, cuja estrutura fônica - entonação, métrica e ritmo, assonâncias e rimas –, derivada da poesia românica da Idade Média, faz com que a mensagem proverbial seja de fácil memorização, com teor frequentemente doutrinal. Tais unidades fraseológicas são caracterizadas externamente por concisão e brevidade; internamente, devido ao seu caráter semântico, por valores gerais referendados a gerações. Eles devem ser obrigatoriamente seguidos, em respeito ao legado.

“Os provérbios e sua tradição sempre remeteram à educação moral, e nesse aspecto em particular, os provérbios brasileiros têm suas raízes mais profundas na tradição proverbial da Idade Média, que por sua vez, está ancorada na tradição sapiencial bíblica.” (Lúlio, 2007, p. 2).

Etimologicamente, o termo provérbio, do latim “*proverbium*”, é uma aglutinação do advérbio *pro*, “a frente de, a favor de”, entendido aqui como prevérbio, com o substantivo *verbum*, “verbo, palavra.” Traduzindo-o, significa a frente do verbo, favorável ao verbo. Há, portanto, uma exaltação retórica, uma implicação oracular e sacra, características essas cristalizadas pela Bíblia, tendo o livro Provérbios (Provérbios de Salomão) como o principal representante. O provérbio em estudo – quem com ferro fere, com ferro será ferido – indica, neste caso em específico, uma punição divina. Os capangas morreram porque mataram. Tratam-se de mortes misteriosas. Marcolino e Sebastião foram encontrados sem vida e na ausência de indícios e suspeitos do crime, a autoria do acontecido recai em obra de Deus. O castigo mais severo ficou destinado para a mentora do delito, dona Raquel, descrita negativamente, com fama de ser uma pessoa dantesca e diabólica.

“Tinha o nome de Rakel / Sua diabólica mulher / Coração frio e ferino / Alma do reino de Lucifer.” (Teixeira, 1990, p. 6).

“O que desejava era completar um plano tão diabólico e dantesco, quanto dantesca e diabólica era a mente criadora do plano.” (Guimarães, 1991, p. 78).

Dona Raquel fugiu para a cidade de Pitangueiras, São Paulo, onde a lepra³⁵ se manifestou em seu corpo. Ela era considerada a doença mais temível na época, resultando em uma vida de sofrimentos físico e social. Nos tempos bíblicos, Antigo Testamento e Novo Testamento, os leprosos eram considerados impuros. O próprio Deus disse que os casos que possam se tratar de lepra, deverão ser conduzidos a Aarão, o sacerdote, que após confirmação da doença os declarará impuros (Levítico 13 – 14). “A Bíblia não menciona de maneira explícita e inequívoca a hanseníase.” (Browne, 1979, p. 16) Sendo assim, a lepra era usada de forma generalizada para designar doenças cutâneas deformantes. O desconhecimento de sua cura reforçava a ideia de castigo divino; portanto, fora do alcance dos tratamentos médicos. Ela era vista como a pior de todas as desgraças possíveis, mais temida do que a própria morte.

“Na versão de Béroul do romance Tristão e Isolda, escrita no final do século XII, o rei Marcos é convencido a entregar Isolda, culpada de adultério, a um grupo de leprosos, pois este seria um castigo pior que a morte na fogueira, uma vez que duraria muito mais.” (Pinto, 1995, p. 136).

Apesar de na Bíblia existir casos em que a lepra aparece como sinal de redenção como Jó, Lázaro e aqueles purificados por Cristo, o que vigora é o sentido de punição, cristalizado durante o período medieval, época do surto da doença na Europa. As deformidades físicas provocadas pela doença eram vistas como reflexo de uma alma pecaminosa. Ela “é a prova corporal do pecado: a corrupção da carne manifesta a da alma.” (Schmitt, 1990, p. 272). Todo esse pensamento sobre a lepra está presente na forma a qual Raquel é retratada.

---

³⁵ “No Brasil, a doença é chamada de Hanseníase, mas é conhecida mundialmente por lepra e, ainda, por morfêia ou mal de Lázaro.” (Cunha, 2000, p. 8) A história da hanseníase começou efetivamente em fevereiro de 1874, quando o médico norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen descobriu o primeiro bacilo causador da lepra. Trata-se uma bactéria em forma de bacilo, a *mycobacterium leprae*, chamada também de bacilo-de-hansen. Atualmente, o Brasil é o país com o maior índice de prevalência da doença em todo o mundo.

“Mas há um Deus-pai justiceiro, / Supremo, eterno e verdadeiro... / Dizem que lá em São Paulo / Pegou uma doença perigosa / Sofreu até o último minuto / Com sua sina horrorosa / Morreu numa triste situação / Perseguida pela maldição / De sua alma negra e criminosa.” (Teixeira, 1990, p. 18).

“Uma amiga da minha tia (sobrinha de Raquel) contou pra ela, muito antigamente, que viu Raquel toda suja sentada na calçada da rua, parecendo mendigo. Eu não acredito, porque ela era rica, mas eu sei que ela teve lepra e ficou muito mal. Morreu com a doença, toda deformada. Foi castigo, ela era má.” (Devota Lucilene).

Considerando a premissa da existência do temor inerente a tudo o que é sagrado (Douillet, 1960; Durkheim, 1912), é possível afirmar que o destino trágico que os supracitados tiveram contribuiu significativamente para a construção e consolidação da imagem de uma Leocádia santa, já que não se pode tocar impunemente o que é sagrado. Contribuição igualmente importante é a maneira a qual ela é discursivizada: uma jovem humilde, sofrida, batalhadora, de notável beleza física e vítima da maldade alheia, características presente em muitos santos católicos.

A data da ocorrência do assassinato de Leocádia também é digna de reflexão. Ele ocorreu em 23 de fevereiro de 1890, em plena quaresma, que nesse ano teve início no dia 18 de fevereiro, quarta-feira de cinzas.

“Logo que enterraram a santa já começaram com as orações. Minha bisa me contou que nunca viu uma quaresma tão bonita como aquela. Tinha dia que o povo cantava ladainhas até o sol nascer. Imagino que era linda demais.” (Devota Helena).

A quaresma é um período importante tanto para a religião cristã, quanto para o catolicismo rústico praticado em Guanambi, que desde a sua formação, primeira década do século XIX, é marcado por um povo extremamente religioso. O próprio nome da cidade deriva das novenas realizadas por Belarminda, nas primeiras décadas de 1800 e significa beija-flor em tupi-guarani, derivado das palavras *guainumbi*, *guanumbi*, *guanambi* (Ariel *et alii*, 1999; Cotrim, 1997; Teixeira, 1967;). Belarminda era devota de santo Antônio e possuía uma imagem dele em sua casa. Na época das novenas, pessoas da região iam até a sua residência para prestar homenagens ao referido santo e participar da festa popular, que só começava após o ritual do beijo.

“Inicialmente, as pessoas chegavam àquela residência e faziam suas orações a Santo Antônio, em seguida, a imagem do santo era beijada pelos integrantes do evento. A escolhida para dar o primeiro beijo era sempre Florinda, filha da anfitriã Belarminda e conhecida pelas redondezas como a moça mais bonita da região. No momento do beijo, ecoavam palavras de ordem: – “Beija Flor”, – “Beija Flor”, – “Beija Flor.” Só após o referido ritual, a festa, com músicas, bebidas e comidas, começava de fato. A expressão “Beija Flor” permanecia na lembrança de muitos dos participantes e o lugar, situado nas margens do Rio Belém, mais precisamente na baixada do rio onde se formava uma pequena represa, passou a ser chamado de Beija-Flor.” (Pereira, 2010, p. 22).

As constantes comemorações foram responsáveis por uma certa forma de habitar o espaço. Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) disserta sobre essa facilidade de mobilidade espacial, comum no meio rural brasileiro desde os tempos coloniais. “A pobreza de seu gênero de vida lhes facilitava a partida; a casa de pau-a-pique e de sopapo era facilmente abandonada e reconstruída mais adiante, os pobres utensílios e objetos não eram difíceis de carregar.” (Queiroz, 1973, p. 12). Os frequentadores das novenas passaram a construir suas casas de taipa próximas à imagem do santo, na baixada do rio, no terreno pertencente à fazenda Carnaúbas de Dentro, dando origem a atual cidade³⁶.

Nos primeiros dias do ano de 1881 fora instalado um cruzeiro, feito de madeira de aroeira, na praça da antiga Guanambi, Praça Largo do Cruzeiro, atual Praça Gercino Coelho, para registrar a existência da vila (Cotrim, 1994; Secretaria Municipal de Educação, 1996). Como não havia nenhum representante da Igreja que residisse por lá, eram os próprios habitantes os responsáveis pelos eventos religiosos, que eram realizados coletivamente ao pé do referido símbolo religioso, que servia de referência espacial geográfica e social para a vila. Com o tempo, no ano de 1945 (Guimarães, 1991), o cruzeiro, de grande relevância para as manifestações religiosas populares realizadas em Guanambi, foi levado em procissão e fixado definitivamente ao lado do túmulo de Leocádia.

---

³⁶ Durante o mestrado pesquisei, entre outras coisas, as novenas realizadas na casa de Belarminda, que deram origem à formação da cidade de Guanambi. Para maiores detalhes sobre esses eventos religiosos e a história da construção da referida cidade, indico os capítulos 1 e 2 da minha dissertação. PEREIRA, Thiaquelliny Teixeira. *Memória e Discurso Religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Bahia, 2010.

Figura 35: Cruzeiro de aroeira. Da esquerda para direita, cruzeiro de aroeira em último plano, atrás do túmulo de Leocádia e da árvore nativa, fotografia de 2007; detalhe do cruzeiro que figura em segundo plano, fotografia de 2007; cruzeiro ao chão em primeiro plano à esquerda, destruído devido às ações perdulárias do tempo, fotografia de 2008.

A transferência da grande cruz foi conduzida por populares e reafirma a importância que o túmulo de Leocádia tem para a religiosidade local, dando maior visibilidade e reconhecimento às manifestações religiosas populares praticadas por lá.

Dentre elas, as romarias são as que mais se destacam principalmente, mas não somente, por seu caráter de manifestação pública. Jacob Burckhardt (1974) lembra que na Grécia Antiga toda festa religiosa começava com uma romaria. Ela fazia parte do cotidiano, havia diversas romarias para glorificar diferentes deuses, pluralidade preservada pelo catolicismo até os dias de hoje, com a devoção aos diversos santos. Apesar de o dia da morte de Leocádia ser conhecido, já que ele está inscrito em seu túmulo, as romarias anuais em sua homenagem acontecem em outra data, nas sextas-feiras santas, conhecida também como sexta-feira da paixão, dia que simboliza a crucificação de Jesus Cristo. Há, portanto, um deslocamento da data do seu sofrimento maior, associando-a com a de Cristo. Ricardo Luiz de Souza (2013), em seus estudos sobre aspectos devocionais do catolicismo popular brasileiro, disserta sobre diversas romarias e afirma que as realizadas nas sextas-feiras santas são as mais opulentas. Isso porque, segundo ele, “a religião do sertanejo privilegiava antes a dor que a alegria.” (Souza, 2013, p. 42). O sofrimento funcionaria como um forte elo entre o fiel e Cristo (Le Goff & Truong, 2006). Em virtude desse entendimento, surgiu, no período medieval, o exercício das penitências durante as romarias. A penitência é um dos sete sacramentos³⁷ da Igreja e, de acordo com a

³⁷ Os sacramentos da Igreja Católica são, por ela entendidos, como um gesto divino instituído por Jesus Cristo. São ao todo sete: Batismo, Confirmação ou Crisma, Eucaristia, Reconciliação ou Penitência, Unção dos Enfermos ou Ordem e Matrimônio.

instituição, é o meio pelo qual o servo reconhece as suas faltas e, se delas estiver se arrependido, é perdoado por Deus (Código de Direito Canônico, 1983, Cân. 959). Daí, o sacramento ser denominado de reconciliação/penitência. Em Guanambi, é comum os devotos de santa Leocádia carregarem pedras e vasilhas com água durante a romaria como atos de penitência. O esforço empregado na tarefa funciona como uma autopunição capaz de redimir os pecados da alma.

“A pedra é pra pagar os pecados. Tem que carregar uma pedra pesada, porque se for leve é fácil demais, aí não vale. Tem que ser uma pedra grande e pesada também, dessas que você segura e fica a marca vermelha no corpo, aí sim o pecado é perdoado. Se ficou a marca da pedra que você carregou, o pecado é absorvido.” (Devoto Francisco).

“Em um braço eu levo uma garrafa de água e no outro eu levo uma pedra, venho descalço também. Assim a santa Leocádia vê meu esforço e perdoa meus pecados.” (Devoto Romão).

6.1.5 Santa Leocádia, a fé e a igreja

A igreja católica local de Guanambi, paróquia santo Antônio, nunca apoiou a devoção popular a Leocádia. As manifestações religiosas em prol dela começaram pouco depois do seu assassinato. Na época, final do século XIX, a cidade era uma vila chamada vila Beija-flor. Lá não existia igreja e a presença do padre, procedente da vila de Monte Alto que se localiza a aproximadamente 42 quilômetros de distância, limitava-se às comemorações do tipo: casamento, batismo e velório de alguma pessoa socioeconomicamente relevante.

A igreja se instalou na vila Beija-flor depois que o coronel Joaquim Dias Guimarães, filho mais velho do coronel José Dias Guimarães, doou a parte da fazenda do seu pai para paróquia da vila de Monte Alto, em nome de Santo Antônio, em 8 de maio de 1870. A parte doada era aquela que estava ocupada por sertanejos que fixaram moradia após frequentarem as novenas dedicadas ao santo Antônio na casa de Belarminda. Ele doou a terra, como era desejo do seu pai, em homenagem a santo Antônio, por isso a paróquia da atual Guanambi se chama santo Antônio, sendo ele também o padroeiro da cidade.

É importante lembrar que a mandante do assassinato de Leocádia foi dona Raquel, esposa do coronel José Pedro Dias Guimarães, irmão de Joaquim Dias Guimarães, que, como já dito, doou a terra para a igreja e, por esse motivo, é considerado o fundador da cidade. Apesar de dona Raquel ter fugido, ela nunca cortou suas relações com o marido. Na época, final do século XIX, o coronelismo era a principal forma de poder na região. Na antiga Guanambi, havia uma relação muito íntima entre os coronéis e os padres devido, principalmente, a essa grande doação de terra. Segundo informações de alguns dos descendentes da família Dias Guimarães, nenhum padre apoiava a devoção popular a pedido do coronel José Pedro Dias Guimarães porque ele não queria que o nome da família estivesse envolvido no crime.

Sem o apoio da igreja, os devotos conduziam suas manifestações de fé com autonomia. No que diz respeito à tradicional romaria à Leocádia na sexta-feira santa, ela começava antes do sol nascer e durava o dia inteiro. Além de prestarem homenagem à sua santa, as pessoas levavam seus lanches e permaneciam no lugar o dia inteiro. A cada ano que passava a romaria crescia em número de pessoas.

“Quando eu era nova, aqui era cheio demais. Vinha a família toda pra cá. A gente andava segurando na mão uns dos outros pra não se perder, porque era muita gente. Se alguém se perdesse não achava mais não. Era gente de tudo que é lugar que vinha passar o dia em Leocádia.” (Devoto Verivaldo)

“Era na romaria que a gente encontrava os parentes que moravam longe. O ano inteiro ficava sem ver, porque morava longe. Mas todo ano a gente se encontrava em Leocádia, porque todo mundo vinha ver a santa.” (Devota Severina).

“A romaria era a maior festa de Guanambi. Aliás era a maior da região toda. Vinha gente de toda redondeza. Eu conheci meu marido aqui. Ele trouxe flores pra Leocádia e me deu uma. Ele tava todo arrumado, perfumado. Tem 55 anos isso, já passei dos 54 anos de casada, em dezembro inteiro os 55.” (Devota Marilda).

A romaria não se caracterizava exclusivamente pelo seu sentido religioso, era mais amplo. Ela funcionava como lazer e sociabilidade de todos aqueles que habitavam a cidade e as regiões circunvizinhas. Diante do significativo número de pessoas, surgiu no local uma feira típica das pequenas cidades interioranas, onde havia barracas que vendiam artigos diversos, religiosos ou não, além de comida e bebidas alcoólicas, especialmente a

cachaça. Com o crescimento, veio a desordem, já que não havia nenhuma instituição oficial que cuidasse do evento e os devotos eram despreparados, não havia líderes entre eles e nem sequer pessoas que se propusessem organizá-la. Como a romaria acontecia no feriado de sexta-feira santa, todo o comércio da cidade e região permanecia fechado e muitos iam até Leocádia, espaço físico, a fim de embriagarem-se.

“Cinquenta anos atrás, mais ou menos, aqui era tudo cheio de barraca. Tinha muita barraca vendendo pinga. Uma ou outra vendia coisa de casa e comida, mas vendendo pinga não faltava. Você podia ficar com fome, mas sem beber não ficava. Era pinga pra tudo que é lado.” (Devoto Claudionor).

“O que mais tinha aqui antigamente era barraca para cachaceiro. Mas era muita mesmo, que a vista não alcançava. Ficava cheio de cachaceiros aqui fazendo baderna, desrespeitando a santa.” (Devoto Zeferino).

“Tinha um povo ruim que vinha pra beber e zuar. Caçavam briga com todo mundo, não tavam nem aí, também não tinha ninguém aqui pra botar ordem, néh?! Tinha uns que bebiam tanto, que passavam o fim de semana todo aqui. Esse povo ruim afastava gente do bem.” (Devota Giudete).

“Minha família deixou de vim porque uma vez um bêbado, que nem daqui da cidade era, brigou com painho. Do nada o cara partiu por cima dele, meu pai era velho e o cara era novo... quando a gente deu por fé painho tava apanhando. Daí o povo de lá de casa deixou de vim pra romaria. E não foi só o povo de lá de casa que deixou de vim não. Meus vizinhos tudo não vem mais. Só tava dando gente que não presta, dando briga. Eu venho porque eu tenho promessa. A santa Leocádia me ajudou e eu tenho que pagar a promessa.” (Devota Raimunda).

Segundo os devotos, o número crescente de pessoas ébrias gerava confusões e brigas. Ano após ano, a situação se repetia e se potencializava. Diante disso, muitos devotos deixaram de participar da romaria por achar que ela se tornou um perigo a integridade física e um desrespeito a sua santa.

“Quem trazia a gente aqui era mainha. Mas ela falou que não ia levar a gente mais não porque o povo tava desrespeitando a santa. Que isso não era certo. Eu continue vindo porque eu sou o filho mais velho, mas resto era tudo criança na época. Hoje todo mundo

é adulto, mas não vem mais não. Eles não pegaram a tradição.” (Devoto Virgulino).

“Eu vinha todo ano, trazia a família e os vizinhos todos. Mas teve uma época que virou baderna, o povo não tinha respeito e eu deixei de vim. Não vou compactuar com o desrespeito a santa. De vez em quando eu venho ver a santa, mas venho sozinha vejo a santa Leocádia e vou embora. Agora tá tudo parado mesmo. Ninguém mais fica aqui”. (Devota Justina).

De fato, nos últimos 25 anos, ocorreu uma queda brusca da quantidade dos devotos que, ainda durante a madrugada, eram os responsáveis por darem início ao evento popular religioso. Como consequência, a ausência desses fiéis inibiu a presença de muitos outros, como consequência, as barracas, bem como os supostos bêbados desordeiros, desapareceram. A última barraca foi vista pela última vez há três anos, nela se vendia bebidas alcoólicas comuns como cachaça e cerveja, e petiscos, pacotes de salgadinhos processados e isca de peixe feitos na brasa.

Figura 36: Última barraca vista na romaria à Leocádia, 2014.

Em entrevista, o dono da barraca disse que não mais viria em Leocádia, porque ele não estava tendo lucro.

“Antigamente, eu vendia muito. Eu vinha na madrugada pra arrumar as coisas para vender. Aqui era lotado de barraca, quem chegava primeiro montava mais perto do túmulo e vendia mais. Eu vendia bem, mas agora não compensa. As pessoas não ficam aqui como antigamente, mal chega e já vai embora. Não compensa pra mim arrumar carro pra trazer as coisa, porque eu quase não vendo.” (Dono da barraca).

O avanço das igrejas evangélicas em Guanambi, no final da década de 1990, também contribuiu para o enfraquecimento das romarias. Muitos desses romeiros passaram a frequentar essas igrejas, convertendo-se e deixando de participar das romarias.

“Minha tia vinha todo ano aqui, mas ela virou evangélica e deixou de vir. Se alguém da família vem pra cá ela briga. Fala que não é de Deus. Que não pode orar pra santo nenhum, só pode orar pra Deus. Mas eu não ligo pro que ela diz, eu venho mesmo. Santa Leocádia já me ajudou muito, não vou virar as costas pra ela não.” (Devota Rosa).

“Na minha rua o povo todo vinha pra Leocádia, mas aí eles viraram tudo crente e não vem mais não. Só vem eu e minha mulher.” (Devoto Tonico)

“Vinha eu e meu marido com o pessoal da rua, a gente vinha a pé lá do bairro Vila Nova, dava quase uma hora de caminhada. A gente vinha cantando, fazendo resenha, era bom demais. Mas o pessoal se converteu, mudou a cabeça e deixou de vir. Agora é só quatro, meu marido e meus dois filhos pequenos, mas naquela época passava de 50 pessoas. Só que o povo virou evangélico, não vem mais.” (Devota Zenilda).

O avanço e consolidação das igrejas evangélicas também afetou a igreja católica matriz Santo Antônio da cidade. Segundo o padre, em entrevista realizada durante a pesquisa de campo em 2014, o número de frequentadores da igreja diminuiu consideravelmente, principalmente nos últimos 15 anos. Quando perguntei a ele de o porquê a igreja não apoiar a devoção popular a Leocádia, ele me disse que nenhum dos devotos foi até ele para pedi por algum tipo de suporte. “– Ninguém veio até a mim, e eu também não vou atrás”.

Diferentemente do seu período áureo, que, segundo os devotos, havia um mar de gente, atualmente, cerca de 500 pessoas frequentam o lugar e a romaria é realizada por pequenos grupos. Antes das cinco horas da manhã, já é possível encontrar em pequenos grupos formados por parentes, amigos e/ou vizinhos, que fazem suas manifestações de fé e, pouco tempo depois, vão embora. Durante todo o dia há uma movimentação rotativa desses grupos de devotos que chegam ao local, visitam o túmulo e o lajedo.

Figura 37: Devotos no lajedo. À esquerda, grupo de devotos no lajedo circundando o caldeirão onde foi encontrado o corpo de Leocádia. À direita, outro grupo de devotos no lajedo voltando do referido caldeirão.

Figura 38: Devotos ao redor do túmulo de Leocádia.

Durante a pesquisa de campo³⁸, realizada sempre nas sextas-feiras santas em Leocádia, quando acontece a visita no túmulo de Leocádia, percebi que o período de maior movimentação é no início da manhã, entre as 5:00 e 9:00 horas. Poucos são os que aparecem próximo ao meio dia e no final da tarde praticamente não há nenhum movimento. Questionei muitos devotos sobre o porquê de irem à Leocádia e a resposta

³⁸ Eu faço pesquisa de campo em Leocádia todos os anos desde o ano de 2006, época em que eu estava fazendo o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) na graduação do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo na UESB.

encontrada foi a seguinte: “Vim cumprir com a minha obrigação” ou “Primeiro a obrigação”. Isso explica o fato de as visitas ocorrerem, principalmente, nas primeiras horas do dia. O vocábulo obrigação traz consigo uma série de pré-construídos, segundo a qual estar em Leocádia corresponde a um dever de ordem religiosa. “Se fazes uma promessa a Deus, não tardes em cumpri-la, porque Deus não gosta dos insensatos. Cumpri o que prometeste. Mais vale não fazer uma promessa, do que fazê-la e não cumpri-la.” (Eclesiastes 5: 3-4).

Figura 39: Devotos em circulando o túmulo de Leocádia.

6.1.6 Santa Leocádia e a prefeitura

No ano de 2007, por meio do decreto nº 352/2007, a prefeitura municipal de Guanambi declarou como sendo de utilidade pública uma área de três hectares que compreende o túmulo de Leocádia e o lajedo onde se localiza o caldeirão onde foi encontrado o corpo dela. Tal espaço é apelidado de Leocádia, uma clara referência à santa Leocádia.

A prefeitura municipal sempre se manteve distante com relação à devoção popular de santa Leocádia, nunca fornecendo nenhuma espécie de ajuda para o evento da romaria. O decreto nº 352/2007 é uma resposta aos escritores locais, que pediam uma providência por parte da prefeitura a fim de preservar parte da história da cidade. Para eles, santa

Leocádia é uma importante personagem da história de Guanambi e, por isso, merece ser protegida nesse sentido. Nenhum desses escritores é devoto de santa Leocádia e não compartilham da ideia de sua santidade.

6.1.7 Considerações remissivas sobre Santa Leocádia

O escritor guanambiense Dário Teixeira Cotrim sugere em seu livro que Leocádia era uma prostituta.

“Vivera em Beija-Flor nos anos de 1905 a 1908, quando fora morar na Rua das Sete Portas, já conhecida pelos machos da vila; lugar onde os homens jovens, ansiosos por mulheres fáceis, pagavam com pouco tostão os doces minutos de amor. (Cotrim, 1994, p. 53).

Contudo, tal informação não foi encontrada em nenhuma outra materialidade analisada. É importante destacar que, de acordo com o excerto acima, Leocádia teria vivido no arraial de Beija-flor entre os anos de 1905 a 1908, um período contraditório a data conhecida de seu assassinato, 23 de fevereiro de 1890, constante em vários outros dados e também estampada em seu túmulo.

É interessante saber que a rua das Sete Portas não era tomada em sua totalidade por bordeis. Ela também era endereço conhecido da população mais pobre, economicamente carente, e de escravos alforriados pela Lei Áurea. O arraial de Beija-flor era geograficamente pequeno, formado por pouquíssimas ruas, como mostra o mapa da época, final do século XIX.

Figura 40: Mapa do arraial Beija-flor da época em que Leocádia habitava o lugar, final do século XIX. O número 19, primeira entrada à direita, marca a rua das Sete Portas. Disponível em Guimarães, Leocádia: romance histórico. Guanambi, p. 97, 1991.

Durante as pesquisas de campo, perguntei a vários devotos se Leocádia era uma prostituta e a resposta de todos foi negativa. Eles disseram que:

“Santa Leocádia era uma santa, não uma puta. Afinal, puta não trabalha e ela trabalhava duro na tapagem com o meu avô.”
(Devoto Carlos).

“Santa Leocádia não era puta não. Minha avó conhecia bem ela e só falava coisas boas. Santa Leocádia trabalhava na tapagem e ela não podia tá em dois lugares ao mesmo tempo. Se ela tava na tapagem não tinha cabimento dela tá fazendo coisa errada.”
(Devota Laurinda).

“Leocádia morreu menina, não teve tempo de conhecer os pecados do homem. Ela era uma menina inocente, de alma pura, uma santinha.” (Devoto Edir).

6.2 DEVOÇÃO A SANTO ANTÔNIO

6.2.1 Santo Antônio e os tropeiros

De início, a morte de Antônio mudou a paisagem local, funcionando como ponto de referência geográfica e social, e espaço público de convergência para aqueles que faziam uso da estrada Porto de Santa Cruz.

“Meu avô era tropeiro e meu tio mais velho também. Painho não herdou a profissão, mas ele me contava as histórias deles. Quando eles (avô e tio do devoto Dielson) marcavam de se encontrar eles se encontravam na cova do irmão Antônio, quem chegasse primeiro esperava o outro. Como a estrada era meio que tudo igual, todo mundo marcava de se encontrar lá. Até painho já teve que ir pra cova de Antônio pra encontrar com meu tio.” (Devoto Dielson).

A devoção a santo Antônio começou entre os tropeiros, entendidos aqui como condutores de tropas. Eles utilizavam com frequência a estrada Porto de Santa Cruz como rota de acesso à região. Ela é carente de abrigos e os tropeiros optavam por fazerem o pouso, ou seja, o descanso, no entorno do conhecido túmulo de Antônio, uma área plana, que permite uma visão completa dos arredores e dispõe de pasto natural para alimentar os animais.

“Meu avô era tropeiro, e ele me disse que seu pai, que é o pai do meu avô, conhecia bem o irmão Antônio porque ele era colega tropeiro. Ele (bisavô da devota Mariana) foi mostrar a cova do irmão Antônio, que tinha acabado de morrer, pro companheiro que tava com ele. Eles ficaram proseando e acabaram dormindo no lá. Eles caíram no sono e nem ligaram pros animais direito, mas quando acordaram tava tudo igual, os animais tavam que nem estátua. Os animais ficaram tudo manso. Eles ficaram encafifados e falaram o que aconteceu pros outros companheiros tropeiros, e foi assim que tudo começou. Os tropeiros pousavam lá, porque o santo protegia as tropas e eles e também, e acalmava os bixos. A fé primeira veio dos tropeiros e depois se espalhou. E é tudo verdade,

meu avô contou pro meu pai, que contou pra mim, eu era criança, mas me lembro muito bem.” (Devota Mariana)

A devoção dos tropeiros a santo Antônio está relacionada ao ofício deles, origem dos problemas corriqueiros.

“Contam que: quando os tropeiros descuidavam dos animais fugiam para longe da hospedaria, então os mesmos pediam ao irmão Antônio a fim de trazê-los até eles. Assim acontecia, por isso ainda hoje se pede milagres também pra recuperação de animais.” (Paróquia Nossa Senhora das Graças, s/d, 1 folder).

Os tropeiros eram os grandes responsáveis pela movimentação da economia local, transportando materiais ligados à atividade agrícola e pecuária. O movimento deles na referida estrada era intenso, principalmente por causa da exploração aurífera das minas da vila de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio das Contas, atual cidade de Rio de Contas³⁹, principalmente entre os anos de 1932 e 1949, época da segunda corrida do ouro. Os tropeiros carregavam, sobretudo, gêneros básicos de subsistência, já que na região de exploração das minas, a falta deles era uma constante.

“O acesso difícil e a inexistência de uma estrutura eficiente de meios para abastecer a região levaram a diversos períodos de fome, quando muitos morreram, alguns com os “bolsos cheios de ouro”. A situação piorava na época das chuvas que, quando prolongadas, encharcavam os raros e péssimos caminhos existentes, impossibilitando ainda mais a chegada dos poucos e caros produtos.” (Mendes, 2006, p. 64).

De acordo com o pesquisador Evandro Sathler (2003), a figura do tropeiro era vista pelos mineradores como herói já que ele “levava o alimento que saciava a fome do mineiro, que, obcecado pelo metal dourado, não tinha tempo para lavrar a terra e produzir alimentos.” (Sathler, 2003, p. 20). Os tropeiros transportavam suas mercadorias em suas

---

³⁹ De acordo com o acervo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia sobre a cidade de Rio de Contas, a descoberta do ouro aconteceu em 1710. No ano de 1799, a exploração do ouro começou a declinar e no ano 1844, grande parte da população já havia emigrado. Entre os anos de 1932 e 1949, com a descoberta de novas lavras, ocorre uma nova corrida do ouro. Rio de Contas sai da estagnação em que se encontrava, com a volta e permanência da população e circulação de capital.

tropas de muar⁴⁰, as ditas bestas-burros e mulas, sendo cada tropa composta por cerca de 10 muares. Segundo José Alípio Goulart (1961), o muar possui qualidades inatas, sendo melhor cargueiro que o cavalo, pois o formato do seu dorso lhe permite carregar pesos maiores, mais de uma centena de quilo, por um período de tempo muito mais longo.

Após a decadência da atividade bandeirante, final do século XVIII, os tropeiros se firmaram como o mais importante meio de transporte, comércio e comunicação das regiões brasileiras, principalmente às de difícil acesso. “Além de seu importante papel na economia, o tropeiro teve importância cultural relevante como veiculador de idéias e notícias” (Santos & Papali, 2007, p. 3223). Por onde eles passavam, espalhavam sua crença na santidade do irmão Antônio, evangelizando.

“Meu bisavô tinha um engenho de cana-de-açúcar aqui perto, lá na Lagoa do Timóteo. Os tropeiros sempre passavam por lá pra comprar rapadura. Uma junta de bois dele fugiu, foi um tropeiro que falou pra ele pra pedir pra o irmão Antônio pra achar os bois. Dizem que na hora, o meu bisa não deu importância, só no outro dia foi que ele foi pedir pra o irmão Antônio ajudar a achar, porque ninguém mais tava encontrando. Depois que ele pediu, os bois apareceram. Voltaram sozinhos, não foi preciso ninguém ir atrás. Depois disso, todo mundo ficou devoto. Se algum animal sumir ou ficar doente, pode ser qualquer animal, vaca, cabra, cachorro.... é só pedir pro santo que dá jeito.” (Devota Lucinda).

Além dos tropeiros, muitos boiadeiros também frequentavam a estrada Porto de Santa Cruz. O tropeirismo regional entrou em declínio após o fechamento das minas auríferas e da melhoria das estradas, porém a pecuária extensiva se manteve operante no local por mais tempo.

---

⁴⁰ “A palavra muar vem do latim “*mular*” (*mulares* no plural), daí a palavra mula.” (Sathler, 2003, p. 46).

6.2.2 Santo Antônio e os boiadeiros

Na antiga cidade de Cândido Sales, o gado era criado à solta. Os boiadeiros eram os responsáveis por cuidar dele, que se alimentava dos pastos naturais. Durante a lida com o gado, os boiadeiros pousavam ao lado do túmulo de santo Antônio em busca de proteção e ajuda.

“Meu avô era boiadeiro e dos bons. Ele manejava o gado sozinho. Tinha vez que ele ficava mais de mês fora. Ele montava hospedaria na cova do irmão Antônio, porque ele protegia o gado e não deixava a cobra picar. Cobra é danada pra dar o bote, ela aproveita que o boi tá de cabeça baixa comendo e vai direto no pescoço... cobra é bicho traiçoeiro, direto vô perdia os bois pras cobras, mas depois que ele começou a pedir ajuda pra santo Antônio e nunca mais perdeu um boi.” (Devota Janaina)

“Quando eu era moço e forte, eu trabalhava como boiadeiro, aprendi a profissão com meu avô. Desde menino eu ia na cova do irmão Antônio. Direto a gente encontrava outros boiadeiros lá. Todo mundo ia pra lá, tinha boiadeiro que montava até hospedaria. Lá era seguro, o santo protegia e ainda ajudava na lida do gado. Os bois ficavam tudo misturado, o santo é que ajudava na lida. Tinha boi bravo, vaca parida, bicho ferido e mordido de cobra... Só santo Antônio na causa pra ajudar. Trabalho de boiadeiro não é fácil.” (Devoto Osmar).

Segundo Eduardo Magalhães Ribeiro (1998), o gado criado em regime de pecuária extensiva exigia um acompanhamento regular, muito embora inconstante. O gado, quando solto nos pastos naturais, ficava desacostumado às pessoas, tornava-se bravo e arisco, tudo isso aliado às adversidades inerentes do trabalho fazia com que a lida com o gado fosse uma atividade custosa. “Podia encontrar vaca parida dando testa para topada, garrote caído em valeta, garanhões se retalhando em brigas, gado fugido de manga, bezerro novo com bicheira...” (Ribeiro, 1998, p. 141). Isolados no meio do sertão e sem ter a quem recorrer, os boiadeiros contavam com a ajuda de santo Antônio.

“Painho tinha uns bois e fazia a vez de boiadeiro com o meu irmão mais velho. Eles já passaram apurados, os bois ficavam soltos na mata e podia acontecer de tudo. Sempre que acontecia alguma

coisa de ruim, eles pediam pra santo Antônio ajudar.” (Devota Alane).

“Antigamente, na época do meu pai, o boi ficava solto, vagando pela mata. Só mesmo com a ajuda do santo pra dá conta. Naquela época não tinha vacina nem remédio pra gado como tem hoje, só tinha o santo mesmo. Santo Antônio já ajudou muita gente.” (Devoto Rubens).

A pecuária extensiva não é mais praticada em Cândido Sales e região. O rebanho, formado pelo gado sem raça e conhecido popularmente como boi pé-duro e curraleiro, foi substituído. Mesmo ele sendo resistente às adversidades da cria à solta, apresentava baixíssima produção de carne e leite e era pouco fértil. Inicialmente, usou-se o gado malabar como melhorador, depois o gado zebu, facilmente reconhecido pela sua grande corcova. “O zebu é um gado rústico, precoce, pesado: reúne as boas qualidades que faltam ao curraleiro.” (Ribeiro, 1998, p. 153). A escassez dos pastos naturais, resultado da prática das queimadas, muito usadas para a agricultura e para forçar o surgimento de novos pastos, também contribuiu para o fim da criação extensiva. Apesar de tudo isso, a figura do boiadeiro ainda prevalece na zona rural da cidade e região, só que em vez do boiadeiro viajante existe agora o boiadeiro local, detentor de poucas cabeças de gado ou ainda funcionários dos poucos fazendeiros.

6.2.3 Santo Antônio e os animais

Quando em vida, o irmão Antônio era conhecido por sua habilidade em lidar com os animais. Narrativas populares afirmam que ele era um ótimo cuidador, sabia o que fazer quando o boi adoecia e era capaz de encontrar qualquer animal, mesmo se estivesse perdido na mata há dias. Provavelmente, seja essa a razão por haver tantos pedidos relacionados aos animais, em especial ao gado.

“Minha vaca foi mordida de cobra, ela ia morrer se não fosse santo Antônio. A bichinha tava sofrendo demais, tadinha. Eu rezei tanto pra santo Antônio, pra ele me ouvir e cuidar da minha vaquinha. Vou te falar uma coisa viu (a devota Rosana se referiu a mim). Só a fé no santo pra curar mesmo. Porque ela já tava morrendo, já passava de três dias que ela tava mal. Mas eu tive fé em santo Antônio, nunca duvidei do poder dele. E ele curou, deu trabalho, mas ele curou minha vaca.” (Devota Rosana).

“Meu marruco⁴¹ tava fraco, não dava mais conta do rebanho. As vaca estavam no cio e o único marruco que eu tinha tava fraco. E se o meu marruco não ficar com as vacas, meu rebanho definha. Eu peguei com santo Antônio e pedi pra ele me ajudar porque eu não tinha dinheiro pra comprar outro boi marruco não e os outros machos ainda eram tudo novo. Santo Antônio é santo forte e generoso. Minhas vacas ficaram tudo prenhas e duas delas pariram dois bezerrinhos. Isso nunca tinha acontecido. Vaca nenhuma minha tinha parido dois bezerros e santo Antônio fez duas vacas pari dois bezerros. Santo Antônio é santo forte e generoso, te digo com certeza própria.” (Devoto Agnaldo).

“Eu ganhei um bezerro, mas ele não estava vingando. Ai painho falou pra mim: “- Filha pedi ajuda pra santo Antônio. Faz uma oração e pedi pra ele curar seu bezerro. Vai lá no curral e pedi pro santo junto ao do bezerro pra ele te ver e poder te atender.” Pois assim eu fiz, do jeito que painho me ensinou. Fui no curral e pedi ajuda do lado do bezerro, que nem de pé tava ficando mais direito. No outro dia meu bezerrinho tava mais animado e já parava de pé. Hoje ele tá um garrote forte e gordo, tá bonito.” (Devota Bianca).

“Meu boi tava perdido, a cerca estava quebrada e ele fugiu. Pedi pro irmão Antônio me ajudar a achar e ele achou. Só que o meu boi tava na estrada, todo ferido, com as patas machucadas. Eu pedi de novo ajuda pro irmão Antônio, pra ele curar meu boi. Eu falei pra ele que se ele curasse meu boi eu dava um boi pra ele também. Ele salvou meu boi e eu fiz um boi de cera igualzinho o meu e levei pra ele na romaria.” (Devoto João Paulo).

É muito comum encontrar esculturas de bois feitos de cera de abelha, que comprovam a eficácia do santo. A cera de abelha é um excelente material para manusear, dobrar e cortar, permitindo facilmente o seu modelamento, mesmo em temperatura ambiente. Outra vantagem é que ela pode ser misturada a outras matérias orgânicas, a fim

---

⁴¹ Marruco é o nome dado ao bovino reprodutor de quaisquer raças.

de ser colorida ou até mesmo, tornar-se mais rígida. Abaixo, ex-votos de bovinos, gado do tipo Zebu, feitos com a cera.

Figura 41: Ex-votos de gado feitos com cera de abelha..

As curas de santo Antônio não se reservam somente aos animais bovinos. Existem muitos depoimentos de curas de animais domésticos. Diferentemente dos bovinos, que são vistos como um bem móvel, os animais domésticos são mais próximos do homem. Muitas vezes, eles são vistos como mais um membro da família e não como um animal qualquer. Eles são animais de companhia, que normalmente convivem na mesma casa do dono, compartilham de sua intimidade, sendo de certa forma humanizados.

“Primeiro, são Pedro salvou o boi do meu irmão. Meu cachorrinho tava envenenado, ele deve ter comido algum mato venenoso no terreiro e ficou passando mal. Ele ficava tremendo, vomitando e de diarreia com sangue. Ele sempre foi tão bonzinho. Meu coração chegava doer vendo ele passando mal desse jeito. Aí eu pensei, se santo Antônio curou o boi do meu irmão, ele vai curar meu cachorrinho também. E foi dito e certo. Ele tá vivo até hoje graças a santo Antônio.” (Devota Neide).

“Minha gatinha Branquinha tava com os pelos caindo. Coitadinha dela, a cabecinha dela ficou peladinha. Imagina como deve ser triste você perder os cabelos? (a devota Doroti se referiu a mim). Levei pro veterinário, dei remédio, mas não adiantava, o pelinho dela continuava caindo. Ela era tão linda, tão carinhosa. Minha vizinha falou pra mim pra eu pedir pra santo Antônio interceder. Ela disse que ele já tinha curado a gata dela uma vez. Eu fiz promessa, falei que se ele curasse a minha menina, se o pelo dela voltasse a crescer, que eu ia vim na romaria todo ano e aqui tô eu, graças a Deus. O pelo da minha Branquinha voltou mais bonito do

que era, você precisa ver como ela está mais linda agora.” (Devota Doroti)

“Meu cãozinho foi atropelado, uma moto passou em cima dele e ficou com a pata quebrada. Coitadinho dele, nem andando mais tava. Ele tava tão tristonho, amoadado. Era de dar dó. Eu peguei com santo Antônio, rezei pra ele, implorei pra ele fazer com que o meu Pelé, que é o nome do meu cachorrinho, voltasse a ser o que era. Ele era tão companheiro, aonde eu ia ele ia atrás. Santo Antônio me atendeu, meu Pelé tá ótimo, até mais feliz do que era. Ano passado, eu comprei um cãozinho de plástico e dei pro santo.” (Devoto Luís Henrique).

“Minha cachorrinha ficou doente, não comia nada, ficou magrinha que dava pra ver os ossos. Botaram quebranto nela, porque minha Princesa é linda demais, ela era toda cabeluda, com pelo lisinho, macio, melhor do que o cabelo de muita gente. Pedi pro irmão Antônio curar minha princesa e ele curou. Eu comprei uma cachorrinha de porcelana igualzinha a minha princesa, tá lá na sala dos milagres você pode ver, é a mais bonita. Ela é a minha Princesa, tá lá com o irmão Antônio, porque ele curou.” (Devota Joana).

Figura 42: Ex-votos de animais de estimação.

A proximidade dos animais domésticos com seus donos faz com que eles sejam muito queridos. É comum notar nas falas dos devotos fortes sentimentos afetivos no momento em que eles se referem aos seus animais no diminutivo – cachorrinho, gatinha, cãozinho, cachorrinha –. Esse uso do diminutivo não possui significado no sentido literal, ou seja, eles não estão diminuindo-os de tamanho, mas sim demonstrando apreço. Também é corriqueiro o uso de adjetivos como meio de enaltecer o animal, como, por exemplo bonzinho em “ele sempre foi tão bonzinho”; linda e carinhosa em: “ela era tão linda, tão carinhosa”, “você precisa ver como ela está mais linda agora”; companheiro em: “ele era

tão companheiro, aonde eu ia ele ia atrás”; linda, cabeluda, pelo lisinho e macio em: “minha Princesa é linda demais, ela era toda cabeluda, com pelo lisinho, macio, melhor do que o cabelo de muita gente”.

A cura desses animais domésticos serviu como ponte de acesso para que houvesse a cura dos homens.

“Se santo Antônio curou meu gatinho, ele pode curar meu sobrinho também” (Devota Sophia).

“Como santo Antônio conseguiu curar meu cachorro, ele também vai consegui me curar” (Devoto Nicolas).

“Irmão Antônio curou meu Pintado, ele tem poder pra curar todo mundo”. (Devoto Emanuel).

É de pequeno que se aprende a devotar, no meio familiar e olhando os mais velhos nos seus afazeres religiosos. Abaixo, uma foto tirada no momento íntimo de devoção de toda uma família ao santo Antônio popular. Uma imagem capturada que ilustra a religiosidade popular em sua simplicidade, tradição, e fé.

Figura 43: Família em devoção.

6.2.4 Santo Antônio e a Igreja

Atualmente, durante as romarias, os padres da paróquia de Cândido Sales se deslocam 40 quilômetros e realizam uma missa no local, que começa por volta das 10:00 horas da manhã e termina quase ao meio dia, apesar de o seu início ser marcado para às 9:00 horas. Um atraso aceitável tendo em vista a pouca infraestrutura disponível e o difícil acesso ao local. Tal liturgia é dedicada ao santo Antônio oficial, aquele de Pádua, e não ao santo Antônio popular, que é louvado simultaneamente no local.

Figura 44: Devotos assistindo à missa em homenagem a santo Antônio. Devotos se reúnem diante do altar. Vista do fundo do pátio em que é possível ver um grande número de pessoas em pé, durante a celebração da missa.

Apesar de os padres saberem que o povo presente está devotando um santo não oficial, eles não os informam de que a missa é dedicada a um homônimo. Durante a pesquisa de campo perguntei aos padres por que eles não esclarecem tal fato: todos eles se esquivaram da resposta dizendo que estão lá para celebrar a fé e não para julgar.

Existem diversas imagens do santo Antônio de Pádua expostas em pontos estratégicos da romaria: na entrada da edícula que guarda o túmulo do santo Antônio popular e dentro dela ao lado do referido túmulo, dentro da casa dos milagres que guarda os ex-votos e no palanque que funciona como altar de onde se celebra a missa. Ela é fácil de ser identificada já que “o santo costuma ser representado como um monge franciscano, levando o Menino sentado no seu braço esquerdo, enquanto carrega o lírio, símbolo da pureza, na mão direita.” (Augras, 2005, p. 85). Em sua ingenuidade, os devotos acreditam que essas imagens correspondem ao santo Antônio enterrado no local. Muitas vezes,

durante as entrevistas, falei para os devotos que se tratavam de santos diferentes, mas fui contraditada por todos eles:

“Mas é o mesmo santo. Essa aqui é a imagem que fizeram do irmão Antônio que tá enterrado ali, olha! (o devoto aponta o dedo para o túmulo pra me mostrar). Aquela outra imagem que tá lá na entrada é a mesma dessa. Duas imagens iguais do mesmo santo, que é o que tá enterrado ali.” (Devoto Isaque).

“É a mesma coisa. Tudo é santo Antônio. Fizeram o desenho dele pra gente ver, porque ele tá enterrado, então a gente pode pedi pro santo pelo desenho ou pela cova dele, que dá no mesmo.” (Devota Clara).

“É tudo um só. O padre fala o nome santo Antônio, é só prestar atenção que escuta.” (Devoto Teodoro).

A falta de conhecimento desses devotos pode ser vista na lápide do túmulo do próprio santo popular, que apresenta erros básicos de ortografia e separação silábica. Está escrito: “A COVA DU IRMÕ-E ANTONIO”, em vez de “A cova do irmão Antônio”, sem a separação silábica; ou “A cova do ir-mão Antônio”, com a correta separação silábica. Muito provavelmente foi algum devoto que assim o escreveu, já que são eles próprios os responsáveis por cuidar do local e isso inclui, principalmente, o túmulo. O fato desses erros gramaticais ainda não terem sido corrigidos ao longo dos vários anos de romaria, reforça esse pensamento.

Figura 45: Túmulo de Antônio, 2014 e 2016.

Diante das imagens de santo Antônio oficial e do túmulo de santo Antônio popular, os devotos manifestam sua fé com mais fervor. Eles rezam, acendem velas, ajoelham-se, fazem pedidos, pagam promessa. É próximo a essas imagens e ao túmulo dele que a Igreja estrategicamente posiciona o gazofilácio e o cofre para receber as ofertas dos fiéis. Nesses locais, dificilmente os cofres passam despercebidos. Estima-se que, no calor da emoção, o devoto fique mais caridoso e aumenta o valor de sua doação. Os cofres são todos lacrados com cadeado, sendo ele aberto algumas vezes durante o período da romaria pelo fiscal na companhia do padre.

Figura 46: Gazofilácio móvel de madeirite posicionado imediatamente ao lado do túmulo do santo Antônio popular.

Figura 47: Cofre imóvel de concreto posicionado imediatamente embaixo da imagem de santo Antônio de Pádua, dentro da sala de milagres.

Figura 48: Gazofilácio ao lado da imagem de santo Antônio de Pádua..

Figura 49: De tempos em tempos, fiscais retiram as ofertas depositadas pelos devotos.

Ao participar da devoção na romaria de santo Antônio, a Igreja incorpora, ainda que extraoficialmente, o santo popular. Dessa forma, ela atinge um grande número de fiéis, conseguindo aumentar o seu alcance e obter maior visibilidade, além de gerenciar a renda do evento. Estima-se que mais de 10 mil pessoas participam da romaria a santo Antônio.

6.3 DEVOÇÃO A SÃO PEDRO

“Segundo o Sr. Delotero, filho de Pedro, as primeiras visitas ao túmulo de seu pai, foram feitas pela sua cunhada Altina, primeira mulher de Hugolino, também filho de Pedro, que juntamente com a Sra. Marcolina começaram a visitar e fazer promessas a Pedro.” (Benedicts, 2007, p. 12).

Altina era muito apegada a Pedro, seu sogro. Ela era casada com Hugolino Afonso Figueiredo, nascido em 1905, na pequena cidade de Santa Rita de Minas, interior de Minas Gerais. Ele era o segundo filho de Pedro e o homem mais velho da família, já que Djanira era a primogênita. Como manda a tradição, era Altina, junto com Hugolino, conhecido também como Aprígio, que ajudava a cuidar dos mais novos. Sempre que alguém ficava doente ela pedia socorro a Pedro por causa dos seus conhecimentos de benzedor.

6.3.1 Pedro: santo benzedor

O benzedor, às vezes chamado também de rezador, é detentor de um saber religioso transmitido pela oralidade, capaz de, por meio das rezas, rituais e receitas, garrafadas, curar males do corpo e do espírito daqueles que o procuram. Segundo Alberto Quintana (1999), o benzedor, conhecido também como rezador, pode aprender seu ofício de dois modos: imitativo, ou seja, por meio de saberes transmitidos de geração em geração; ou sobrenatural, quando recebido por um dom divino. Independentemente de como se tenha tornado benzedor, o dom da cura é sempre atribuído a Deus. Por isso a gratuidade do serviço, já que ele é visto apenas como um intermediário, e como é de costume, nunca se cobra pelos serviços prestados; se assim o fizesse, estaria renegando o dom dado de graça por Deus. Apesar de se ter conhecimento da existência de benzedores em várias regiões brasileiras, é no Nordeste que eles mais se destacam, tanto em número quanto em importância social.

“O benzedor possui um papel de prestígio na sociedade por ser portador de dom, pois, após realizar curas, vai conquistando aos poucos as pessoas com quem convive no dia a dia.” (Santos, 2006, p. 72).

Pedro era um benzedor muito popular no arraial de São Hilarião, atual distrito de Ribeirão do Largo. Na época, início do século XX, não havia médicos nem nenhum outro tipo de profissional da saúde no referido arraial. Quando alguém ficava doente, ou pedia socorro a Pedro ou viajava em busca de tratamento até a Imperial Vila da Vitória, atual cidade de Vitória da Conquista, ou ainda, se o caso exigisse maiores cuidados, até a Bahia, atual Salvador. Como a grande maioria dos habitantes do arraial de São Hilarião não tinha condições econômicas para viajar para longe, procuravam Pedro para sanar seus problemas.

“Pedro era um homem bom / Muito Colaborador / Católico e para a vizinhança / Era um bom rezador / Em quem rezava curava / Tristeza ferida e dor / Ele possuía um dom / Meio sobrenatural / E quem nele acreditava / Achava muito legal / Vê-lo rezar e a pessoa / Deixar de sentir-se mal.” (Sousa, 2013, p. 6).

O benzedor é capaz de tratar dois tipos diferentes de problemas, os do corpo e os da alma. Seguem problemas do corpo sanados por Pedro na época de seu exercício de benzedor. Tratam-se de relatos de devotos que contam histórias de pessoas próximas, que eram contemporâneas dele.

“Meu tio teve cobreiro⁴² no peito, ele foi até são Pedro que benzeu ele e passou sua faca no peito pra cortar o cobreiro, pro cobreiro não crescer e dá a volta no corpo. Dizem que se o cobreiro der a volta no corpo é morte certa. Ele me contou isso porque eu também tive cobreiro. Ele me falou pra eu vim na cova de Pedro pra pedir pra ele me curar também e ele me curou porque ele é santo milagroso. Faz anos isso, nem casado eu era, e hoje meus dois filhos já são casados.” (Devoto Zacarias).

---

⁴² O cobreiro pode ser designado como um sinônimo da condição denominada *Herpes Zoster*, que ocorre a partir da infecção pelo vírus *Varicela Zoster* da família *Herpesviridae* (*Herpes* vírus). Trata-se de sua manifestação tardia e muitas vezes recorrente em pessoas que já desenvolveram catapora, pois esse vírus estabelece moradia latente nos gânglios da raiz dorsal da medula espinhal. Clinicamente, o indivíduo desenvolve febre, erupções cutâneas e/ou mucosas com coceira intensa, mal-estar generalizado, perda de apetite, dores de cabeça e, ocasionalmente, dor abdominal leve (Mota, 2014).

“Painho era criança quando caiu do cavalo, se machucou todo e ardia em febre. Ele ficou mal, tanto que minha vó foi atrás de são Pedro. Ele fez uma reza forte, das bravas, e falou pra vó passar mel nas feridas pra poder curar e ele curou. Se não fosse por são Pedro meu pai ia morrer e eu nem estaria aqui, porque painho não ia tá vivo, né?! Até hoje quando alguém lá em casa se machuca a gente passa mel. É remédio santo, são Pedro ensinou.” (Devoto Wilson).

“Minha vó sofria de cabeça. Era dor forte mesmo, de vomitar. Ela tomou uma garrafada feita por são Pedro. Ela dizia que era amarga, mas muito mesmo, mais amarga que o fel que ela vomitava. Nunca mais ela teve mais nada. Doença nenhuma pegava nela. São Pedro livrou ela de todo mal. Ela viveu mais de cem anos, só passou dessa porque Deus chamou, porque doente ela não ficou mais não. Foi ela que trouxe a gente aqui. Todo ano ela chamava a família inteira.” (Devota Arlinda).

“Vô foi fazer a queimada⁴³ da roça e queimou feio, o braço todo. Ele correu e foi direto ver Pedro. Pedro tava no terreiro comendo banana, ele pegou a casa da banana⁴⁴ que tava comendo e colocou nas queimaduras. Sarou, que nem sinal ficou. Foi milagre, coisa de santo mesmo. (Devoto Aldo).

“Minha avó, tinha as pernas cheias de perebas, parecia escamas de peixe. Um dia ela tava sentada na frente de casa e pediu pra Deus sarar ela, na mesma hora são Pedro apareceu montado no cavalo. Ela pediu ajuda pra ele, que pegou uma babosa⁴⁵ que tava fincada no chão mesmo, abriu ela no meio com sua faca, aquela que ele sempre carregava na cintura, e colocou as bandas nas feridas. Ele falou pra ela fazer isso sempre que tivesse ferida. Ela ficou curada,

---

⁴³ A queimada é uma prática de controle agrícola usada principalmente em pastos nativos. Coloca-se fogo no pasto velho e seco, já que ruminantes e equinos não o consomem, para que haja rebrota natural e espontânea de um novo pasto, este sim aproveitado por esses animais.

⁴⁴ O uso da casca de banana sobre as feridas cutâneas por queimaduras físicas, mecânicas ou químicas é uma prática conhecidamente útil na medicina popular brasileira e muitas vezes utilizada pela população sertaneja. Segundo Aline Pereira (2010), a eficácia da casca de banana se deve pela atuação de extratos contidos nela, com destaque para o extrato bruto aquoso, que quando aplicada sobre a lesão, provoca uma diminuição no período de epitelização e cicatrização das feridas por causa do estímulo da proliferação de fibroblastos que preenchem a área exposta. Isso significa que a casca de banana acelera o processo de cicatrização da pele e evita o surgimento de bolhas.

⁴⁵ Babosa é o nome popular para a planta Aloe vera. Acredita-se que o gel proveniente de sua parte mais interna é favorável ao reparo de ferimentos, pois as enzimas hidrolisantes presentes nesse gel como prostaglandina e bradicinina reduzem a dor e a inflamação da ferida e os polissacarídeos melhoram a epitelização da área exposta por serem substâncias de crescimento ativas. Além do mais, o composto orgânico responsável pela pigmentação natural da planta também pode combater a infecção (Dat *et alii*, 2012).

foi Deus que mandou ele. São Pedro é santo mesmo.” (Devota Mariela).

“Minha tia que me ensinou, e foi são Pedro em pessoa que ensinou pra ela, pra passar babosa nas feridas. Pode ser ferida de qualquer qualidade, que ela fica curada. Mas tem que ser babosa colhida da noite⁴⁶, como são Pedro ensinou, porque senão não tem o mesmo efeito. Se não tiver jeito, na hora você usa a babosa de dia mesmo, mas tenta pegar a folha mais fria, que não pegou muito sol, porque quando a babosa pega sol ela fica fraca. É a pura verdade, são Pedro é santo, ele sabe das coisas. Se você passar babosa colhida de dia em uma ferida e na outra ferida a babosa colhida de noite, a de noite tem mais efeito. A ferida sara mais rápido. Já provei, eu já fiz o teste.” (Devota Lucinda)

As receitas dos benzedeiros para a cura de diferentes males estão, em grande medida, alicerçadas na medicina popular brasileira. Esta é uma prática muito antiga, já exercida pelos índios, muito antes dos primeiros portugueses chegarem. Contudo, o caráter religioso presente hoje na medicina popular, deve-se à herança portuguesa, iniciada no Brasil colônia, que acredita nas forças protetoras dos santos e de suas curas milagrosas. Diferentemente de quaisquer outras receitas de benzedor, as de Pedro têm maior prestígio na sociedade a qual ele está inserido devido ao fato de ele ser visto como santo, como pode ser verificado no momento em que os devotos supracitados relatam as curas de Pedro em seu ofício de benzedor: “Ele me falou pra eu vim na cova de Pedro pra pedir pra ele me curar também e ele me curou porque ele é santo milagroso, devoto Zacarias; “É remédio santo, são Pedro ensinou”, devoto Maurício; “Nunca mais ela teve mais nada. Doença nenhuma pegava nela. São Pedro livrou ela de todo mal”, devota Arlinda; “Sarou, que nem sinal ficou. Foi milagre, coisa de santo mesmo”, devoto Aldo; “Ela ficou curada, foi Deus que mandou ele. São Pedro é santo mesmo”, devota Mariela; “Pode ser ferida de qualquer qualidade, que ela fica curada... É a pura verdade, são Pedro é santo, ele sabe das coisas”, devota Laurinda.

---

⁴⁶ O melhor momento para a sua colheita a fim de seu uso medicinal é no período da noite e preferencialmente em climas úmidos, pois nesse momento sua casca está mais porosa e absorve a água do meio ambiente. Por outro lado, à luz do sol, os poros se fecham e a protegem para que a planta não perca água e nutrientes, fazendo com que o acesso aos seus princípios ativos fique mais restrito. (Como colher babosa corretamente, disponível em: < <https://www.vegetall.com.br/babosa/dicas-de-como-fazer-a-colheita-de-folhas-da-babosa/>>. Acesso em: 30 de abr de 2017).

Além de relatos relacionados à cura de males físicos, também encontrei relatos sobre problemas da alma, sendo a grande maioria deles o famigerado mau-olhado, que Pedro teria sanado em seu exercício de benzedor.

“Mainha estava amarrada. Ela era a mais velha de quatro, todas já estavam casadas, mas mainha ainda não, e olha que ela era a mais bonita. Uma tia de mainha levou ela pra são Pedro benzer. Ele desatou os nós da vida dela e na mesma semana painho, que é das Minas Gerais, mudou pra cá e assim que viu mainha se apaixonou. Não tardou pra casar. Todo mundo já tinha perdido as esperanças porque mainha já tava ficando velha, beirando os 30 (anos). Eu tenho cinco filhas e todas casaram, nenhuma ficou amarrada não, porque são Pedro não deixou. Já tenho até bisneto.” (Devota Antônia).

“Uma vez meu tio me contou, que tinha uma família que sofria de mau-olhado. Caso grave, era a família toda doente. Não faziam nada e quando faziam nada dava certo. Deu trabalho, mas são Pedro curou eles. Foi são Pedro em pessoa que contou o caso pro meu tio. Meu tio era vizinho e amigo dele.” (Devota Kátia).

“Vô sofreu muito de mau-olhado, quase morreu. Toda semana ele ia até Pedro pra ser benzido. Ele falava que o ramo de arruda ficava murchinho. Ele teve que tomar várias garrafadas pra ficar bom. Ele nunca mais deixou de pedir a benção de Pedro, mesmo depois que mataram ele. Direto ele vinha aqui, antigamente só tinha mato e um monte de terra na cova. Vô não podia ver ninguém lá em casa abrindo a boca que ele trazia aqui (na cova), pra pedir a benção pra Pedro. Ele dizia que era pra gente não sofrer de mau-olhado.” (Devoto Glauber).

“O mau-olhado pode atingir pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade, bem como plantas e animais. Os sintomas geralmente são sonolência, bocejo, falta de ânimo.” (Santos, 2016, p. 71). O mau-olhado deriva da crença de que algumas pessoas possuem olhos carregados de inveja capazes de fazer mal, podendo inclusive levar à morte, a tudo o que é observado.

“Árvores, flores, animais, crianças, mulheres, homem, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm calafrios, insônias, mal-estar, inapetência. Perdem a alegria de olhar, de desejar, de querer. As crianças são as vítimas preferidas. Morrem secas, mirradas, encolhidas, com a pele de pergaminho, atoleimadas, babando, lábios finos, esgazeando os olhos,

arroxando a face, recusando alimentar-se.” (Câmara Cascudo, 1978, p. 73).

Para combater o mau-olhado, o benzedor faz uso da benzeção, acompanhado ou não de receitas, garrafadas, simpatias e rituais outros. A benzeção é um ritual ricamente simbólico, que remonta às crenças e práticas mágicas da Idade Média. Ela é verificada em diferentes culturas, sendo que no Brasil é fortemente influenciada pelo catolicismo popular rural, cujo objetivo é curar e libertar o paciente do mal que o aflige, seja ele espiritual ou físico.

“O princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar (mal físico ou espiritual) por meio de da palavra, da oração, no qual o(a) benzedor(a) é um(a) intermediário(a) entre Deus, ou deuses, e aquele que se submete à cura.” (Moura, 2011, p. 342).

O ato de dar a benção, benzenção, tem sempre um sentido positivo e é feito gratuitamente e sem nenhum tipo de distinção, benze-se pessoas, animais, objetos. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, a palavra bênção vem do verbo grego *eulogeo*, que significa louvar ou falar bem/elogiar. O termo *eulogeo* se encontra nas obras de antigos escritores trágicos, sendo composto pelo adjetivo *eu*, bem, e pela raiz *log*, falar. Portanto, temos o significado falar bem, ou ainda o substantivo boa fala. Esse termo pode ser aplicado tanto à forma, momento em que a fala é expressa, quanto ao conteúdo, em que *eulogia* significa louvor e glorificação. A bênção é uma oração de louvor em reconhecimento pelos bens recebidos. Ela é também uma palavra carregada de poder que comunica os bens de salvação e da vida.

A cura por meio da palavra está, em grande medida, alicerçada na tradição e, portanto, reconhecida como verdadeira e eficaz pelo grupo.

“Acreditar na benzedura significa partilhar valores e crenças pautadas na arte divina de curar, sendo a fé um importante requisito no processo da restauração da saúde. A fé de quem busca ser bento e o dom de curar é fundamental nesta prática secular.” (Santos, 2016, p. 79).

As curas de Pedro como benzedor são conhecidas por alguns devotos graças à tradição oral. São por meio de conversas simples do cotidiano entre parentes, amigos e vizinhos, que os feitos de Pedro como santo benzedor são noticiados. Digo santo benzedor

porque, como já visto anteriormente, ele se diferencia de um benzedor qualquer por causa da sua fama de santo. Contudo, a fé em São Pedro não se limita ao seu ofício de benzedor, pelo contrário, das quase cem entrevistas realizadas, somente cerca de 10% dos entrevistados sabia que ele exercera o ofício de benzedor. Tratam-se de devotos idosos, que tiveram contato com pessoas próximas que foram contemporâneas de Pedro. Contudo, 100% dos entrevistados, sem distinção de idade e de gênero, sabia que Pedro trabalhava como boiadeiro.

6.3.2 Pedro: um santo boiadeiro

No arraial de São Hilarião, o ofício de boiadeiro era extremamente requisitado, já que a pecuária bovina era, e ainda continua sendo, a principal atividade econômica de toda a região. Aliás, foi para trabalhar como boiadeiro na fazenda de Juca, que Pedro se mudou juntamente com toda a sua família, de Santa Rita de Minas, cidade interiorana de Minas Gerais, para o referido arraial.

Nas narrativas populares, Pedro é descrito como um exímio boiadeiro, capaz de não apenas conduzir o gado, mas de dar assistência sempre que algum animal precisava.

“Sei de tantas histórias porque meu avô era boiadeiro e amigo de Pedro. Uma vez, ele me contou que tinha uma vaca que tava morrendo já. Ela tava prenha e não conseguia pari. Ele chamou Pedro pra tentar salvar pelo menos a vaca, pois o bezerro já era dado como morto. Mas Pedro, com suas mãos, puxou o bezerro vivo e a vaca que mal se aguentava em pé ficou boa no mesmo dia. Outra vez um boi foi picado de cobra, bem no pescoço, é assim que cobra pica, no pescoço. A cobra aproveita que o boi tá de cabeça baixa pastando e pica. Mas Pedro pegou umas ervas no mato e machucou na água, fez um caldo grosso e deu pro boi beber. Nunca um boi, morreu na mão de Pedro. Pedro tem mãos de anjo, não, de santo, mãos de santo.” (Devoto Jesuíno).

O assassinato de Pedro não apagou a imagem dele de boiadeiro. Diversos pedidos continuaram sendo feitos a ele, só que *in memoriam*, por causa da sua lida com o gado.

“E como Pedro era boiadeiro, os boiadeiros da região começaram a pedir a ajuda dele para achar os bois sumidos. Com a realização

dos pedidos, o número de visitas e de devotos foi crescendo com o passar dos anos.” (Benedicts, 2007, p. 12).

“Painho tinha só um boi, que dava conta das vacas tudo, mas um dia ele pulou a cerca e sumiu. Painho procurou por ele a semana inteira e nada, só restava pedir ajuda pra São Pedro. No dia que painho pediu ajuda o boi apareceu, voltou sozinho.” (Devoto Altino).

“Minha vaca tava fraquinha, não se aguentava sozinha de pé. Precisava de quatro homens pra erguer ela. Mas eu me apeguei a Pedro e ele salvou minha vaca. Ele é santo, tem poder de salvar.” (Devota Ednalda).

“Vô era fazendeiro grande, tinha muitas cabeças de gado, mas um dia o gado começou a morrer sem explicação. Não existia veterinário, faz muito tempo. Foi o vaqueiro dele que falou pra ele pedir ajuda a Pedro, já que o gado era dele, só ele poderia pedi. Vô pediu pra Pedro salvar o gado e ele salvou, mais nenhum bicho morreu.” (Devoto Jacó).

“Durante a pastagem eu perdi uma rês, na hora não percebi, só no final do dia, quando fui guardar o gado é que eu dei por fé. Chamei o Zé que é boiadeiro também pra me ajudar a procurar, fizemos o mesmo percurso, mas nada de achar. Ai bateu um desespero e eu pedi pra São Pedro, pra achar minha rês e na mesma da hora achei. Foi só terminar de fechar a boca que eu virei pro lado e vi o boi atrás do umbuzeiro. São Pedro é santo boiadeiro mesmo, lá de cima ele ver tudo.” (Devoto Severino).

Há uma forte relação entre Pedro e aqueles que de alguma forma lidam com o gado. A pecuária bovina é a principal atividade de Ribeirão do Largo e região, desde a sua formação até os dias de hoje. Segundo o padre Antônio Gonçalves de Anchieta (2013), que publicou um cordel e um livreto sobre a cidade, ela é de caráter extensivo e em sua maioria familiar, utilizada para a produção de corte e leite. Muito provavelmente seja essa a razão pela qual exista uma demanda tão grande de pedidos relacionados ao gado. Acredito que muitos desses pedidos não são exclusivamente relacionados à profissão que Pedro teve em vida, boiadeiro, mas sim uma derivação da necessidade local advinda da principal fonte de renda dessas pessoas.

Pedro foi assassinado em um matagal, terreno pertencente ao finado fazendeiro José Gonçalves. Quando o seu corpo foi encontrado por populares, em uma cova rasa e com partes dele à mostra, foram eles próprios que, com o consentimento do próprio fazendeiro,

abriram uma nova cova no local para que Pedro pudesse ser devidamente enterrado, a sete palmos. Anos mais tarde, o fazendeiro José Gonçalves construiu uma capela, uma casa que guarda o túmulo de Pedro, como pagamento de promessa.

Figura 50: Vista exterior e frontal da capela. Vista do interior da capela com o túmulo de Pedro ao centro

De acordo com as narrativas populares, o assassinato de Pedro provocou grande comoção local na época.

“Meu tio me contou com lágrimas nos olhos que quando Pedro morreu, foi morto matado, o arraial inteiro ficou de luto. Pra onde ele olhava ele via gente chorando. Na época ele era menino, mas umas coisas dessas a gente não se esquece não. Foi muita maldade que fizeram com Pedro. Ele era homem santo, não merecia isso não. Bateram nele com paulada e fizeram ele cavar a própria cova. Histórias assim a gente não se esquece.” (Devoto Ronaldo).

“Pedro foi morto e arrastado a cavalo por vários quilômetros, e, posteriormente, enterrado em uma cova rasa com os braços e pernas de fora, crueldade que muito chocou a população local.” (Anchieta, 2013, p. 9).

“São Pedro sofreu igual Cristo. Deram muita paulada nele, mas paulada nenhuma era capaz de matar ele. Os jagunços deram até tiro, mas a arma falhou. São Pedro só morreu porque ele falou que a única coisa que matava ele era a faca dele. Ai, deram uma facada nele e ele morreu. Em Cristo deram a lança e em Pedro deram a faca.” (Devoto Manuel).

Sem lembra de ouvir a Deus / E aos conselhos do vigário /
 Sem respeitar ao ser humano / Para ganhar honorário /
 Com empurrões e pauladas / Levaram Pedro ao calvário /
 Foi grande o seu padecer / Impiedosa tortura /
 Foi obrigada a cavar / Sua própria sepultura /
 Sem força e resignado / Ante a sentença tão dura. (Sousa, 2013, p. 7).

“Vô me contou que na época o povo ficou revoltado. Também pudera, judiaram demais de São Pedro. Arrastaram ele com os cavalos. Desceram a paulada nele. E não foi um só não, foi dois. Dois jagunços bateram nele com o pau e bateram muito. Fizeram até ele abrir a própria cova com a mão. Só sendo santo pra aguentar tanto sofrimento. Mas o povo não aguentou não e pediu justiça. Um bando de gente foi até falar com os coronéis.” (Devota Otacília).

Na ausência de um poder público efetivo, eram para os coronéis que a população pedia por justiça. No arraial de São Hilarião, assim como em todo o país no período da república velha (1889 a 1930), predominava o coronelismo. Um sistema de poder autoritário, centrado na figura do coronel. Os coronéis eram grandes fazendeiros, que controlavam, política e militarmente, a região em que habitavam.

Diante da aclamação popular, o coronel Juvêncio Gonçalves, pai de José Gonçalves que construiu a capela para o jazigo de Pedro, e o coronel João Alves, mandaram seus jagunços executarem Titino e Amaro, assassinos de Pedro.

Um dado interessante é o desfecho que a vaca, entregue aos assassinos como pagamento pelo serviço executado, teve. Ela foi vendida ao açougueiro do arraial que ao abatê-la constatou que o animal sangrou demasiadamente, tendo a carne apodrecida no dia seguinte.

“Os bandidos receberam / Uma vaca em pagamento /
 Do malfeito que fizeram / E pelo mau procedimento /
 Venderam e o açougueiro / Teve um descontentamento /
 A vaca ao ser abatida / Já um fenômeno ocorreu /
 Tinha mais sangue que carne / Em seguida apodreceu /
 Depois é que descobriram / Por que isto aconteceu. (Sousa, 2013, p. 8).

Inexistindo uma explicação plausível que pudesse responder o excesso de sangue e a rápida deterioração da carne da vaca, a resposta para o fato segue a ordem do

sobrenatural. No entendimento popular, o animal se tornou inútil para o consumo porque ele era fruto de um grave ato pecaminoso, o assassinato de Pedro. A vaca também serviu para denunciar quais foram os assassinos, já que o crime foi cometido no matagal e não havia testemunhas.

O lugar onde Pedro está enterrado é conhecido por todos da região como “Cova de Pedro”. Desde o início, era a população local que cuidava da sepultura, com destaque para a devota Maria Roxa. Segundo o historiador Danilo Patrick Mascarenhas Benedicts (2007), ela era a zeladora do lugar e dedicou sua vida a melhorar a infraestrutura local. Quando ela morreu, foi enterrada próxima ao túmulo de Pedro, como era de sua vontade, sob a permissão da Prefeitura Municipal de Ribeirão do Largo, em reconhecimento aos seus serviços prestados. O túmulo de Maria Roxa não está identificado e os devotos não sabem quem está enterrado lá. Ele funciona como velário em época de romaria.

Figura 51: Jazigo de Maria Roxa sendo utilizado pelos devotos como velário. As duas primeiras imagens da esquerda para a direita ilustram antes e depois da romaria em 2014, respectivamente. A terceira e quarta imagem da esquerda para a direita, ilustram as romarias de 2015 e 2016, respectivamente.

6.3.3 São Pedro, a prefeitura e a igreja

Com a emancipação política de Ribeirão do Largo em 1983, a prefeitura municipal da cidade se uniu aos populares, realizando melhorias na Cova de Pedro. Ela comprou terras vizinhas ampliando o seu espaço territorial, reformou a capela, construiu um

confessionário, uma casa de milagres e banheiros públicos feminino e masculino, além de investir em propagandas anuais convidando as populações das localidades vizinhas para os festejos juninos e para a romaria da Cova de Pedro. Durante a romaria, a prefeitura instala energia elétrica no local, que é desligada após o evento, e requisita à polícia militar para manter a ordem no local.

Com a prefeitura da cidade na liderança do evento, a romaria cresceu espantosamente. Até a década de 70, estima-se que o número de devotos não ultrapassava de 200 pessoas (Benedicts, 2007). Na primeira década do século XXI, os devotos ultrapassaram o número de 10.000 (Anchieta, 2013). Atualmente, estima-se que mais de 15.000 pessoas comparecem à romaria da Cova de Pedro, mais que o dobro da população da cidade. Segundo a estimativa feita pelo IBGE em 2016, o município de Ribeirão do Largo possui 7.835 habitantes. O expressivo número de devotos na tradicional romaria a Cova de Pedro chamou a atenção da igreja católica local.

“A Igreja, que em períodos anteriores não dava muito apoio a esta devoção - os padres se limitavam apenas a visitar o local - passou também a se interessar, realizando missas anuais e procissões e hoje é quem administra a Cova juntamente com a prefeitura. A Igreja administra as ofertas depositadas em duas urnas no fundo da capela, além de gerir os objetos deixados pelos devotos como fruto de pagamento de promessas.” (Benedicts, 2007, p. 76, 77).

Figura 52: Urnas localizadas ao fundo do jazigo de Pedro para os devotos depositarem suas ofertas.

Durante a romaria, a igreja realiza uma missa no local que começa às 10:00 horas da manhã e termina quase ao meio dia. A liturgia é conduzida em cima de um palanque por

dois padres, um da paróquia de Ribeirão do Largo e outro de Vitória da Conquista. O palanque foi construído pela população local, em sistema de mutirão e sem nenhum pagamento, no ano de 2014. Todos os materiais utilizados na empreitada foram financiados pelas ofertas dos devotos na romaria do ano anterior. Durante a celebração da missa um terceiro padre permanece no confessionário para atender aos romeiros.

A missa é dedicada a são Pedro, o apóstolo de Cristo, santo oficial da Igreja. Contudo, em nenhum momento é falado que não se trata do santo popular venerado localmente. Não há nenhuma preocupação por parte da igreja em explicar que o santo homenageado na missa não é o mesmo que está enterrado na Cova de Pedro. Os devotos, pessoas de hábitos simples e de pouca ou nenhuma leitura, acreditam que se trata de um mesmo santo. Certamente, não é interessante para a igreja ir contra a devoção popular a são Pedro Afonso do Nascimento, que, como os dados mostram, cresce vertiginosamente em número de fiéis.

6.3.4 Considerações reminiscentes sobre Pedro

Em algumas fontes secundárias, encontrei uma vaga informação de que Pedro Afonso do Nascimento teria se mudado para o arraial de São Hilarião, atual município de Ribeirão do Largo, fugido de um crime que ele havia cometido na cidade onde morava, Santa Rita de Minas, em Minas Gerais, distante cerca de 650 quilômetros.

“Segundo o filho caçula de Pedro, Sr. Delotero Afonso Figueiredo de 98 anos de idade, a sua família teria saído de Santa Rita de Minas por causa de um crime cometido pelo seu pai, que foi para Ribeirão do Largo, a pedido do Sr. Juca, que era parente de Ana Rita, mulher de Pedro.” (Benedicts, 2007, p. 40).

Dizem que ele em Santa Rita / Tinha um crime cometido /
E da justiça de Minas / Então era foragido /
Mas em Ribeirão do Largo / Pensava estar escondido /
Creio que, lembrando disso / Tinha remorso e chorava /
Aferrava-se na lida / Pois enquanto trabalhava /
Amenizava a lembrança / Que talvez lhe atormentava /
Este fato ninguém sabe / Qual foi a causa e o motivo /
Pedro um homem tranquilo / Um trabalhador ativo /

Como todos mereciam / Permanecer sempre vivo. (Sousa, 2013, p. 5, 6).

Apesar de as fontes secundárias informarem que Pedro cometera um crime, nenhuma delas fornece nenhum detalhe. Não se sabe quando ele foi cometido, qual a sua gravidade, sua natureza, se foi culposos ou doloso. O fato é que o crime é apenas citado e amenizado pelo bom comportamento de Pedro: “Pedro um homem tranquilo / Um trabalhador ativo / Como todos mereciam / Permanecer sempre vivo.” (Sousa, 2013, p. 6).

Todos os devotos, quando questionados a respeito do crime que Pedro cometera, não só desconheciam o fato, como também o refutavam. Eles defendiam a honra de Pedro usando bons adjetivos, muitos deles baseados em preceitos cristãos.

“O que eu sei é que Pedro é um homem bom, honesto, trabalhador, que ajudava todo mundo. Pedro foi boiadeiro. Ele não foi criminoso não. Ele foi boiadeiro e dos bons. Pedro é tão bom, mas tão bom, que até hoje ele ajuda o povo com os bois. Quando o meu boi sumiu, eu pedi pra ele pra me ajudar a encontrar e ele me ajudou. Ele tem a alma pura, senão não ajudava ninguém.” (Devoto Albuquerque).

“Crime Nunca! Mas nunca mesmo! Meu tio vivia me dizendo que não existia gente na face desta terra que era mais honesto. São Pedro era católico, mas era católico de verdade. Viva rezando. Ele tinha uma reza forte, do tipo que era capaz de resolver qualquer coisa. Gente assim não comete crime de nenhuma qualidade.” (Devota Kátia).

“São Pedro curava as pessoas, ele era benzedor, só fazia o bem. Ele seria incapaz de fazer mal a alguém, quem quer que fosse. Podia ser a pior pessoa do mundo que São Pedro ajudava. Quem me contou isso foi meu avô. E meu avô não mente. São Pedro ajudou vó, curou ele do mau-olhado. São Pedro era um homem santo, só fazia o bem, só coisas boas.” (Devoto Thiago).

A possibilidade de que Pedro pudesse ter cometido algum tipo de crime foi negada por todos os devotos, 100 por cento dos entrevistados. Nenhum deles admitiu a existência de algo que pudesse manchar, de alguma forma, a honra de Pedro. Todos os devotos o defenderam. Muitos deles chegaram a se exaltar e ficaram bravos comigo, pelo fato de eu ter insinuado que Pedro cometera algum delito.

“Como pode alguém falar isso de Pedro. Tem gente que tem a língua do diabo, só pode... Falar mal de Pedro é pecado, e dos grandes. Nunca mais diga mais isso menina (a devota estava se referindo a mim) porque Deus castiga. Pedro não é criminoso não, ele é santo. Santo é santo, não tem pecado.” (Devota Maria José).

“Isso é pecado. Não diga isso. A gente só fala o que sabe. Você não viu Pedro fazendo crime nenhum. Então não pode falar. Você não tem medo de Deus te castigar? (o devoto perguntou a mim, exaltado, e continuou a falar) Por isso que o mundo tá como tá. É castigo! Até de um santo, tem gente que fala mal. Mas a resposta vem do céu. É Deus que castiga!” (Devoto Romualdo).

“Você não teme a Deus? (a devota me perguntou e continuou a falar) Porque eu temo! Não pode desrespeitar são Pedro, porque ele é santo. Senão Deus castiga.” (Devota Josefina).

Além da total negação do crime, vigora entre muitos o temor a Deus, um medo que remete a um dos dois sentidos existentes no Antigo Testamento. Há duas palavras que são traduzidas como “temor”, “*yirah*”, que significa reverência, submissão, admiração, obediência, profundo respeito, e “*pachad*”, que significa medo, pavor, pânico, terror. É a este último sentido que os devotos se referem. Eles temem que ao desrespeitar Pedro, Deus lance algum castigo como resposta. Se Pedro cometeu algum crime durante a sua vida, como afirma algumas fontes secundárias (Benedicts, 2007; Sousa, 2013), certamente ele deixou de existir. Nenhum dos devotos de Pedro, responsáveis por manter viva a sua memória, reconhece tal fato. Aliás, muitos deles nem sequer admitem ser cogitado a existência de algum tipo de delito por parte de Pedro.

7 DO MILAGRE AO SANTO

---

*O milagre não é dar vida ao corpo extinto,
Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo...*

Nem mudar água pura em vinho tinto...

Milagre é acreditar em nisso tudo!

(Mario Quintana, 1906 - 1994†)

O milagre é de fundamental importância para a compreensão da cosmologia cristã. Por meio dele, Jesus Cristo pode, entre outras coisas, provar ser ele o messias o qual se profetizava no Antigo Testamento, como em Isaías, por exemplo:

“Os olhos dos que vêm já não estarão vendados, os ouvidos dos que ouvem perceberão distintamente. O coração dos irrefletidos procurará adquirir o conhecimento, a língua dos gagos falará com desembaraço e com clareza”. (Isaías 32:3-4).

“Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres, porque a água jorrará do deserto, e rios, da estepe.” (Isaías 35:5-6).

Em cumprimento a essas profecias, Jesus executou milagres tais como a cura de cegos, coxos, leprosos, surdos e até mesmo a ressurreição dos mortos. Quando João pediu a seus discípulos para perguntar se ele, Jesus, realmente era o verdadeiro messias de que se falava nas antigas escrituras, esses milagres serviram como embasamento e prova.

“João, ouvindo falar, na prisão, a respeito das obras de Cristo, enviou a ele alguns dos seus discípulos para lhe perguntarem: És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar um outro? Jesus respondeu-lhes: Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados.” (Mateus 11:2-5).

Santo Agostinho defendia que os milagres eram sinais do poder divino e prova de santidade. Sofia Boesch Gajano, historiadora da religiosidade e dos cultos aos santos, também partilha do mesmo pensamento e afirma que “o milagre constitui a mais evidente manifestação do poder de Deus e de seus santos” (Gajano, 1995, p. 105). Desde a época dos primeiros ascetas, o milagre é visto como prova de santidade daqueles que os realizam. Aliás, até os dias de hoje, o milagre é de extrema importância para atestar a santidade dos santos, já que ele é exigido no processo oficial de canonização da Santa Sé. Em termos gerais, com exceção dos santos mártires e dos santificados pelo processo de canonização equipolente, não há santos sem milagres. Só se é santo após a comprovação da existência de pelo menos três milagres: um na fase diocesana, momento que se declara beato, e dois na fase romana, momento que, finalmente, se declara santo.

Devido ao fato de o milagre não poder ser explicado, já que ele não obedece às leis naturais, é comum os estudiosos vê-lo com desconfiança. Essa tendência foi muito forte na época do racionalismo nascido com Descartes, que primeiro se posicionou veementemente de forma hostil à ideia da ação divina. Para essa corrente filosófica, tudo tem uma causa inteligível, racional. O racionalismo foi fundamental para que o mundo moderno pudesse superar o mundo medieval, já que privilegia a razão em detrimento das experiências do universo sensível, mítico, religioso.

O historiador Marc Bloch (1924), foi um grande responsável por proporcionar novas perspectivas de se pensar acerca do milagre. Em sua obra “Os reis taumaturgos” ele se volta para quais os sentidos e as implicações que o milagre exerce na sociedade, não se preocupando em provar sua veracidade, mas sim sua existência. Para ele, o milagre existe a partir do momento em que se acredita nele. Assim como Marc Bloch, meu interesse também não está na autenticidade do milagre, não me ocupando na tentativa frustrada de explicar aquilo que não é explicável.

Canonistas influentes, como os jesuítas Paul Molinari e Peter Gumpel, defendem que a fama publica de milagreiro por si só já se configura como prova suficiente de santidade. Conforme Teixeira (2007) a fama pública era um meio de comunicação

fundamental no período medieval. “O temo latino fama tem como significado originário o que se diz de alguém; o segundo, é a voz corrente entre o povo.” (Teixeira, 2007, p.20).

A palavra milagre provém do latim *miraculum*, que significa miraculoso, maravilhoso, extraordinário; por sua vez, o nome *miraculum* deriva do verbo latino *mirare*, que significa admirar, maravilhar. Como sintetiza Tomás de Aquino: “*Supra, praeter vei contra naturam*”, superior, díspar, contrário à natureza. É comum a confusão entre as palavras milagre e graça e benção, que muitas vezes são usadas como sinônimos; contudo, há uma diferença conceitual entre elas. O milagre não obedece às leis naturais, não sendo possível explicá-lo, sendo da ordem do sobrenatural, do divino. Já a graça e a benção é “uma ajuda divina”, não perturba as leis naturais, sendo, portanto, possível de acontecer e passível de explicar. “Na linguagem corrente entre os devotos: milagres são chamados graças e bênçãos, assim como graças são classificadas hiperbolicamente como milagres.” (Minayo, 1994, p. 66). O uso da palavra benção é mais comum entre os evangélicos e a palavra graça, mais comum entre aqueles que se denominam católicos. Todos os devotos dos santos populares, santa Leocádia, são Pedro e santo Antônio, afirmam que são católicos e para eles não há diferenças de significado entre o milagre e a graça e benção, este último termo é menos usual. Tudo é uma coisa só: obra de Deus, que só aconteceu porque seu(ua) santo(a) intercedeu. Também é esse o entendimento que vigora nesta tese, já que para a sociedade estudada, milagre e graça e benção possuem o mesmo efeito. Sendo assim, meu interesse está em saber quais as implicações proporcionadas pelo milagre ressignificado, tal qual ele é entendido pelos devotos, de forma simplificada, como sendo sinônimo de graça, de benção, de proteção; enfim, de quaisquer tipos de ajuda intercedida pelo(a) santo(a).

Para entender a questão do milagre, em especial a relação entre o devoto(a) e seu(ua) santo(a) posto pelo acontecimento específico do milagre, uso como base a teoria da dádiva do sociólogo Marcel Mauss (1950).

Em seus estudos, Mauss chegou à conclusão de que a dádiva é muito mais do que um simples sistema de troca; ela é, de fato, um fenômeno social total já que ela exprime “ao mesmo tempo e de uma só vez todas as espécies de instituições: religiosas, jurídicas e morais.” (Mauss, 1950, p.53). Quando uma dádiva, que pode ser de qualquer natureza, é dada, ela tem que ser obrigatoriamente retribuída. São justamente essas prestações e contraprestações se embrenhando sob a forma de presentes, ou seja, dádivas, que o sociólogo Marcel Mauss chama de “sistema das prestações totais”. Os sistemas de

prestações totais dizem respeito a toda uma maneira de viver socialmente, em que se faz presente uma moral que ainda pode ser vista funcionando nas sociedades contemporâneas.

É por meio do dar, do receber e do retribuir que a dádiva estabelece um contrato indissolúvel entre as partes, que pode ser entre os próprios homens e também entre os homens e os deuses, aqui deslocado e interpretado como entre os devotos e seus santos populares.

“Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram de contratar, e que por definição estavam lá para contratar com eles, eram antes de mais os espíritos dos mortos e dos deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Era com eles que era mais necessário trocar e mais perigoso não trocar.” (Mauss, 1950, p. 71).

Acredita-se que a dádiva, entendida aqui como o milagre intercedido pelo santo(a) popular, quando encerrada naquele que foi presenteado, ou seja, quando ela não é retribuída pelo devoto(a), ela pode vir a fazer um grande mal. Existe um temor em torno das dádivas, que Mauss chama de *hau*, em que elas mesmas são a certeza de que serão retribuídas. Semelhantemente ocorre com o milagre, um temor que o obriga ser retribuído. No geral, tal retribuição é feita por meio do cumprimento das promessas.

7.1 MILAGRES INTERCEDIDOS POR SANTA LEOCÁDIA

7.1.1 O milagre e seu temor

O milagre é revestido por um temor. O caso da devota Midian, residente na zona rural do município de Palmas de Monte Alto, distante 42 quilômetros de Guanambi, mostra muito bem a existência desse temor. Em entrevista, ela conta, ao lado do túmulo de sua santa, o seu caso de dádiva. No ano de 1997 ela sentiu fortes dores no dedo mínimo do pé esquerdo, lugar onde surgiu um grande nódulo, fazendo com que inclusive caísse a sua unha, pouco tempo depois. Preocupada, ela foi ao médico e durante a consulta ele a teria informado que o seu dedo mínimo precisaria ser amputado e até já havia agendado procedimento cirúrgico. Segundo Midian, a notícia a deixou muito triste e ao chegar em sua casa ligou o rádio e ouviu o depoimento de uma mulher que, após fazer uma promessa à santa Leocádia, dizia-se curada de uma terrível dor no dedo do pé. Ao escutar o referido depoimento, ela percebeu imediatamente a semelhança com o seu problema e disse:

“Oh santa Leocádia, me ajuda a sarar desse dedinho também, que eu vou te visitar todo ano. O ano que vem, se eu tiver sã do meu dedo e não precisar cortar, eu vou ao túmulo da senhora. Vou ascender uma vela, ou duas, ou três ou quantas eu puder.” (Devota Midian).

Confiante na promessa, ela não foi fazer a cirurgia. Seis meses depois, ainda segundo o seu relato, seu dedo do pé estava totalmente curado e sem nenhuma sequela. Ela conta que o tempo passou e que ela se esqueceu da promessa que tinha feito. Com o passar do tempo, a semana santa chegou e ela não se lembrou da referida promessa; além disso, ela estava aguardando a visita de sua irmã em sua casa. Na véspera do feriado da sexta-feira santa, ela disse que sentiu uma dor aguda no seu dedo mínimo do pé e de imediato falou:

“Vixe! A promessa que eu fiz com a santa Leocádia. Esqueci, nem comprar a vela dá tempo mais.” (Devota Midian).

Ela conta que saiu à procura do marido, Valmir e lhe disse:

“Valmir! Eu esqueci da promessa, agora eu tenho que ir chegue quem chegar.” (Devota Midian).

O seu marido respondeu:

“Não se preocupe mulher, que vai dá tudo certo, amanhã nós vamos pra Leocádia.” (Devoto Valmir).

Na sexta-feira santa, no período da manhã, Midian foi para Leocádia e deixou sua irmã, que chegara de viagem em sua casa, explicando que precisava sair para pagar a promessa que havia feito e que, por isso, não poderia mais passar o feriado da semana santa com ela, como havia planejado. Midian conta ainda que a sua irmã falou que ela pudesse ir e que não precisava ficar preocupada com ela, pois entendia a situação. Desde então, todos os anos, Midian viaja à Leocádia para ascender suas velas.

Figura 53: Devota Midian mostrando o dedo do pé sarado; acendendo suas velas.

A necessidade de retribuir a dádiva àquela que a concedeu sob a pena de algum mal, como mostra Marcel Mauss (1950), está fortemente presente no caso de milagre da devota Midian, principalmente quando ela afirma que ao sentir uma dor aguda no seu dedo mínimo do pé esquerdo lembrou-se, imediatamente, do que havia ocorrido e da promessa que havia feito à santa Leocádia. A preocupação em cumprir a promessa revelou o temor da concretização de um mal, *hau*, que de acordo com a teoria de Mauss (1950), manifestar-se por meio da própria dádiva se ela não for devidamente retribuída. No caso específico da devota Midian, o retorno da doença que acometera seu referido dedo.

Além do caso da devota Midian, existem diversos outros casos de milagres que evidenciam seus temores diante de ameaças que perturbem o cumprimento das promessas, como o da devota Rosa. Ela conta que sofria de uma terrível dor de cabeça.

“Eu tinha uma dor de cabeça que não sarava por nada no mundo. Era uma dor terrível, que me deixava de cama. Mas a dor era forte mesmo, tão forte que eu vomitava e desmaiava. Um dia minha vizinha falou que ia pra romaria de Leocádia e me chamou pra ir com ela. Ela falou pra eu pedir pra santa pra me livrar da dor, que a santa era milagrosa. Resolvi ir com ela. Eu não tinha nada a perder. Quando eu cheguei aqui em Leocádia eu me ajoelhei bem aqui (a devota aponta para o lado do tumulo), e eu pedi com fé pra santa me livrar da dor de cabeça. Eu falei: “- Santa Leocádia me ajuda. Se a senhora me ajudar a nunca mais ficar de cama por causa da minha dor de cabeça, eu venho aqui todo ano rezar o pai nosso e acender velas pra você.” E santa Leocádia me livrou desse mal. Nunca mais fiquei de cama por conta da dor de cabeça.” (Devota Rosa).

Figura 54: Devota Rosa acendendo suas velas; rezando a oração do Pai nosso.

Perguntei à devota Rosa se ela, em algum outro momento da sua vida, sentiu dor de cabeça novamente. Ela respondeu que sim, mas, com veemência, disse que foi por culpa dela mesma. Ela se diz culpada por sentir tal dor porque ela estava em débito com a sua santa.

“Teve uma vez que eu tive uma dor de cabeça muito forte que cheguei a vomitar. Mas a culpa foi minha. Isso foi bem na sexta-feira santa, eu tava gripada e fiquei com preguiça de levantar cedo pra vim. Pensei comigo mesmo... ahh eu tô gripada então não tem problema de eu não ir. Esse ano eu não vou, vou ficar em casa

deitada descansando e fui dormir com isso. O dia amanheceu e eu não levantei da cama. Acordei mais tarde, tomei meu cafezinho e depois almocei. Mas não foi uma hora de relógio e me veio uma dor de cabeça daquelas, forte, mas bem forte que as vistas escureceu e eu vomitei tudo o que tinha comido. Tomei uns remédios e corri pra Leocádia com dor mesmo. Já era de tarde, eu pedi desculpas, acendi umas velas que eu peguei de casa e rezei um monte de Pai nosso até o sol entrar. Nem sei quantos Pai nosso eu rezei, mas foram muitos para ela me perdoar. Eu pequei feio com ela. Quis dá uma de esperta, mas a santa tá no céu e vê tudo. De vez em quando eu ainda tenho uma dorzinha, mas é bem pouca que nem remédio eu tomo. Mas o que eu pedi pra santa Leocádia foi pra ela não me deixar mais de cama por causa da minha cabeça e ela não deixou não. Nunca mais fiquei de cama. Agora eu tenho que cumprir minha parte. Prometi que eu ia vim acender velas e rezar o Pai nosso e é isso que eu faço todo ano. Pode acontecer o que for que eu venho pra cá.” (Devota Rosa).

No relato da devota Rosa fica claro a existência do temor da dádiva quando ela ameaça não cumprir a sua promessa no exato momento em que ela tem uma repentina e aguda dor de cabeça, que a faz lembrar-se das crises as quais ela sofria outrora. Tanto no caso da devota Midian, como no da devota Rosa e de muitos outros devotos, alguns são tratados a seguir, o mal em resposta a uma promessa não cumprida é sempre aquele que os assolavam, geralmente, mas nem sempre, ligados à saúde.

“Eu bati com meu joelho no chão, que deixou ele roxo. Ele ficou todo inchado, parecia uma bola e doía, doía muito. O roxo desapareceu e o tamanho também, mas a dor não, a dor continuava. O tempo passava e a dor continuava. Eu sofri com esse joelho, sofri e muito. Não tava conseguindo nem andar direito porque o joelho não deixava. Peguei com a santa Leocádia e falei que se meu joelho parasse de doer que eu ia visitar ela a pé. Todo ano eu ia vim a pé, porque Leocádia é longe, não é perto não... mas eu ia vim a pé. O joelho sarou. Ano passou e eu esqueci da promessa que eu tinha feito. Fui aprontar o almoço e bati o joelho no fogão, bem o joelho que tava doente. Ai me veio na cabeça promessa. Nem botei as panelas no fogo, fui logo pagar a promessa. Não quero nem pensar em ficar com o joelho doendo novamente. Já tem anos que eu venho a pé em Leocádia e meu joelho nunca mais doeu. Essa santa é milagrosa. Todo ano eu venho. Saio de casa no escuro, antes do sol nascer.” (Devota Jucelia).

Figura 55: Devota Jucelia cumprindo sua promessa. Estrada que dá acesso ao túmulo de Leocádia iluminada pela lua.

“Eu levei um tombo na rua e cai. Fiquei com a coluna arruinada. Tinha uma dor na coluna, bem em baixo, que descia pras pernas. Foi dor forte, que bambeava as pernas. Fui no médico do postinho e ele me passou um monte de remédio, mas eu continuava com dor. Ela não sarava, foi aí que minha irmã me falou de santa Leocádia, que ela já tinha sido valida. Então eu pedi pra santa Leocádia me sarar e ela me sarou. Passou mais de ano e não senti mais nada. Fiquei curada. Quando foi essa semana o pessoal de casa tava organizando de viajar pra aproveitar o feriado da semana santa e eu ia junto também. Ontem eu fui arrumar as coisas pra viajar e levei um escorregão, quase cai. Foi santa Leocádia me lembrando do meu compromisso com ela, porque eu fiquei só pensando na viagem e esqueci que eu tinha que vim pra cá. Na hora eu falei que não ia viajar mais não, que eu ia vim pra Leocádia. Afinal, ela me curou e eu tenho que cumprir com minha obrigação.” (Devota Francisca).

“Eu tinha uma moto velha, que só me dava trabalho. Vim aqui em Leocádia na romaria e pedi pra santa me ajudar a comprar uma moto nova. Entrei no consorcio de uma moto titan e no mesmo mês eu fui sorteado. Só que eu não vim agradecer. Era pra eu vim na romaria acender uma vela e rezar pra ela, mas não vim. Eu me enrolei numas dívidas e tive que dá a moto. Fazer o quê? Se eu tivesse vindo, eu tava com a moto até hoje. Agora eu tô aqui pagando meu pecado. Não vou mais faltar com minha santa. Ela vai me ajudar.” (Devoto Otávio).

“Eu estava desempregado há um tempão, aí vim em Leocádia e pedi pra ela arranjar um emprego de carteira assinada, emprego registrado, porque eu só tava fazendo uns bicos. Eu vim aqui,

ajoelhei e pedi pra ela me arranjar um emprego bom, não demorou um mês e eu já estava empregado. Todo ano eu vinha aqui e trazia flores pra ela. Só que no ano passado eu tirei férias e fui viajar e acabei faltando. Não pude vim porque estava viajando. Três meses depois de voltar das férias perdi o emprego. Mas tá certo. Eu ganhei o emprego e prometi vim todo ano, como eu não vim eu pedir o emprego. Não posso reclamar, a culpa foi minha. Hoje eu pedi um novo emprego e santa Leocádia vai me dá um melhor do que o que eu já tinha, porque ela é santa e eu não vou mais deixar de vim na romaria.” (Devoto Omar).

Em nenhum dos casos de milagre relatados pelos devotos houve uma cobrança exagerada por parte de santa Leocádia. Ela apenas devolve aquilo que fora tirado ou retira aquilo que fora dado e nada mais. Como a dor na coluna da devota Francisca, a moto do devoto Otávio, o emprego do devoto Omar. Isso confirma o pensamento de que os deuses são justos, nas palavras de Mauss: “os deuses sabem fazer o preço das coisas.” (Mauss, 1950, p. 72).

7.1.2 O milagre é evangelizador

O milagre evangeliza, estimula e propaga a fé. É comum os devotos falarem que começaram a pedir ajuda a santa Leocádia depois de saber que ela já havia ajudado alguém conhecido. Como disse, por exemplo, anteriormente, a devota Francisca: “foi aí que minha irmã me falou de santa Leocádia, que ela já tinha sido valida. Então eu pedi pra santa Leocádia me sarar e ela me sarou.”

“Era meu avô quem mais me contava de santa Leocádia, porque ela já tinha realizados uns milagres na sua vida. Ele era muito apegado a ela. Foi por causa dele que eu virei devoto. Eu tava numa fase difícil da minha vida. Meu avô me falou pra pedir pra santa Leocádia me ajudar e ela me ajudou.” (Devoto Joaquim).

“Meu irmão mais velho sofreu um acidente e ficou mal. Ele fez promessa pra santa Leocádia. A primeira vez que eu vim aqui foi com ele. Hoje ele nem mora em São Paulo, mas eu continuo vindo, ela me protege. Sempre peço proteção, ando muito de moto e é perigoso, mas graças à santa Leocádia eu nunca tive nenhum acidente. Ela é santa, meu irmão é prova disso.” (Devoto Danilo).

É ao ter conhecimento de algum milagre intercedido por santa Leocádia que outras pessoas passaram a frequentar a romaria, mesmo sem pedir por algo. Pelo menos, não de imediato, já que, em algumas entrevistas é possível perceber que santa Leocádia funcionaria mais ou menos como um *step*, caso precisassem eles teriam a quem recorrer. Destarte, há um interesse, seja ele imediato ou futuro, gerado pela existência confiável do milagre. Isso porque o milagre em questão não repousa em uma fantasia popular, ele aconteceu com alguém conhecido, que atesta a sua verdade, e por essa razão o milagre se torna digno de confiança.

“Comecei a fazer romaria por causa da minha vizinha. Ela era muito sozinha e pediu pra Leocádia arranjar um marido pra ela. Ela conheceu um homem bom, de fora daqui, e foi morar com ele. Eu continuo vindo. Ano que vem minha amiga do trabalho me disse que ia vim comigo porque ela quer um marido também. Eu nunca pedi nada. Nunca precisei. Se um dia eu precisar, sei que Leocádia pode me ajudar.” (Devota Maisa).

“Comecei a vir aqui por causa do meu amigo de trabalho, o João. A gente tava na estrada de noite viajando pra fazer umas entregas e do nada ele sentiu uma dor. Ele gritava de dor lá em baixo (muito provavelmente o devoto estava se referindo a genitália do amigo, mas, por timidez não quis precisar o local, mesmo após eu pergunta-lo). Parei o carro, ele vomitou e urinou e sentou no chão do acostamento berrando de dor e começou a pedi pra Leocádia ajudar ele. Não demorou muito e ele já tava curado, se alguém me contasse eu não acreditava. Passei a vim aqui todo ano, e trago toda a minha família, porque se a gente precisar de alguma coisa, já sabe que pode pedi pra santa.” (Devoto Tobias).

“Eu já sabia de Leocádia, até já tinha vindo aqui quando criança. Mas só passei a vim de verdade na romaria tem pouco tempo. Eu vim acompanhar a minha prima a pagar uma promessa dela. Ela tava muito doente e tinha pedido Leocádia pra sarar ela. A partir desse dia eu não deixei mais de vir. Faz uns quatro anos já. A gente tem uma santa pertinho, tem que dar valor, neh?!” (Devota Tamara).

A primeira vez que eu vim foi com o meu vizinho. Ele veio pagar promessa. Todo ano a gente vinha junto. Depois que ele se mudou eu continuei vindo. Sempre pego umas flores pra ela, porque toda ela é santa e tem que ser bem tratada.” (Devoto Davi).

Velas e flores são os objetos mais ofertados à santa Leocádia. As flores são nativas da caatinga, bioma da cidade de Guanambi, e colhidas ao longo da estrada durante o percurso da romaria.

Figura 56: Devotos trazendo velas e flores para santa Leocádia.

O milagre estabelece uma forte aliança entre a santa e seus devotos que revigora e cresce a cada ano de romaria. Mesmo depois de cumprir com a promessa, muito dos devotos permanecem cativos. Eles continuam indo todos os anos, na sexta-feira santa, prestar suas homenagens. No geral, uma vez agraciados, eles são eternamente gratos.

“Santa Leocádia é minha santinha. Ela já me ajudou tanto, que eu nem sei direito. Eu já pedi tanta coisa que eu nem lembro mais. Foi muita coisa. Já pedi emprego, já pedi saúde pra mim e pra família toda, e sempre sou valido. Tudo que eu peço, minha santinha me dá. Eu sempre venho aqui e quando eu posso eu faço uma melhoria. Isso aqui tudo foi eu que mandei estucar. Tava na terra pura, crescia mato, aí tinha que limpar. Ano passado retrasado, foram meus meninos que limparam, capinaram tudo pra deixar arrumado pra romaria. Mas agora que eu estuquei não vai mais crescer mato e vai ficar limpo o ano inteiro. Também pintei o túmulo da minha santinha, deixei bem branquinho.” (Devoto Mario).

Figura 57: Devoto Mario apontando as melhorias feitas por ele, o túmulo pintado de branco e o chão estucado com cimento; à direita, área ampla do túmulo recém-capinada pelos filhos do devoto Mario, ano de 2015.

Além do sentimento de gratidão, fica evidente o sentimento de afeto do devoto Mario pela santa Leocádia quando ele a chama de “santinha”, gerando pela introdução do sufixo diminutivo “inha” a palavra santa. Segundo Margarida Basílio,

“o fato de a Nomenclatura Gramatical Brasileira considerar o grau como flexão é devido à influência da gramática clássica, mas apesar disso, a maior parte dos gramáticos de hoje tende a considerar o grau como derivação” (Basílio, 2004, p. 67).

A derivação diz respeito tanto a uma carga emocional positiva, quanto a uma emocional negativa. Segundo Carlos Gonçalves (2006), a derivação do formativo inho(a) é determinada pelo contexto sociointeracional. Em “santinha” há uma derivação positiva, uma forte carga emocional de afeto, oriunda, muito provavelmente de sua relação bem sucedida com santa Leocádia, já que ele sempre fez pedidos e sempre foi valido.

Desde o assassinato de Leocádia, os seus devotos são os únicos responsáveis por cuidar do seu túmulo. Ao longo dos anos, ele passou por diversas transformações, geralmente feitas próximo do período da semana santa.

No ano de 2007, o devoto Gercino liderou as reformas no túmulo de Leocádia a pedido de seu pai, Aroldo, que financiou todos os materiais usados. A obra começou às seis horas da manhã, no dia 03 três de abril de 2007, uma terça-feira da semana santa, e durou o dia inteiro. Gercino, juntamente com seus dois irmãos e outros dois vizinhos, capinaram toda a área ao redor do túmulo; consertaram a cerca que guarda o local, construíram um pequeno velário anexo ao túmulo, que foi reformado e pintado na cor azul, como mostra a foto abaixo.

Figura 58: Área do túmulo logo após reforma liderada pelo devoto Gercino.

Ao todo foram gastos R\$ 150,00 reais na compra de cimento, tijolos e tinta, para a realização dessa reforma, custeado exclusivamente pelo pai do devoto Gercino, o também devoto Aroldo. Uma quantia monetária relativamente alta pra quem tem uma vida muito simples, onde até falta o básico. Assim como praticamente todos os devotos de santa Leocádia, Aroldo pode ser visto como uma releitura da personificação do nordestino retratado na prosa regionalista da Geração de 1930⁴⁷, um sertanejo de vida sofrida, hábitos rústicos e de muita fé. Aroldo mora em uma casa simples, de chão batido e com alguns dos cômodos feitos de pau-a-pique, próximo de Leocádia, uma área remota e de características rurais.

“Momentos antes da entrevista, ele se encontrava deitado em uma cama de madeira, cujas ripas estavam entrelaçadas por borrachas de pneu de bicicleta, simulando um colchão, uma imagem marcante, representativa do povo humilde e sofrido da região.” (Pereira, 2010, p. 92).

Aroldo afirma ser devoto de santa Leocádia por toda a sua vida.

“Eu sou fiel e sempre fui. Santa Leocádia é minha santinha e abaixo dela só tem Deus. Desde pequeno eu sempre pedi ajuda pra

⁴⁷ Geração de 1930 ou segunda geração modernista, foi um movimento literário baseado no regionalismo nordestino. As obras são vistas como uma denúncia social do sofrimento do povo nordestino. Os principais escritores são: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

ela e ela nunca me faltou. Ela olhou por mim a vida toda, e olha que eu já vivi muito, sou velho já, e ela nunca me abandonou. Eu tenho fé nela, mas não adianta só ficar pedindo, a gente tem que merecer. Tem que fazer por merecer.” (Devoto Aroldo).

A Bíblia diz que a fé sem obras é morta. “Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento. De fato, alguém poderá objetar-lhe: Tu tens fé e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.” (Tiago 2:17-18). Anos depois, o devoto Aroldo também financiou a construção do muro que substituiu a cerca em volta do túmulo.

“Agora com o muro, minha santinha fica protegida. Quando eu morrer eu quero ser enterrado ao lado dela, pra sempre ficar perto dela.” (Devoto Aroldo).

Figura 59: Antiga cerca que resguardava o túmulo de Leocádia. Muro de bloco custeado pelo devoto Aroldo.

7.2 MILAGRES INTERCEDIDOS POR SANTO ANTÔNIO

7.2.1 Milagres de um santo casamenteiro

Muitos milagres intercedidos pelo santo popular Antônio são da ordem do matrimônio. A razão disso é a existência de um santo oficial homônimo muito conhecido por todo o Brasil, principalmente no Nordeste devido à tradição das festas juninas, que é santo Antônio de Pádua e que tem a fama de ser casamenteiro. As hipóteses que giram em torno dessa crença são variadas e um tanto quanto controversas. Contudo, devido ao fato de o santo Antônio oficial ter nascido em Portugal, cidade de Lisboa no ano de 1195, e ter sua morte registrada na Itália, cidade de Pádua em 13 de junho de 1232, talvez esteja aí, a explicação mais plausível para isso. Segundo Isabel Dâmaso Santos (2014), pesquisadora portuguesa especialista em santo Antônio, o dia da morte desse santo é próximo das festividades do solstício de verão, dia 21 de junho, as quais, muito antigamente, celebravam-se práticas pagãs da fecundidade, do amor e casamento. Pela proximidade entre as duas datas, difundiu-se a crença de que santo Antônio tinha o poder de dar às mulheres a possibilidade de encontrar um cônjuge ou até mesmo de corrigir falhas dentro dos matrimônios já vigentes.

“Se os santos têm tendências a desenvolver uma especialidade, a de santo Antônio seria a de resolver problemas afetivos, sintetizada na expressão “santo casamenteiro.” Ela aparece sob outras formas, como “protetor dos noivos”, “protetor dos casamentos”, “protetor” ou “padroeiro” dos namorados.” Santo Antônio “ajuda a arrumar casamento”, “ajuda as pessoas a ficarem juntas”, “ajuda os casais e quem pede pelo amor”. Portanto, ele “intervém no amor; “desencalha algumas pessoas em namoro, casamento”, “resolve problemas sentimentais e de relacionamentos”, e é com ele que “pessoas que querem se casar e amar, se apegam”.” (Menezes, 2009, p. 116 e 117).

Inicialmente, o casamento era privado, reservado ao seio familiar; contudo, à medida que a Igreja foi se desenvolvendo e aumentando o seu poder, ela lhe atribuiu a competência legislativa e jurisdicional sobre o matrimônio.

“O casamento cristão, ao contrário do que se poderia imaginar, não é tão antigo quanto o cristianismo. O casamento tal como conhecemos atualmente é uma invenção medieval e se casar na Igreja só se tornou prática corrente no século XIII.” (Leite, 1991, p. 210).

As primeiras medidas datam do século IX; contudo, foi com o Concílio de Trento (1545-1563), mais especificamente no 3º período (1562 – 1563), que o matrimônio foi inserido como sacramento. Na ocasião, qualquer casamento que não fosse regido na presença do pároco e de duas ou três testemunhas lhe era considerado inválido e quem não obedecesse às regras da Instituição, deveria ser excomungado. Atualmente, as normas vigentes são aquelas estabelecidas pelo Código de Direito Canônico (1983), pelos cânones 1055, 1056, 1057... até o 1062. “As propriedades essenciais do matrimônio são a unidade e a indissolubilidade, as quais, em razão do sacramento, adquirem particular firmeza no matrimônio cristão” (Código de Direito Canônico, 1983, Cân. 1056, p. 187).

Em Cândido Sales, o casamento é muito valorizado entre os devotos de santo Antônio. Muitos deles são realizados no mês de junho, resquício de uma tradição antiga onde o acesso da população rural interiorana aos padres era muito difícil e como as festividades juninas os atraíam, eles aproveitavam a ocasião para realizar os casamentos com festas fartas, pois era época de colheita. Atualmente, vigora uma cobrança social para as mulheres casarem ainda na faixa etária dos vinte, mulheres que passaram dos trinta anos costumam ser um tanto quanto hostilizadas. Elas são vistas como solteironas e no imaginário popular local, mulher solteira é sinônimo de pessoa amargurada, reclamona, ou ainda de comportamento duvidoso. Em suma, mulheres consideradas mais velhas não são adequadas para se firmar matrimônio. Durante a pesquisa de campo, encontrei muitas jovens que disseram que tinham medo de “ficar pra titia” e, diante desse temor, queriam arranjar logo um casamento.

Muitas devotas se valem de santo Antônio para arranjar, em um curto período de tempo, um casamento, incluindo aquelas que já estão em um relacionamento, namorando, mas ainda não estão casadas de fato.

“Vim pedi pra casar logo, porque já estou namorando tem quase um ano e ainda nem noiva eu fiquei. Mas santo Antônio vai resolver isso pra mim. Ele não vai deixar meu namorado me enrolar.” (Devota Carem).

“Minha prima veio aqui comigo no ano passado e pediu santo Antônio pra casar ela. E hoje ela já tá casada. Conheceu um cara de São Paulo se mudou pra lá casada. O cara veio aqui, casou com ela e levou ela embora pra São Paulo. Ela era solteira e eu já tava namorando e ela conseguiu casar primeiro que eu ainda. Casou primeiro com a ajuda do santo, porque nem homem ela tinha. Esse ano eu caso, acabei de pedir pra santo Antônio me casar. Ano que vem, quando você tiver na romaria, vai ver meu vestido de noiva pendurado aqui também.” (Devota Maria Lucia).

Figura 60: Ex-voto de vestidos de noiva pendurados no teto e nas paredes.

“Na primeira vez que eu vim pra romaria eu já fui valida. Vim de carona com o povo lá da rua. O vizinho fretou o caminhão aí eu vim. Quando eu vi os vestidos de noiva pendurados eu pedi pro irmão Antônio me casar. Eu falei que se ele me casasse eu trazia meu vestido de noiva e dava pra ele. No mesmo dia eu conheci meu marido. Conheci aqui mesmo na romaria. Ele veio esse ano comigo, saiu agorinha pra acender velas. Eu casei no início do ano, foi uma festança, durou a noite toda. Meu vestido é lindo, todo bordado, e do jeito que eu tirei ele eu guardei pra santo Antônio, nem lavar eu lavei. Eu ia lavar, porque ele ficou sujo na barrada da saia do vestido, mas fiquei com medo dele não gostar então eu deixei do jeito que tava. Teve gente que falou pra eu guardar o vestido porque ele foi caro e é bem bonito, mas vai que o santo castiga e toma meu marido... eu prefiro continuar casada.” (Devota Flávia).

“Santo Antônio casou as minhas amigas quase tudo, só não casou quem não pediu, porque quem pediu casou e casou rápido. Santo Antônio não demora para atender os pedidos não. Eu, no caso, pedi pra casar e casei três meses depois. Fiz o pedido lá em casa. Lá em casa tem uma imagem pequena dele, aí eu segurei ela com fé e pedi pra ele me casar e ele me casou. Hoje eu tô aqui pagando a minha promessa. Pendurei meu sapato de casamento.” (Devota Laura).

Perguntei a Laura por que ela optou pelos sapatos em vez do vestido de noiva, comumente utilizados pelas devotas. No momento, tentei identificar possíveis simbologias que remetessem a ideia de “pés no chão”, da vida em sua realidade, para não correr o risco de um deslumbre inicial da nova vida de casada. Mas a resposta encontrada é bem mais simples e que, em parte, reflete a realidade econômica local. Ela disse:

“Eu coloquei os sapatos porque eu comprei eles para usar no dia do meu casamento. O vestido eu não tinha, eu peguei emprestado o da minha amiga.” (Devota Laura).

Figura 61: Ex-votos do vestido de noiva da devota Flávia, foto em detalhe permitindo que se veja o sujo na barra do vestido. Ex-voto do sapato de noiva

Todos os casos relacionados à fama de casamenteiro do santo os quais eu tive acesso foram feitos por mulheres. A razão disso provavelmente se deve ao fato de pesar sobre elas as responsabilidades matrimônios, sejam as provenientes do próprio casamento ou ainda a condição imposta pela sociedade de estar casada. Em termos gerais, diferentemente dos homens, que nada sofrem quando permanecem solteiros por longos períodos de tempo, as mulheres são hostilizadas. O pressuposto de que o santo Antônio popular é interpretado pelos devotos como sendo o mesmo santo de fama de casamenteiro oficializado pela Igreja, santo Antônio de Pádua, é facilmente observado no caso da devota Laura que diz que fez o pedido para o santo lhe arranjar um casamento por meio de sua imagem, que logicamente diz respeito à imagem oficial produzida pela Igreja católica, e que foi pagar a sua promessa na sala dos milagres dedicada aos milagres intercedidos pelo

santo popular. Portanto, o pedido fora feito ao santo oficial, mas a promessa fora paga ao santo popular, o que dá na mesma, já que para ela é o mesmo santo.

Na sala dos milagres, edícula que fica logo atrás da que guarda o túmulo de santo Antônio, é possível encontrar diversos objetos relacionados ao matrimônio e à sua manutenção como vestidos de noivas, pijamas e ceroulas que atestam a fama de casamenteiro desse santo popular confundido com o seu homônimo oficial. Os vestidos brancos simbolizam a realização da cerimônia matrimonial em si, já os pijamas e as ceroulas dizem respeito aos problemas conjugais.

Figura 62: Ex-voto de pijamas e ceroulas. À esquerda, caixa com diversas roupas, dentre elas a calça do pijama do marido da devota Silvia que está dentro da sacola roxa. Na foto do meio há outras sacolas com roupas. Nas duas últimas há ceroulas e pijamas pendurados.

“Eu tinha certeza que meu marido tava com outra porque ele não tava me procurando. Eu perguntava pra ele, mas ele negava dizia que só tinha eu, só que chegava de noite e ele só sabia dormir. Pedi santo Antônio pra me ajudar, pro meu marido voltar a me procurar e deu certo. Peguei a calça que ele usa pra dormir, botei na sacolinha e escondi na bolsa pro meu marido não ver e trouxe pra cá. É aquela sacolinha roxa alí. Se você tiver algum problema com seu marido ou noivo, é só falar com santo Antônio que ele dá jeito. Esse santo aqui faz milagre.” (Devota Silvia).

“Essas ceroulas aí, tudo aí é de marido que tava largando a mulher. O marido da minha vizinha Nilda nem olhava mais pra cara dela, ele tava de caso com uma mulher lá na rua. Eu falei pra ela pegar uma ceroula dele e com a ceroula na mão pedi pro santo Antônio para o marido larga a mulher e voltar pra ela. Depois que ela fez isso, não demorou uma semana e o marido voltou pra ela e voltou manso. Ela pegou a ceroula sem ele saber e trouxe pra cá. E deu certo viu, porque já tem anos que ele tá manso.” (Devota Valéria).

“Me disseram que meu marido tava dando ousadia para uma rapariga lá do Quaraçu. Eu não sei porque não vi e se eu não vi com os meus olhos, não posso dizer que é verdade. Mas ele tava meio estranho, só queria saber de ir pra rua. Pra garanti eu pedi ajuda pro santo e olha o falatório acabou e meu marido tá ficando mais em casa. Eu peguei uma ceroula dele e dei pra santo Antônio, dei um nó nela pra deixar amarrada com o santo que é pra nunca mais eu ter problema. Funciona viu, santo Antônio é poderoso. Têm anos que meu marido tá um santo. Meu casamento é outra coisa agora.” (Devota Gláucia).

A fala da devota Gláucia exemplifica a crença de que santo Antônio é comprometido com a causa, não somente com a realização do matrimônio em si, como também com a sua manutenção.

7.2.2 Milagres de todas as sortes

Segundo a pesquisadora Monique Augras, santo Antônio é um santo polivalente, capaz de atender aos mais variados tipos de pedidos, desde os mais difíceis aos corriqueiros. “Talvez o fervor e a persistência da devoção a Santo Antônio se deva a essa capacidade, por assim dizer, sintética, que faz dele o compêndio de todas as virtudes e funções.” (Augras, 2005, p. 88).

“Esse santo aqui, é santo milagreiro e dos bons. É só você ter fé nele que ele faz o milagre. Você pode pedi o que quiser que ele faz. Ele serve pra tudo, pra gente e pra animal também. Digo de experiência própria. Ele já curou meu cavalo que quase morreu quando foi picado por cobra, e ele já me curou também. Cai do banheiro e quebrei a bacia, fiquei de cama sem consegui levantar e olha eu aqui. Eu não sinto mais nada, nem dor, nem nada, nem parece que quebrei alguma coisa. Não existe santo mais forte que esse que tá aqui.” (Devoto Damião).

“Chamar Santo Antônio de “santo milagroso” deixa subentendida a possibilidade de uma distinção no interior da comunidade de santos: se há os milagrosos, há também os que não os são, ou os que são menos, portanto há santos mais e menos poderosos, os capazes de realizar grandes prodígios e os que não os são. E diante

dessa clivagem, Santo Antônio estaria no grupo dos mais fortes.” (Menezes, 2009, p. 121).

Para os devotos de santo Antônio popular, ele é um santo muito poderoso e a sala de milagres funciona como prova impactante disso, pois ela está repleta de ex-votos, que atestam a eficácia dos seus pedidos. A palavra ex-voto provém do latim, cuja preposição *ex* representa a “causa de”, “em virtude de”, e a palavra voto provém de *votum*, que significa voto, promessa; portanto, ex-voto é o presente dado pelo fiel ao seu santo de devoção em agradecimento de um voto, de uma promessa.

“É bom separar os conceitos de votivo e ex-votivo. O primeiro diz respeito às ofertas em cumprimento de voto ou promessa ao santo, com o uso ou a tradição de manter cerimoniais. Assim, por exemplo, pode-se dizer, o uso de figas, pingentes, de ofertas de caruru, de ir em romaria, de levar romeiros, de acender velas em dias determinados, de dar nomes de santos aos bebês, dentre outros aspectos, são modos de ações votivas. Já o conceito de ex-votivo refere-se apenas ao ato voltado para o ex-voto. Então, a desobriga, o ato de depositar o ex-voto, em uma sala de milagres, ou um canto da igreja, em meio ao cerimonial de reza individualmente feita, é um ato ex-votivo.” (Oliveira, 2006, p. 118).

Na sala de milagres, é possível ver ex-votos de todos os tipos, que dizem respeito a pedidos feitos em prol da natureza, do homem e dos animais, que são depositados sempre no dia 13 de junho, dia de santo Antônio oficial, dia da romaria do santo Irmão Antônio.

Figura 63: Vista panorâmica da sala dos milagres.

Os ex-votos em esculturas são em quase toda a sua totalidade feitos com cera de abelha, material de fácil acesso na região. Como os devotos são em sua imensa maioria formados por pessoas de baixo poder aquisitivo, em vez de comprar ex-votos

industrializados, como, por exemplo, os de parafina, muito conhecido no mercado religioso, eles optam por confeccioná-los eles mesmo. Os resultados em geral, são peças rústicas, que representam o corpo de um animal, de um homem ou de uma mulher ou ainda apenas a parte do corpo que foi curada. A quantidade de ex-votos feitos com cera é tamanha que, ao longo do dia da romaria, elas vão se amontoando, sendo necessário o fiscal coletá-las e colocá-las em caixa de papelão para dar lugar a novos ex-votos que continuam chegando durante todo o evento.

Figura 64: Ex-votos feitos com cera de abelha pelos devotos.

Figura 65: Ex-votos amontoados ao longo da romaria. Ex-votos guardados na caixa para economizar espaço.

Há também muletas e andador simbolizando a cura dos membros inferiores ou de alguma enfermidade locomotiva.

Figura 66: Diversas muletas, e um andador.

Os devotos de santo Antônio popular são pessoas simples, acostumadas à vida da roça. Muitos são agricultores de subsistência ou pequenos produtores agrícola, ou ainda pequenos pecuaristas. É comum o pedido de chuva, seja para proceder à plantação, seja para favorecer o desenvolvimento do pasto. Os pedidos de chuva validos são simbolizados pelas garrafas cheias de água.

Figura 67: Ex-voto de garrafas com água, simbolizando as chuvas.

Os ex-votos em forma de fotografias são uma tendência, eles veem tomando lugar de destaque nas salas de milagres. Em apenas uma imagem, o devoto pode expressar sua gratidão de maneira mais complexa e rica, como, por exemplo, demonstrar vários parentes em um mesmo contexto, ou uma determinada região, ou cenário climático; enfim, tudo que a fotografia puder capturar.

Figura 68: Ex-votos em fotos.

Com o avanço da tecnologia, a fotografia se tornou acessível e vem tomando o espaço que antes era reservado aos ex-votos pictóricos. “O riscador de milagres, artista que descreve a cena pictoricamente, é cada dia mais raro.” (Oliveira, 2007, p. 6). Em geral, esse tipo de ex-voto artístico retrata uma enfermidade ou usufrui da temática sacra, como nos exemplos abaixo, que impressionam pela beleza e simplicidade.

Figura 69: Ex-votos pintados com temática sacra.

Alguns devotos são tão dedicados, que eles se uniram e formaram uma associação intitulada: Associação dos Devotos de Santo Antônio (ADSA). Eles costumam se reunir próximos da data da romaria para cuidar de todo o local, antes e depois do evento religioso.

7.3 MILAGRES INTERCEDIDOS POR SÃO PEDRO

7.3.1 Chuva de milagres

São Pedro, além de santo também é considerado o primeiro papa, base e fundamento da Igreja. O santo apóstolo tem a fama de controlar o clima, especialmente a chuva. A origem dessa crença vem de uma passagem bíblica bem conhecida, na qual Jesus disse a Pedro: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mateus 16:19). Ao longo dos anos, tal passagem foi interpretada por muitos de forma bastante literal e popularizou-se a ideia de que São Pedro tinha o poder de fazer chover. Como ele possuía as chaves do reino dos Céus, ao abrir os seus portões, a chuva destilaria; ao fechá-los, cessaria. Pedro Afonso do Nascimento, nome completo do santo popular de Ribeirão do Largo, além de herdar o nome do santo oficial, São Pedro, também herdou a sua fama de fazer chover. É muito comum os devotos pedirem por chuva.

“Eu sempre levo um pouquinho de água na garrafinha pra quando eu chegar lá na Cova de Pedro, eu derramar um pouquinho pra molhar o pé do santo. Porque se eu molhar o pé do santo, ele molha o meu também. Mas a água é só pra molhar, não é muita não, pra quando ele for mandar chuva pra nós, é só pra molhar a terra porque se mandar muita chuva as plantas ficam chumbadas. Então eu derramo só um pouquinho, pra vim chuva boa, chuva que molha a terra.” (Devota Joelma).

“Eu sempre peço pra São Pedro mandar chuva. Enquanto eu tô acendendo a vela eu tô pedindo. A gente precisa de chuva pra plantar, pra poder trabalhar na terra. Porque se não tiver chuva não adianta nada. Ano passado foi o único ano que eu não fui pra romaria e quase não choveu lá em casa. Choveu bem na roça do meu irmão, mas não choveu na minha que é pertinho. Meu irmão nunca deixou de vim pra Cova de Pedro então São Pedro cuidou dele. Nunca mais eu deixo de vim acender uma vela pra São Pedro, que é pra ele cuidar de mim também.” (Devoto Júlio).

O devoto Júlio acredita que a falta de chuva em seu terreno é uma consequência de ele não ter ido prestar homenagem ao seu santo, e por causa disso ficou desamparado. O fato de seu irmão ter devotado a São Pedro e não ter passado pelo mesmo problema que ele, mesmo morando próximo, reforça o seu pensamento. Essa relação de reciprocidade entre o devoto e o seu santo é muito notada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1968), que afirma que no catolicismo popular rústico vigora uma relação de *do ut des*, dou a fim de receber alguma coisa em troca.

A cidade de Ribeirão do Largo é uma região de caatinga, bioma de transição entre sertão e agreste, e tem um índice pluviométrico muito baixo. Provavelmente, é por causa da falta de água na região, uma necessidade primária, que o pedido por chuva seja uma constante.

“Todo ano que eu venho aqui na romaria da Cova de Pedro, eu peço pra ele mandar chuva pra nós, porque sem chuva não tem plantio e se não tem plantio ninguém vive, morre tudo de fome. Morre gente, morre bicho, nada salva. É preciso de chuva boa pra gente plantar e pro pasto nascer, e pro boi beber e não morrer de sede. São Pedro é capaz de fazer a chuva. A gente tem que rezar pra ele pra ele fazer chover.”(Devota Simaria)

Os devotos do santo popular São Pedro, são pessoas simples, de hábitos rurais, acostumados ao estilo de vida da roça. Muitos deles são agricultores de subsistência ou pequenos produtores agrícola, ou ainda pequenos pecuaristas. É comum o pedido de chuva, seja para proceder à plantação, seja para favorecer o desenvolvimento do pasto, usado para alimentar os animais. Como eles não usam ração, por ela ser considerada cara, os animais são altamente dependentes do pasto natural e do plantio da palma forrageira, uma espécie de cacto. A palma é usada *in natura* para alimentar o gado. Ela também é consumida como alimento humano, neste caso aconselha-se usar as folhas mais novas, por serem mais macias e menos gosmentas, e para o seu preparo, basta apenas retirar seus espinhos e refogá-la.

É no mês de junho que acontece a colheita na roça. Os devotos colhem principalmente o milho, feijão, amendoim e mandioca. Tal fartura é tradicionalmente comemorada com festa e devoção a todos os santos do mês de junho. No Brasil, o início das festividades juninas data de meados do século XVI, introduzidas pelos portugueses, cujas cerimônias baseavam-se em reminiscências de antigos rituais pagãos, tais como os de

celebração do solstício, que marca a passagem para o verão, e também os rituais para afastar os espíritos maus que provocavam a improdutividade da terra e as pestes nos plantios. A Igreja católica cristianizou esses eventos, dando-lhes os padroeiros: santo Antônio, dia 13; são João, dia 24; e são Pedro, dia 29 de junho. (Câmara Cascudo, 1972).

7.3.2 Milagres e testemunhos

O busto de são Pedro popular fica na entrada da edícula que guarda o túmulo do santo. Ele é o primeiro objeto a chamar a atenção dos devotos. Assim que eles chegam diante do busto, fazem filas para tocar na cabeça do santo para em seguida tocar nas suas próprias cabeças ou em alguma outra parte do corpo que necessita de cuidados, acreditando que com isso se transfira a saúde do santo para eles, curando-os de alguma enfermidade ou ainda protegendo-os daquelas que possam surgir no futuro. Logo em seguida, eles adentram na edícula onde fica o túmulo do santo. Lá eles ajoelham, rezam, agradecem, fazem promessas, apagam promessas etc.

Figura 70: Devotos tocando a cabeça de são Pedro. Em detalhe, o devoto tocando a cabeça do santo e depois a sua própria. Devotos ajoelhados ao redor do túmulo de são Pedro.

Durante a pesquisa de campo na romaria da cova de Pedro, encontrei vários depoimentos pessoais de milagres intercedidos pelo santo popular, como, por exemplo, o do devoto Diógenes.

“Eu tinha um caroço na mão que tava me matando de dor, não conseguia trabalhar, não conseguia fazer nada, porque a mão doía. Fui no médico, e o médico queria cortar a minha mão pra arrancar o caroço. Cheguei em casa triste, não queria que o médico cortasse a minha mão. Me ajoelhei e pedi pra são Pedro me curar. Prometi que se ele cuidasse de mim, que eu ia vim cuidar dele também. Eu não voltei no médico pra fazer os exames, porque eu tava confiando em são Pedro. Sabia que ele ia me curar e ele me curou. O caroço da minha mão desapareceu. Ela nunca mais doeu e tem é anos isso, pra lá de dez. Todo ano eu venho aqui na romaria cuidar de são Pedro, como eu prometi. Varro tudo, deixo a cova do meu santo querido limpinha.” (Devoto Diógenes).

Figura 71: Devoto Diógenes e seu milagre. Ele aponta para onde existia um caroço na sua mão; mostra toda a mão curada; segura uma vassoura que ele usa pra limpar a área do túmulo de seu santo.

É comum encontrar devotos dando testemunhos, falando em alto tom, sobre os seus milagres.

“Entrou um homem com duas muletas e andando com certa dificuldade. Entrou sorrindo e falando: “Pedro já me livrou desta aqui”, pegou uma das muletas e depositou junto a outras que já estavam na casa dos Milagres. Na saída mostrou a muleta que ficou e disse: “só falta ele me livrar desta outra.” Soube depois que este homem tinha sofrido um grave acidente e que os médicos tinham dito que jamais ele voltaria a andar. Isto explica a sua expressão de

alegria ao depositar a muleta na Casa dos Milagres.” (Benedicts, 2007, p. 89).

Na bíblia há passagens que estimulam o testemunho, seja para evangelizar, (2 Reis 7:9)⁴⁸, ou para o temor, (Atos dos Apóstolos 1:8)⁴⁹. Nesse ínterim é importante destacar que a palavra testemunho remete a palavra mártir. Os mártires foram considerados como os primeiros santos, devido à morte pelo martírio por seu testemunho público de fé em Cristo.

7.3.3 Milagres para os outros

“São Pedro é um santo milagroso de verdade... ele é santo milagroso de verdade.” (Devoto Zé).

Frases que afirmam a capacidade do santo popular operar milagres são constantemente ditas pelos devotos entrevistados. É comum encontrar devotos pedindo a cura não somente para si próprio, mas também para um ente próximo, como a Marinalva, por exemplo, que pediu a cura da dor de cabeça do seu marido.

Desde pequena eu vinha aqui na cova de Pedro com mainha, então eu já vi um monte de milagres de Pedro. Meu marido não vinha não, eu falava pra ele vim comigo pra pedi pra Pedro curar a dor de cabeça dele, mas ele não me escutava, era teimoso e só queria saber de ficar na roça. Quando eu vim com mainha, eu pedi pra alma santa de são Pedro curar meu marido. Como eu sabia que ele não ia aparecer aqui, eu mesma tive que pedir pro santo pra curar ele.

---

⁴⁸ ““Disseram depois entre si: “Não está certo o que estamos fazendo; hoje é um dia de boas novas e nós estamos calados! Se esperarmos até raiar o dia de amanhã, um castigo nos sobrevirá. Vamos, pois, levemos a notícia ao palácio do rei.”” (2 Reis 7:9)

⁴⁹ “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra.” (Atos dos Apóstolos 1:8)

Quando eu cheguei em casa eu contei a promessa que fiz, falei: “– Zé, eu fiz uma promessa pra você. Falei pra são Pedro curar sua dor de cabeça e você vai ter que ir lá ascender uma vela ano que vem.” Na hora ele disse que se a cabeça dele curar, que ele ia era todo ano na romaria, não ia uma vez só não, e ia acender era um maço inteiro.” (Devota Marinalva)

Durante a entrevista, o marido da devota Marinalva permaneceu o tempo todo ao seu lado, acenando com a cabeça pra confirmar tudo o que ela dissera e ainda fez questão de contar a sua versão da história.

“Eu tinha uma dor de cabeça desde pequeno, que só melhorava depois que eu vomitava aquela água verde azeda. Eu já tinha ido no médico uma vez, ele passou um remédio, mas não funcionou. Tava desacreditado porque nem o médico, nem o remédio deu jeito. Eu já tava conformado com a dor já. Mas depois que Mari fez a promessa eu não senti mais dor. São Pedro é um santo milagroso de verdade. Foi ele que me curou. Agora eu sou o primeiro a ficar pronto pra romaria. Venho todo ano e acendo um maço inteiro de velas e sempre que preciso de alguma coisa eu peço pra ele me ajudar. E se eu ver alguém precisando de ajuda eu falo pra pedir pra são Pedro porque ele é santo milagroso de verdade.” (Devoto Zé).

Para o devoto Zé, não há dúvidas de que ele fora curado por são Pedro por causa da promessa feita por sua esposa, haja vista sua afirmação: “– São Pedro é um santo milagroso de verdade. Foi ele que me curou.” Tal acontecimento fez com que ele inclusive o devotasse, tanto que ele é o primeiro a ficar pronto pra ir à romaria, apesar de não gostar de sair da sua casa na roça.

Tão comum quanto ver os devotos fazendo promessas para os seus próximos é vê-los pagando as promessas alheias, quando, por algum motivo, estão impossibilitados de ir à romaria.

“Minha vizinha vem todo ano comigo acender velas, é promessa antiga dela. Esse ano ela não pôde vir aí ela me deu um maço pra eu acender pra ela. Tô trazendo quatro maços, um é dela, outro é meu, e os outros dois são pra as minhas irmãs, que moram em São Paulo.” (Devota Adelaide).

“Eu vim trazer a muleta do meu irmão, que tá curado graças à alma caridosa de São Pedro. Não deu pra ele participar da romaria porque ele teve que viajar pra trabalhar. O patrão pediu pra ele entregar uns bois, aí ele teve que ir.” (Devota Amanda).

Perguntei à devota Amanda se não existia problemas em ela pagar a promessa que era do seu irmão. Ela me disse que não, que o importante era o fato de a promessa ser cumprida.

“Não tem problema não, porque não tem mais dívida. Meu irmão não podia vim pra cá pra pagar a promessa então eu paguei. É a mesma coisa se tivesse uma conta pra ele pagar, e ele me desse o dinheiro pra eu pagar. Dá no mesmo. Era pra ele entregar a muleta pro santo, porque ele não tá precisando mais dela. São Pedro curou ele, quando ele caiu do cavalo e quebrou a perna. Como ele teve que ir trabalhar eu vim trazer a muleta pra ele.” (Devota Amanda).

Figura 72: Devota Amanda pagando a promessa do irmão. Devota Adelaine com os maços de vela

Diferentemente do catolicismo oficial, que tem uma doutrina estabelecida que deve ser seguida, o catolicismo popular é informal e sua prática religiosa é guiada pela necessidade. São justamente essas duas características, que faz com que, nesse contexto religioso, seja permitido ao devoto fazer e cumprir promessas alheias.

7.3.4 Milagres e ex-votos

“Este santo aqui é um santo milagreiro. Ele me curou e também curou um monte de gente que eu conheço. Eu caí da garupa da moto e bati a cabeça no chão e desmaiei na hora. Quando eu acordei já tava em casa, nem sei como eu cheguei... me levaram pra casa. Depois disso comecei a sentir dor de cabeça. Tomava

remédio, a cabeça melhorava um pouco, mas depois tornava doer. Aí eu pensei, vou pedir pra são Pedro me curar, ele já me ajudou antes. Uma vez ele me devolveu um boi. Ele me curou. Essa cabeça aqui é pra ele, porque ele curou a minha, então essa aqui que eu fiz pra dá pra ele. Vou colocar ela em cima da cova dele.” (Devoto Lúcio).

Figura 73: Devoto Lúcio e seu ex-voto de cabeça de cera de abelha.

“São Pedro me curou. Eu sofria muito de dor de cabeça. Foi minha vizinha que falou que ela também tinha dor de cabeça, mas que ela pediu a santa alma de são Pedro pra curar e curou. Ela me disse pra eu pedir também que funciona. É só pedir com fé que ele cura. Eu me agarrei em são Pedro, e pedi ajoelhada pra ele curar minha dor de cabeça. Hoje eu trago a minha cabeça que ele curou pra agradecer.” (Devota Ana Paula).

Figura 74: Devota Ana Paula e seu ex-voto de cabeça de parafina.

A cabeça feita com cera de abelha, do devoto Lúcio, e feita de parafina, da devota Ana Paula, representa a parte do corpo curada, que é oferecida a São Pedro como agradecimento pelo milagre intercedido. Segundo o pesquisador especialista em ex-voto, José Cláudio Alves de Oliveira, a origem da tradição de usar algum tipo de escultura que representa o corpo humano ou ainda partes dele, tem haver com a origem do próprio ex-voto em si, que deriva do tratamento médico realizado por Esculápio⁵⁰ na Grécia Antiga.

“Esculápio, médico na Antigüidade, na Grécia, recebia daqueles a quem curava a reprodução do braço, perna ou cabeça do doente. Objetos que traziam em suas formas os traços, as marcas e os sinais, artisticamente detalhados, dos males ocorridos nas referidas partes do corpo. Esse costume se generalizou a partir dos gregos, tomando conta, por volta de 2000 a.C., de grande parte do Mediterrâneo, em locais sagrados, santuários, onde os crentes pagavam suas promessas aos seus deuses.” (Oliveira, 2006, p. 116).

No catolicismo, sua difusão aconteceu mais fortemente após o Concílio de Trento, que proclamava a ideia de compor o ex-voto não com as esculturas representativas do corpo humano tradicionais da Grécia Antiga, mas sim com pequenos quadros que retratassem o milagre recebido. Segundo o Código de Direito Canônico, cânone 1234, o ex-voto de arte popular é visto como meio de salvação, que deve ficar sempre a disposição dos fiéis.

No Brasil, o ex-voto teria chegado com “a tradição dos navegantes portugueses que tinha nessa forma de expressão a possibilidade de agradecer a determinado santo por terem retornado vivos de mais uma aventura marítima.” (Figueiredo, 2010, p. 55).

Para o sociólogo Marcel Mauss (1981), os ex-votos seriam como orações materializadas. De modo geral, o ex-voto pode ser qualquer objeto que se ofereça em regozijo do milagre alcançada. Isso permite que ele seja rico em formato. Além de objetos que reproduzem o corpo humano ou, mais especificamente a parte dele que fora curada,

---

⁵⁰ Esculápio, ou Asclépio, é conhecido como deus da medicina. Ele é um deus greco-romano que nasceu como mortal, mas os seus feitos fizeram com que ele fosse considerado um deus. O mito diz que ele foi criado pelo centauro Quíron e aprendeu profundamente a arte medicinal das ervas e da cirurgia. Seu conhecimento e habilidade eram tamanhos que ele até mesmo podia ressuscitar os mortos. Muitos estudiosos defendem que Esculápio é uma releitura do sacerdote polímata egípcio Imhotep, um gênio da arquitetura e medicina.

também é comum o ex-voto ser um objeto utilizado no processo de cura como, por exemplo, as muletas.

“Olha quantas muletas tem aqui! Veja quantas pessoas são Pedro já curou. Quantas pessoas ele já fez andar aqui, só nesse cantinho.” (Devota Amanda).

Figura 75: Ex-votos de muleta depositadas no ano de 2014; 2015; 2016.

A sala de milagre, local onde acontece a desobriga dos ex-votos, funciona, segundo Pereira (2003), como um termômetro capaz de mensurar a crença religiosa. Se o espaço está repleto de ex-votos e continua recebendo novas peças, é sinal de que o santo continua fazendo milagres. Caso contrário, indica que está ocorrendo uma crise na crença e o santo corre o risco de perder espaço na devoção. Os ex-votos são a certeza de que o santo é milagreiro, eficiente e poderoso. Na figura acima, podemos ver que com o passar dos anos, que o numero de muletas aumenta. Elas são testemunhas concretas, da fama de milagreiro do santo.

A romaria à cova de Pedro é o maior evento festivo do município de Ribeirão do Largo, ela chega a receber mais de 15.000 pessoas, o dobro da população da cidade, que é de 7.835 habitantes, segundo a estimativa feita pelo IBGE em 2016. Além do caráter religioso, a romaria da Cova de Pedro também funciona como um local público de confraternização, onde é possível reencontrar parentes distantes, amigos antigos etc, que vão ao local devotar o santo popular, que de outra maneira eles não se reencontrariam. É no dia de são Pedro, que se encerra as festividades juninas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da era cristã, o povo é o grande responsável por fazer os santos. Os primeiros santificados foram os mártires, que eram vistos como exemplos a serem seguidos. Ao sofrerem o martírio, eles davam testemunho público de sua inteira entrega a Jesus Cristo; aliás, a própria palavra “mártir” significa “testemunho.” Eles morriam não só por Cristo, mas também semelhante a ele e está aí o sentido da fórmula “em Cristo”, um selo de total submissão e fé cristã. Nessa época, santidade passou a ser sinônimo de martírio. Ao devotarem com heroísmo, os mártires passaram a ser considerados pelos primeiros cristãos como verdadeiros santos.

Nem todos os seguidores declarados de Jesus Cristo eram condenados à glória do martírio público. Muitos foram perseguidos, torturados e enclausurados, condenados às minas ou às prisões. Tratam-se dos confessores, pois confessaram publicamente a sua fé em Cristo com o risco iminente de morte. Com o fim da perseguição romana aos cristãos, início do século IV, os confessores foram libertados e passaram a gozar de grande popularidade, sendo também reconhecidos pelo povo como santos. Oficialmente, confessor se tornou um título concedido pela Igreja aos santos e beatos que sofreram perseguição e tortura pela fé, mas não ao ponto do martírio público.

Após a legalização do cristianismo, com a chegada de imperador Constantino I ao poder, os olhos do povo se voltaram para os ascetas. Afinal, autodeclarar-se cristão já não mais renderia grandes riscos. Apesar de os ascetas terem um estilo de vida de restrições autoimpostas, que simbolizava um martírio diário, foi a taumaturgia a grande responsável por suas santificações. A capacidade que eles tinham de operar milagres, sobretudo postumamente em seus santuários por intermédio de suas relíquias, fez com que fossem devotados e proclamados santos pelo povo. Apesar de o milagre já ter sido utilizado anteriormente como evidência divina, como se deu com o próprio Jesus Cristo, foi com os ascetas, no século IV, que o milagre aflorou e se firmou como prova de santidade.

O milagre é fundamental para que haja o reconhecimento do santo, seja ele popular ou oficial. A exceção é a categoria dos santos mártires, que não precisam comprovar a existência de milagres, com a prerrogativa de terem sido perfeitos imitadores de Cristo. Atualmente, o processo de canonização é dependente do milagre, sendo necessária a existência de três milagres: um na fase diocesana do processo, momento que se declara beato, e dois na fase romana, quando finalmente se declara santo.

O papa é o único que, ao final de um longo processo, tem o poder oficial de decidir sobre quem é santo. Não é de se espantar que no modelo clerical, santos que de alguma forma estão ligados à instituição católica, sejam predominantes, afinal são eles quem melhor transmitem a sua imagem. É importante lembrar que em cada época da história da humanidade surgiram, providencialmente, santos que melhor suprissem as necessidades da Igreja. Nos dias de hoje, podemos citar como exemplo, o caso do papa João Paulo II, agora são João Paulo II. Ele foi um dos principais líderes mundiais de sua época e gozava de uma popularidade elevadíssima. Transformá-lo em santo foi uma das medidas que a Igreja encontrou para contornar a atual crise do catolicismo. Tal ideia é confirmada, ainda que de maneira sutil, na homilia do papa Francisco ao celebrar a “Santa Missa e Canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II.” “Não esqueçamos que são precisamente os santos que levam avante e fazem crescer a Igreja.” (Papa Francisco, 2014).

Além do processo de canonização tradicional, existe outro processo oficial utilizado de maneira extraordinária, que é o processo de canonização equipolente. Este se baseia, sobretudo, na fama ininterrupta de milagres intermediados pelo candidato a santo; contudo não é necessária a comprovação dos milagres em si. Canonistas influentes, como os jesuítas Paul Molinari e Peter Gumpel, defendem o fim da exigência da comprovação desses eventos miraculosos. Para eles, a fama popular de santo milagreiro por si só já se configura como prova suficiente de sua santidade.

No início da Idade Média, a fama de milagreiro já era usada pelo povo para proclamar seus santos, como acontecera com os ascetas. Creio ser ainda hoje, justamente “a fama de milagreiro”, a grande responsável pela construção social da santidade. Digo fama de milagreiro e não o milagre em si, já que para os devotos deste estudo, o milagre não é entendido como um evento extraordinário, contrário às leis da natureza. Ele é visto, de forma simplificada, como sinônimo de graça, de benção, de proteção; enfim, de quaisquer tipos de ajuda intercedida pelo(a) santo(a). Nesse contexto, os relatos de pedidos atendidos são suficientes para que se proceda com a santificação popular. A comprovação do milagre é totalmente dispensável, afinal, os devotos estudados são em sua imensa

maioria pessoas simples, que praticam um catolicismo rústico e que ainda têm hábitos presos a um tipo de sociedade rural, e dificilmente eles se ocupariam em pensar o milagre em sua complexidade.

Também não importa saber se durante as suas vidas os santos cometeram desvios morais. Não importa se são Pedro foi ou não um criminoso, se santa Leocádia foi ou não uma prostituta, ou quaisquer outras informações que de uma forma ou de outra os inferiorizaram, tal como o fato de santo Antônio ter sido ou não escravo. Existem muitos santos populares que em vida foram ladrões, assassinos, prostitutas... O que importa de verdade é o fato de todos eles operarem milagres.

Os devotos de santa Leocádia, santo Antônio e são Pedro, e, certamente, de muitos outros santos populares, carecem de milagres comprovados pelas regras da Igreja. É no exercício de sua fé, sustentada na eficácia da religiosidade praticada pelos seus próximos e na tradição narrada pelos mais velhos, que eles, amostras de uma população em geral pobre, carente até do básico, procuram soluções para seus problemas cotidianos. Afinal, conforme Prandi e Pierrucci: “a religião supre aquilo que o mundo profano não dá.” (Pierrucci & Prandi, 1996, p. 17).

É necessário que os santos tenham vivido a realidade de seus devotos, que em vida eles tenham passado por situações semelhantes. Assim, ao conhecer de perto os problemas enfrentados pelo seu povo eles sabem, mais do que ninguém, como solucioná-los. Muito provavelmente, seja essa a razão de existir uma quantidade tão grande de santos populares espalhados pelo Brasil e também por todo o mundo. Santos milagreiros especializados em resolver os problemas demandantes de sua região.

Muito embora a Igreja católica se esforce em reservar somente para si o direito de proceder com a canonização, iniciado após a reforma gregoriana no século XI, ela ainda não conseguiu controlar a santificação popular. Aliás, ela é dependente da devoção do povo. Em termos gerais, nem ao menos é possível dar início a um processo oficial de canonização, por mais vantajoso que o candidato seja para a Igreja, sem que haja, por menor que seja, uma devoção popular. O processo oficial de canonização é caro, demanda profissionais especializados e muito tempo.

É fato que nem todos os santos populares agradam à instituição católica, principalmente aqueles que durante as suas vidas tiveram comportamentos desalinhados à ética cristã. Porém, não é viável para a Igreja simplesmente reprimir o povo. Em muitas manifestações devocionais, a Igreja se faz presente, como no caso dos santos populares Antônio e Pedro, objetos deste estudo. A presença dos padres e de seus demais integrantes

faz com que os fiéis acreditem que as suas práticas religiosas são verdadeiras e legitimadas perante a instituição católica. Dessa forma, ela acaba incorporando, ainda que extraoficialmente, os santos populares, valendo-se dos homônimos oficiais, como no caso de Antônio e Pedro, aqui estudados. Ainda que o Código de Direito Canônico exija que os representantes da Igreja esclareçam aos devotos sobre a sua fé e crenças, por conveniência, eles não o fazem.

Há muito tempo o povo já está acostumado a escolher seus santos. Além do martírio, a fama de milagreiro tornou-se sinônimo de santidade, sendo ela utilizada desde o século IV com os ascetas. Os dados analisados mostram que ainda hoje, além do já conhecido martírio, a fama de milagreiro se firma como a razão da construção social da santidade, afinal, o santo faz o milagre e o povo faz o santo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kátia Lorena Novais. *Escravos e libertos nas minas do Rio de Contas – Bahia, século XVIII*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2012.

ANCHIETA, Antônio Gonçalves. *Visita à Cova de Pedro*. Ribeirão do Largo, 2013.

ANTÔNIO, José. *A Vida Santa de Padre Libério: milagres, orações*. 3. ed. Leandro Ferreira: Edições do autor, 1997.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A Cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Lisboa: Moraes Editores, 1971.

ARIEL, Acácio Cláudio; et alii. *Guanambi: nossa terra, nossa gente, nosso orgulho*. Guanambi, 1999.

AUGRAS, Monique Rose Aimée. *Todos os santos são bem vindos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BASILIO, Margarida Maria de Paula. *Formação e Classes de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

- BEGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BENEDICTS, Danilo Patrick Mascarenhas. *A fé e a religiosidade na cova de Pedro*. Ribeirão do Largo – Bahia. 2007. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, 2007.
- BENTO XVI, Papa. *Homilia 1º de maio de 2011*. Capela papal por ocasião da beatificação do servo de Deus João Paulo II. Cidade do Vaticano, 2011.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora 1985 [1973].
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. [1924].
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- BONATO, Massimo. *Igreja Católica e Modernização Social. A crise do catolicismo a partir da experiência missionária de um grupo de jovens italianos em Belo Horizonte nos anos 1960*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 2014.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. [1973].
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean–Claude; PASSERON, Jean–Claude. *Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre e antropologia de um santo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande. Rio Grande do Sul, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989.

_____. *Os Deuses do povo* – um estudo sobre a religião popular. São Paulo, Brasiliense, 1980.

BROWNE, Stanley George. *Lepra na Bíblia: estigma e realidade*. Trad. Vera Ellert Ochsenhofer. Viçosa : Ultimato, 2003 [1979].

BURCKHARDT, Jacob. *História de la cultura griega*. Barcelona: Editorial Iberia, 1974.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. *Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1996.

CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. *et alii. Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. *Meleagro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1978.

Código de Direito Canônico. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983.

Como colher babosa corretamente. s/d. Vegetall. Disponível em: <<https://www.vegetall.com.br/babosa/dicas-de-como-fazer-a-colheita-de-folhas-da-babosa/>>. Acesso em 30 de abr. de 2017.

Comunicado a Congregação para as Causas dos Santos. Cidade do Vaticano: Congregação para as Causas dos Santos, 2005.

Constituição Apostólica *Lumen Gentium*. Cidade do Vaticano: Concílio Vaticano II, 1964.

CONTI, Servilio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CORREIA, Iara Toscano. *João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/MG (1956 – 2002)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, 2003.

COSTA, Éden Moraes da. *Médico de ontem e de hoje: ciência, fé e santidade no culto a Camilo Salgado (1874-1938) em Belém do Pará*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, 2004.

COTRIM, Dário Teixeira. *Guanambi: aspectos históricos e genealógicos*. Belo Horizonte, 1994.

COTRIM, Dário Teixeira. *O Distrito de Paz do Gentio e a História de sua Decadência*. Montes Claros: Penna Editora e Gráfica Ltda, 1997.

CRUIKSHANK, Julie. “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões.” In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

CUNHA, Ana Zoe Schilling da. *Hanseníase: a história de um problema de saúde*. Edunisc, 2000.

CYMBALISTA, Renato. *Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna*. Anais do Museu Paulista. v. 14. n. 2. São Paulo, p. 11-50, 2006.

DAT, Anthony D.; POON, Flora; PHAM, Kim BT.; DOUST, Jenny. *Aloe vera for treating acute and chronic wounds*. Cochrane Database Syst Rev, v. 15(2), p. 1 – 30, 2012.

DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

DOUILLET, Jacques. *Que é um santo?* Sei e creio, enciclopédia do católico no século XX. Quarta parte: a vida em Deus, os mediadores. Trad. Lucia J. Villela. Editora Flamboyant, 1960.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1912].

ETELVINO, Sebastião. *Padre Libério, o santo do oeste de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1989.

FAGUNDES, Antônio. *As Santas prostitutas*. Um estudo de devoção popular no Rio Grande do Sul. 1984. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1984.

FIGUEIREDO, Beatriz Helena Ramsthaler. *Os ex-votos do período colonial: uma forma de comunicação entre pessoas e santos (1720 – 1780)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. São Paulo, 2010.

FO, Jacopo; MALUCELLI, Laura; TOMAT, Sergio. *O Livro Negro do Cristianismo - Dois Mil Anos de Crimes Em Nome de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FOXÉ, John. *O Livro dos Mártires*. Trad. Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

FRANCISCO, Papa. *Homilia 27 de abril de 2014*. Praça de São Pedro, II domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia). Cidade do Vaticano, 2014.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e senzala*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1971 [1933].

_____. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1936.

GAJANO, Sofia Boesch. *Miracle et miracles: réflexions sur le phénomène Berlusconi*. Terrain, Paris, Ministère de la Culture et de la Communication, n. 24, 1995.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOMES, Lilian Alves. *Entre famílias, lugares e objetos: uma etnografia da santidade de Padre Libério*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Estudos em Morfopragmática e Morfologia Diacrônica*. São Paulo: Booklink, 2006.

GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GUEDES, Thaís Barreto. *Serpentes da Caatinga: diversidade, história natural, biogeografia e conservação*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Biologia Animal. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, São Paulo, 2012.

GUENÉE, Bernard. *Histoire et culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier Montaigne, 1980.

GUIMARÃES, Elísio Cardoso. *Leocádia*: romance histórico. Guanambi, 1991.

GUIMARÃES, Francisco Portugal. *Proprium sanctorum*: o culto a suas relíquias e a seus relicários. *População e Sociedade*. CEPESE Porto, vol. 20, p. 53-67, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006 [1950].

HEAD, Thomas. *Hagiography e the cult of saints*. New York: Cambridge University Press, 1990.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo*: devoções e manifestações da religiosidade popular. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2004.

_____. *João Paulo II: De Sua Santidade a Santo das Multidões*. V Congresso Internacional de História. 2011. Disponível em <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/70.pdf>>. Acesso em 02 de jan. de 2011.

KOENIG, Samuel. *Elementos da Sociologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988 [1962].

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. *O Sagrado Existe*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LE GOFF, Jaques; TROUNG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEITE, Eduardo de Oliveira. *Tratado de direito de família*: origem e evolução do casamento. Curitiba: Juruá, 1991.

LIFSHITZ, Felice. *Beyond Positivism and Genre: Hagiographical Texts as Historical Narrative*. Viator. Medieval and Renaissance Studies, v. 25. p. 95 – 113, 1994.

Los 813 mártires de Otranto salvaron Roma resistiendo a los turcos. s/d. Disponível em <<http://www.ministridei.es/archivos/santosypopulares/6adf0c0b8a504e0c.pdf>>. Acesso em 02 de fev. de 2017.

LÚLIO, Raimundo. *O livro dos mil provérbios (1302)*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Editora Escala, 2007.

MAUSS. Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988 [1950].

_____. *A Prece*. In: Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MEIRA, Dulce da Silva. *Rimando a história*. Guanambi, s/d.

MEIRELES, Márcio Mendonça. *Padre Libério: Pobreza, humildade e fé*. Pará de Minas: Edição do autor, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “Representações da cura no catolicismo popular.” In: ALVES, Paulo Cesar (Org.) *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

MENDES, Sandra Regina. *Nos caminhos das tropas: história, cultura e turismo em Ipiáú e entorno*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz. Bahia, Ilhéus, 2006.

MENEZES, Renata. “Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção.” IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MOTA, Alessandra de Martino. *Óbitos e hospitalizações associados à infecção pelo vírus varicelazoster no período anterior à introdução da vacina tetraviral no Programa*

Nacional de Imunizações no Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Medicina Tropical, Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MOURA, Ellen Cristina Dias. *Eu te benzo, eu te livro, eu te curo*: nas teias do ritual de benzeção. MNEME – Revista de Humanidades. v. 12, n. 29. p. 340 – 369, 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/980/964>>. Acesso em 10 de fev. de 2017.

NETO, Lira. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NEVES, Erivaldo F. e MIGUEL, Antonieta (Org.). *Caminhos do Sertão*: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios colônias dos sertões da Bahia. Salvador: Arcádia, 2007.

Normae e Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis Faciendis in Causis Sanctorum. Cidade do Vaticano: Congregação para as Causas dos Santos, 1983.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. *Semiologia dos ex-votos na Bahia*: arte, simbolismo e comunicação religiosa. Revista Diálogos Salvador. Bahia, p. 111-125, 2006.

_____. *Ex-votos escritos*: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil. Anais do INTERCOM. v. 31. São Paulo, p. 13-31, 2007.

PADOVESE, Luigi. *Diálogos entre Santos de Mármore*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Paróquia Nossa Senhora das Graças. Arquidiocese de Vitória da Conquista. *Histórico da cova do irmão Antônio*: dados históricos do irmão Antônio e alguns de seus milagres contados e vividos na experiência de fé do povo. Cândido Sales, s/d. Folder exposto na romaria de santo irmão Antônio nos anos de 2014, 2015 e 2016.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. Apresentação da Coleção Marco Conciliar. In: DOMEZI, Maria Cecília. *O Concílio Vaticano II e os pobres*. São Paulo: Paulus, 2014.

PEREIRA, Aline. *Avaliação das atividades antitumoral e cicatrizante de extratos provenientes da casca de banana cultivar Prata Anã (Musa spp)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Biotecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Santa Catarina, 2010.

PEREIRA, José Carlos. *A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo*. Revista de Estudos da Religião, PUC-SP. Nº 3, p. 67-98, 2003.

PEREIRA, Thiaquelliny Teixeira. *Memória e Discurso Religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, Bahia, 2010.

PIERRUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. Religião, sociedade e política. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PINHEIRO, Marcus Reis. *Religião e estética na Grécia Antiga*. Revista Exagium. n. 8. Ouro Preto, 2010. Disponível em <http://www.revistaexagium.ufop.br/PDF/Edicoes_Passadas/Numero8/5.pdf>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *O estigma do pecado: a lepra durante a Idade Média*. Physis – Revista de Saúde Coletiva. v. 5. n. 8. Rio de Janeiro. 1995.

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA E DE SÍTIOS HISTÓRICOS DO ESTADO DA BAHIA. *Acervo Rio de Contas*. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em <http://www.acervoriodecontas.ufba.br/site/uploads/texto/HISTORIA__RIO_DE_CONTAS.pdf>. Acesso em 18 de fev. de 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O catolicismo rústico no Brasil*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n. 5. São Paulo, p.103-123, 1968.

- QUINTANA, Manuel. Alberto. *A ciência da benzedura*. São Paulo: Ed. Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Vaqueiros, bois e boiadas – trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro*. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 10, p. 135-164, 1998.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- SANTOS, Ana Paula Gonçalves. *Análise da escolha lexical no estudo de provérbios em LDP*. Anais do SIELP. v. 2. n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_024.pdf>. Acesso em 10 de jun. de 2015.
- SANTOS, Isabel Maria Dâmaso de Azevedo Vaz dos. *Do altar ao palco: Santo António na tradição literária, artística e teatral em Portugal e em Espanha*. Tese de Doutorado, Departamento de Literaturas Românticas, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2014.
- SANTOS, Luene Gonçalves dos. *A inserção das benzedadeiras no meio popular (Pires do Rio e Palmelo)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2016.
- SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. *A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos*. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. ago, 2010. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf>. Acesso em 10 de jan. de 2016.
- SANTOS, Rodolfo Benedito; PAPALI, Maria Aparecida. *A influência do tropeirismo no início da formação histórica de São Francisco Xavier*. Anais do XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. São José dos Campos, p. 3223-3226, 2007.

- SANTOS FILHO, Licurgo. *Uma comunidade rural no Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no sertão da Bahia nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- SATHLER, Evandro. *Tropeiro e outros viajantes*. Niterói: PPGSD-UFF/Edição do autor, 2003.
- SCHMITT, Jean Claude. *A história dos marginais*. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Guanambi, de flor em flor*. Guanambi, 1996.
- SILVA, João Batista. *O Santo de Nossa Fé! Padre Libério, origens históricas e o clero*. 3. ed. Bom Despacho: Edição do autor, 2004.
- SILVA, Miguel Bonfim Moreira. *Cordel: a história da Cova de Pedro e seus milagres*. Ribeirão do Largo, 1985.
- SOARES, Hugo Ricardo. *Devoção, causa e processo canônico do padre Rodolfo Komorek: um estudo sobre a produção da santidade no catolicismo*. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2015.
- SOUSA, Maria de Jesus. *Visita à Cova de Pedro em Literatura de Cordel*. Ribeirão do Largo, 2013.
- SOUTO, Lucinda Carvalho. *Oralidade e Identidade Cultural: a Memória de um povo e a criação de um Santo*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2008.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. *Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular*. Natal: IFRN, 2013.

STINHEN, Marcela Guasque. *Padre Cícero: a canonização popular*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2000.

TEIXEIRA, Celso Márcio. “Francisco de Assis: o homem e seu mundo”. In: MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *São Francisco e as fontes franciscanas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: IFAN, 2007.

TEIXEIRA, Domingos Antônio. *Respingos históricos*. Guanambi, 1967.

TEIXEIRA, Faustino. “FACES DO CATOLICISMO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO.” IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TEIXEIRA, José Roberto. Cordel. *Vida e morte de Leocádia*. Guanambi, 1990.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *João Paulo II: um ativista midiático*. 2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-papa-joao-paulo-II.pdf>>. Acesso em 02 de fev. de 2017.

VAUCHEZ, André. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d’après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2ème éd. Roma: École française de Rome, 1981.

_____. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

_____. *Saints admirables et saints imitables: Les fonctions de l’hagiographie on-elles change aux derniers siècles du Moyen Age*. In: *Les fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe-XIIIe siècle)*. Roma: École Française de Rome. p. 162 – 172, 1991.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. [1920].

WOODWARD, Kenneth L. *Fábrica de Santos*. São Paulo: Siciliano, 1992.

ANEXO A – Decreto que declara Leocádia como utilidade pública.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUANAMBI
PRAÇA HENRIQUE PEREIRA DONATO, 90 – CENTRO
CNPJ nº 13.982.640/0001 – 96
CEP 46.430-000 – GUANAMBI – BAHIA
Fonefax: (77) 3451-8700

DECRETO Nº 352 DE 30 DE MARÇO DE 2007

“Declara de Utilidade Pública, para fins de desapropriação, o imóvel abaixo discriminado, e dá outras providências”.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE GUANAMBI, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no Decreto-Lei nº 3.365 de 21 de junho de 1941, modificado pela Lei Federal nº 4.132 de 10 de setembro de 1962, e demais combinações da Lei Orgânica Municipal.

DECRETA

Art. 1º. Fica declarado de Utilidade Pública para efeito de desapropriação parte de um imóvel de propriedade de Sr. Vitor Hermenegildo Cardoso de Castro, constante de uma área de terra medindo 3.0 (três) hectares, correspondente a área do lajedo e do túmulo de Leocádia, no Município de Guanambi.

Art. 2º. A declaração de Utilidade Pública, objetiva a desapropriação do imóvel referido no artigo anterior, para a proteção e preservação de paisagens e locais particularmente dotados pela natureza (art. 5º, alínea “k”, in fine, do Decreto-Lei nº 3.365/41).

Art. 3º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO DO MUNICÍPIO DE GUANAMBI, ESTADO DA BAHIA, em 30 de março de 2007.

Charles Fernandes Silveira Santana
Prefeito em exercício

ANEXO B – Folder do histórico da cova do irmão Antônio.

**PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS.
ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA**

Praça Dom Clímério de Andrade, 226 - Centro CEP 45.157-000
TELE / FAX: (077) 3438-1279. Cândido Sales - Bahia.
www.paroquiasng.com.br e-mail: paroquiasng@oi.com.br

**HISTÓRICO DA COVA DO IRMÃO
ANTÔNIO.**

**DADOS HISTÓRICOS DO IRMÃO ANTÔNIO E ALGUNS DE SEUS MILAGRES CONTADOS E VIVIDOS
NA EXPERIÊNCIA DE FÉ DO POVO.**

(CONTADO POR MANOEL SOARES DE OLIVEIRA E DEMAIS PESSOAS DA REGIÃO)

Segundo dados comprovados e narrados por familiares da região. Tem 120 anos do seu falecimento, segundo seu Mamédio da Fazenda dos Macacos. Ele tinha 84 anos quando falou. E já contava essa história antes do falecimento em 1978.

O irmão Antônio era tropeiro, que passava por essa região. Nesse local onde foi encontrado também enterrado, morreu engasgado com farofa de galinha com um osso. Depois de três dias foi encontrado ainda com a boca suja de farofa. Ali mesmo foi enterrado, pois já estava em estado avançado de decomposição.

Todos os tropeiros que passavam ali colocavam pedras, terra, farofa. Eram vários tropeiros que vinham da região de Minas, Berizal passando pelo Porto de Santa Cruz e toda essa região.

Os tropeiros iam para Jequié e região levando suas mercadorias (rapaduras, carnes, sal e tecidos). Muitos ficavam acampados aí por causa do amigo e companheiro. Que morava aí sepultado.

O início do século XX foi construído uma capelinha de madeira e enchimento, vindo a ser estragada pelos cupins.

Contam que: quando os tropeiros descuidavam dos animais fugiam para longe da hospedaria, então os mesmos pediam ao irmão Antônio a fim de trazê-los até eles. Assim acontecia, por isso ainda hoje se pede milagres também pra recuperação de animais.

ESTAMOS ENUMERANDO ALGUNS MILAGRES E GRAÇAS ALCANÇADAS POR DEVOTOS DO IRMÃO ANTÔNIO.

1. “Quésia filha de D. Benvida, não tinha fé. Um dia seu marido comprou uma junta de bois. Um deles foi picado por uma cobra, então ela ficou preocupada porque seu marido ainda estava devendo, temia morrer e não poder pagar (já estava mal). Veio um amigo e disse: se ela tivesse fé pedia ao irmão Antônio. Se o animal não morresse, ela fazia uma nova capelinha na cova do irmão Antônio. Assim aconteceu, ela sendo válida pagou 30 mirreís ao pedreiro Acemiro. Isso foi em Junho de 1956. Essa capela é a que existe até hoje”
2. “Eu sou Marcelo Alves Neto, tinha lepra em todo o corpo. Pedi uma graça ao irmão Antônio e uma Benção de Deus. Fiquei curado! Hoje sou o mais são da família”.
3. “Lidiane com 3 meses de idade estava doente, muito grave, parecia que ia morrer, já estava toda fria. Nós familiares apelamos pela graça do irmão Antônio, diante de Deus, a fim de que nos valesse. Na hora da agonia a graça foi alcançada. - Hoje sou uma jovem saudável, bonita, inteligente e estudiosa. Hoje agradeço pela graça alcançada em Dezembro de 1985”.
4. “Antônia Ferraz de Oliveira, com 50 anos, residente na Fazenda Barra do Mel em Tremedal. Teve duas grandes crises de derrame cerebral indo até parar no balão de oxigênio por muitos dias. - Meu sobrinho vindo visitar-me e vendo a gravidade, fez um apelo muito forte ao irmão Antônio e a Deus para me salvar daquela situação e daquele terrível mal. Ele prometeu que logo que sua tia Antônia ficasse boa ela iria àquela Igreja dar graças a Deus e visitar a cova do irmão Antônio para rezar pela graça alcançada. Barra do Mel, junho de 1994”.
5. “Eu sou Expedito Nogueira Vargens, era muito doente, fiquei 5 anos sem caminhar até os 14 anos caindo das pernas. Minha mãe fez uma promessa com o irmão Antônio, sou hoje uma pessoa forte e são graças a Jesus e a fé em ir. Antônio. Hoje estou ajudando os meus pais. Jacobina – Ba”.
6. “Maria Gonçalves Costa estava muito doente da perna não conseguia andar de tanta dor. - Fiz uma promessa ao irmão Antônio. Hoje sou curada e vim pagar a promessa”.
7. “Minha filha foi ofendida de cobra, ficou muito mal. Apeguei com o irmão Antônio para interceder a Deus para ela não morrer que eu a levaria sã lá na cova dele para rezar o terço de joelhos, logo sarou, hoje estou pagando a promessa. Vitória Ferreira”.
8. “Já obtive muitas graças, sou Maria Ferreira da Exaltação. Um conhecido meu andava com uma dor na perna, não tinha jeito mesmo depois de passar por vários médicos. Andava de muletas. Apeguei-me ao irmão Antônio que intercedesse a Deus. Ele era de Macarani, não falei nada pra ele. Depois de ter passado alguns anos, o mesmo veio em minha casa, contando que estava curado, aí fomos pagar a promessa”.
9. “Ou devota do irmão Antônio desde os 7 anos, agora tenho 74 anos. Já recebi quatro graças. Todos os anos venho agradecer a Deus e ao irmão Antônio”.

Este folheto explicativo sobre a vida e milagres realizado pelo irmão Antônio foi elaborado pelo padre Vasco e equipe de devotos que andaram pesquisando e colhendo esses milagres colocados em sua sepultura.

Hoje, o Pe. Paulo Raimundo veem salientar a importância desta pessoa tão querida que é o irmão Antônio.

Que todos continuem alcançando suas graças diante do nosso grandioso Deus.

Fraternalmente, Pe. Paulo Raimundo dos Santos e
Comissão Organizadora